



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

EUGÊNIA PATRÍCIA DE ALMEIDA SEIXAS

**METODOLOGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS DO TURISMOLOGO: Uma percepção do docente do curso
de turismo da UFRN**

NATAL/RN

2015

EUGÊNIA PATRÍCIA DE ALMEIDA SEIXAS

**METODOLOGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS DO TURISMOLOGO: Uma percepção do docente do curso
de turismo da UFRN**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Turismo, na área de Gestão em Turismo.
Orientadora: Maria Valéria Pereira de Araujo, Profa. Dra.

NATAL/RN

2015

Catálogo da Publicação na Fonte.

UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA

Seixas, Eugênia Patricia de Almeida.

Metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo: uma percepção do docente do curso de turismo da UFRN / Eugênia Patricia de Almeida Seixas. - Natal, 2016.

190 f: il.

Orientador: Profa. Dra. Maria Valéria Pereira de Araujo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO
MESTRADO EM TURISMO

**METODOLOGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS DO TURISMOLOGO: Uma percepção do docente do curso
de turismo da UFRN**

EUGÊNIA PATRÍCIA DE ALMEIDA SEIXAS

(Autora)

Dissertação de Mestrado apresentada e aprovada em 31 / 08 / 2015, pela Banca Examinadora composta dos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Profª. MARIA VALÉRIA PEREIRA DE ARAÚJO, Dra.

Orientador – UFRN – PPGTUR

Profª. PATRÍCIA WHEBBER SOUZA DE OLIVEIRA, Dra.

Examinador Interno – UFRN – PPGA

Profª. SANDRA LEANDRO PEREIRA Dra.

Examinador Externo – UFPB – CCSA - DA

NATAL/RN
2015

AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo tão simples, mas ao mesmo tempo, tão difícil de se fazer. Amigos, colegas, parentes, funcionários, professores, conhecidos e até desconhecidos que em algum momento ou até mesmo em vários momentos, foram responsáveis em me motivar a continuar no mestrado.

Mudanças aconteceram e posso dizer que foram muitas. Lembro-me, como se fosse ontem, quando em sala nos foi perguntado quem gostaria de seguir a carreira acadêmica, se tornar um professor. E em uma turma de vinte e poucos alunos eu fui à única que disse que não entrei no mestrado em busca disso. E por ironia do destino, aqui estou eu, sendo uma Professora, e exercendo uma profissão que aos poucos está me conquistando com os seus desafios e incertezas.

Mestrado, ah! o mestrado. Confesso que quando eu entrei, eu não sabia no que eu estava “me metendo”, voltar à academia depois de 15 anos no mercado de trabalho e pior, o Turismo não sendo minha formação de origem (para muitos uma grande loucura), mas para mim, um desafio, que já completou dois anos.

Nesse período tive o apoio de tanta gente legal, que vendo as minhas dificuldades (onde algumas persistem até hoje), tiveram paciência em me explicar, mostrar, demonstrar, tentar de alguma forma amenizar o meu atraso acadêmico. Obrigado a todos, vocês sabem quem são.

Nessa minha jornada de conhecimento, vários professores foram importantes, seja pelos conteúdos ministrados, seja pelas metodologias utilizadas, seja por me ajudar com alguma dificuldade, seja me estimulando e mostrando possíveis caminhos a serem seguidos, seja por... alguns nem perceberam o quanto foram e são importantes nesse momento da minha vida, mas acreditem, vocês são e sempre serão lembrados, comentados e imitados na minha vida profissional. Eu dando continuidade como professora ou não. (Juliana Vieira, Sérgio, Carlos Alberto, Lissa, Leilianne, Wilker, Fransualdo, Kerlei, Mauro, Maria Lúcia, Luiz Mendes) O meu muito obrigado, por terem partilhado os seus conhecimentos comigo.

Gostaria de Agradecer uma professora em especial, que com paciência e dedicação vem me mostrando que eu posso ter um futuro na academia, que eu tenho condições de me desenvolver, que eu tenho as “ferramentas” necessárias, e que nos últimos seis anos vem me mostrando o que é ser “A” profissional, a minha orientadora Valéria Araujo. Obrigado por ser a pessoa que você é e sempre pronta a me auxiliar, a me mostrar que o Magistério tem os seus desafios, mas que vale a pena.

Não tenho como não falar “das minhas turmas”, a minha original 2013, a anterior 2012 e a de 2014, que ao longo desses dois anos, me fizeram acreditar que a amizade é possível e que com ela conseguimos alcançar tudo o que desejamos. Nos “aperriamos”, viramos noites em claro, trocamos mensagens, discutimos, nos afastamos, nos reaproximamos, nos descobrimos,... E assim nos apoiamos.

A Coordenação do curso que no início do meu mestrado tinha como coordenador o professor Mauro e vice-coordenador a professora Lissa e agora dando continuidade

com os professores Wilker e Valéria que ao longo desse período fizeram e fazem de tudo para o nome do PPGTUR crescer no cenário nacional e internacional.

Gostaria de agradecer também, a Aluísio, e em especial a Juliane que com seu “jeitinho maroto” de ser, consegue nos deixar sempre alertas e “a par” do que está acontecendo no PPGTUR. Obrigado pelo carinho e atenção.

E o meu principal agradecimento vai para a minha família, meus pais Seixas e Eugênia, meu irmão Marcelo e minha cunhada Marcela, as minhas sobrinhas Manuela e Maria Luiza, minha tia Graça, meu avô Marisio e minhas avós Tomelina e Lucila que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todas as minhas decisões, que torceram e torcem com todas as minhas conquistas, que sonham comigo, que sofrem comigo, que viram noites comigo, que me ajudam e me incentivam a cada instante. Dizer que os AMO é pouco, e receber esse amor, é inacreditável. E tenho certeza que se eles não estivessem em meus pensamentos e ao meu lado nesse período da minha vida, essa etapa não estaria completa.

Então agora, só tenho que agradecer. **OBRIGADO, OBRIGADO E MEU MUITO OBRIGADO** por me aceitarem do jeito que eu sou e me ajudarem a me tornar uma pessoa um pouquinho melhor do que no início dessa jornada.

DEDICATÓRIA

A minha família, principalmente meus
pais, razão do meu viver

“Independente de nossa consciência ou vontade, o futuro está sendo gestado e parido o tempo todo por todos nós, educadores profissionais ou não. Porém, se o quisermos de forma que seja um Futuro que proteja a Vida Coletiva e eleve e honre nossa dedicação profissional, precisamos repensar e refazer nossas práticas”.

(Mario Sérgio Cortella)

SEIXAS, Eugênia Patrícia de Almeida. METODOLOGIAS DE ENSINO PARA O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DO TURISMOLOGO: **Uma percepção do docente do curso de turismo da UFRN** Dissertação de Mestrado em Turismo. Programa de Pós-Graduação em Turismo – CCSA- PPGTUR – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Brasil. Natal - RN, nº pág. 190, 2015.

RESUMO

As Metodologias de ensino podem ser definidas como elementos básicos de discussão da ação docente, no ato de ensinar e apresentar o conteúdo. Existem metodologias de ensino mais tradicionais com seus princípios mais voltados para decorar e o repetir, como também, metodologias ativas alicerçadas no princípio da autonomia, e no desenvolvimento de competências. O objetivo do estudo é compreender a percepção dos docentes em relação à adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo no curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para alcançar essa finalidade foi realizado um estudo de caso de natureza exploratória, com a aplicação de um roteiro de entrevista semi-estruturado junto a 29 docentes do curso, selecionados por meio de uma amostra intencional, adotando-se a abordagem de análise qualitativa. Os resultados do trabalho apontaram que os docentes adotam mais um pluralismo metodológico, onde a escolha dessa metodologia é proveniente do perfil da turma e do conteúdo a ser ministrado em sala. Identificou-se ainda que as metodologias consideradas como sendo as mais apropriadas para a aplicação no curso de turismo, foram as metodologias ativas. Em relação às principais dificuldades e desafios das estratégias pedagógicas adotadas pelos docentes em sala de aula, evidenciou-se a desmotivação do discente, além da sua falta de compreensão em relação a importância de uma base teórica e de leitura consistente para entender e desenvolver as práticas de turismo, o que permitiu a sua aplicação prática, contribuindo assim no desenvolvimento das competências. Por fim, o estudo conclui que as metodologias de ensino, devem valorizar uma associação entre a teoria e a prática, permitindo uma visão crítica do discente, contribuindo com o desenvolvimento de competências, principalmente com as habilidades necessárias para a atuação do turismólogo.

Palavra-chave: Metodologias de Ensino. Competências. Turismo.

SEIXAS, Eugênia Patrícia de Almeida. TEACHING METHODS FOR THE SKILLS DEVELOPMENT TOURISM SPECIALIST: One perception teachers in ufrn tourism course. Master's Thesis in Tourism. Postgraduate Program in Tourism – CCSA-PPGTUR. Federal University of Rio Grande do Norte. Brazil. Natal-RN, n° page. 190 2015.

ABSTRACT

Teaching methodologies can be defined as basic elements of discussion through teaching activities, and the act of teaching and presenting content. There are more traditional teaching methods with its more focused principles to decorate and repeat, but also active methodologies grounded on the principle of autonomy and skill development can be used. The aim of the study is to understand the perceptions of teachers in relation to the adoption of teaching methodologies for the development of the tourism specialist skills in the course of Tourism of the Federal University of Rio Grande do Norte. To achieve this purpose a case study is conducted in an exploratory nature, with the application of a semi-structured interview with 29 teachers in the course. They are selected through an intentional sample, adopting a qualitative analysis approach. Our results showed that the professors adopt more a methodological pluralism, where the choice of this method comes from the class profile and the content to be taught within the classroom. It is also identified that the methodologies considered are the most suitable for the application in the tourism course; the active methodologies. Also, regarding the main difficulties and challenges of pedagogical strategic that was adopted by teachers in the classroom, he presented the motivation of the student, in addition to their lack of understanding in relation the importance of a theoretical base and reading is to understand and develop practices through tourism, in addition to allow its practical application, thereby contributing to the development of skills. Finally, the data showed that the teaching methodologies, should value an association between theory and practice, allowing a critical view of students, contributing to the development of skills, particularly with the skills necessary for the performance of tourism specialist.

Keyword: Teaching Methodologies. Skills. Tourism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Corrente Racional Tecnológica.....	23
Quadro 2	Corrente Neocognivista.....	24
Quadro 3	Corrente Sociocrítica.....	24
Quadro 4	Corrente Holística.....	25
Quadro 5	Corrente Pós-moderna.....	27
Quadro 6	Síntese das Tendências Pedagógicas	29
Quadro 7	Metodologias de Trabalho Docente	39
Quadro 8	Definições de Competências	59
Quadro 9	Esquema Geral de Pesquisa.....	76

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Evolução dos Cursos de Graduação em Turismo no Brasil.....	71
Figura 2	Reestruturação nos Cursos de Graduação em Turismo no Brasil.	72

LISTAS DE SIGLAS

ABP	Aprendizagem baseado em Problemas
CBO	Classificação Brasileiro de Ocupação
CCSA	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
CNE	Conselho Nacional de Educação
DETUR	Departamento de Turismo
EAD	Ensino a Distância
IBL	<i>InquiryBased Learning</i>
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
TEM	Ministério do Trabalho e do Emprego
PBL	<i>ProblemBased Learning</i>
PPPC	Projeto Político Pedagógico do Curso
RN	Rio Grande do Norte
TEFI	<i>Tourism Education a Future Iniciatives</i>
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
URN	Universidade do Rio Grande do Norte
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	Problema.....	12
1.2	Justificativa.....	15
1.3	Objetivos.....	16
1.3.1	Objetivo Geral.....	16
1.3.2	Objetivos Específicos.....	16
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
2.1	Evolução do ensino, correntes e tendências pedagógicas.....	18
2.2	Metodologias de ensino: tradicionais e ativas.....	32
2.3	Docente: suas práticas, dificuldades e desafios na aplicação das metodologias.....	45
2.4	Evolução, competências e competências profissionais do turismólogo.....	54
3	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	68
3.1	Aspectos Epistemológicos.....	68
3.2	Caracterização da Pesquisa.....	69
3.3	Caracterização da UFRN e do curso de turismo.....	70
3.4	Sujeitos da Pesquisa.....	72
3.5	Coleta dos Dados	73
3.6	Abordagem e Categorias de Análise.....	74
4	ANÁLISES DOS DADOS.....	77
4.1	Metodologias adotadas pelos docentes na disciplina.....	77
4.2	Análise da adoção das metodologias mais apropriadas para o curso de turismo.....	86
4.3	Dificuldades e desafios na aplicação de metodologias de ensino.....	91
4.4	Contribuições das metodologias no desenvolvimento de competências para os discentes.....	98
5	CONCLUSÃO.....	103
	REFERÊNCIAS.....	107
	APÊNDICE.....	116
1.	ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	117
2.	ENTREVISTAS TRANSCRITAS.....	118
	ANEXOS.....	169
1.	PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO DE TURISMO – 2008.....	170
2.	RESOLUÇÃO N° 13, DE 24 DE NOVEMBRO DE 2006 – DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM TURISMO.....	187

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo discute uma descrição detalhada do problema da pesquisa, em seguida foram definidos os objetivos geral e específicos, apresentando ainda os motivos que justifiquem o desenvolvimento do trabalho através da justificativa.

1.1 Problema

O ensino tradicional ainda é amplamente divulgado e utilizado até os dias atuais, tendo uma forte influência do mecanicismo de inspiração cartesiana, newtoniana, fragmentado e reducionista. E essa fragmentação do saber manifestou-se no fortalecimento das subdivisões, e nesse sentido, o processo ensino-aprendizagem, tem se restringido muitas vezes, à reprodução do conhecimento, no qual o docente assume um papel de transmissor de conteúdos e ao discente cabe a retenção e repetição em uma atitude passiva e receptiva, tornando-se mero expectador, sem a necessária crítica e reflexão. (CAPRA, 2006).

As teorias educativas tradicionais concebem o fenômeno educativo como uma relação de causa-efeito, linear, preconcebido, ordenado e estabilizado em uma aula, onde: o professor ensina e os alunos aprendem, utilizam-se materiais auxiliares para o ensino e se desenvolvem algumas dinâmicas que a própria teoria diz como controlar (COLON, 2006).

Por outro lado, as metodologias ativas estão alicerçadas em um princípio teórico significativo: a autonomia, onde os discentes são capazes de autogerenciar seu processo de formação, algo explícito na invocação de Freire (2014), “que ensinar não é transferir conhecimento, mais criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

Com relação à adoção das aplicações metodológicas, por parte do docente torna-se relevante salientar que existem perfis diferentes de docentes em sala de aula e que é preciso que haja respeito ao modo como ele enxerga o seu saber e como o expressa no ato de ensinar, porém, há uma percepção que quando o docente opta por

uma determinada forma de agir é porque ele estabeleceu e direcionou suas ações no desenvolvimento de um propósito.

O ensinar exige respeito à autonomia e a dignidade de cada sujeito, especialmente no âmago de uma abordagem progressiva, alicerçada em uma educação que leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói a sua própria história (COSTA, 2004).

A dificuldade docente na prática pedagógica ainda é uma constante, quando associado a algo desestimulante e desgastante. E isso pode ocorrer quando se encontra uma sala de aula, onde há uma dualidade. Alunos que participam de fato do processo pedagógico e alunos que apenas assistem a esse processo, sem de fato fazer parte, ou ter algum tipo de relacionamento com o aprendizado. E a dificuldade surge a partir do momento que o docente não foi preparado para essa segunda realidade, somente pra primeira, o que pode provocar uma marginalização da experiência docente. (CUNHA, 2012)

O desafio docente surge com essa nova concepção do processo de ensino aprendizagem, onde o conhecimento leva em consideração uma perspectiva histórico-social. Onde haja um favorecimento a produção de conhecimento e que esse conhecimento possa ser construído e reconstruído conforme a sua necessidade de utilização, suas experiências e seu desenvolvimento profissional. (NUNES, 2001)

Diante desses desafios, cabe ao docente identificar dentre outras coisas quais as metodologias mais adequadas levando em consideração aspectos como a estrutura da organização de ensino, o perfil do discente, o seu próprio perfil como conhecedor de metodologias e o mais importante se está apto a utilizá-las, dentro de um contexto que possibilite a orientação e o desenvolvimento de competências, habilidades e autonomia dos discentes do curso.

Nesse contexto de autonomia, destaca-se o conceito de competência que compreende na visão de Zafarian (2003, p.137), “Competência é a tomada de iniciativa e o assumir de responsabilidade do indivíduo sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais”.

A implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN - surge no cenário da educação superior definindo, entre suas finalidades, o estímulo ao conhecimento dos problemas do mundo atual (nacional e regional) e a

prestação de serviço especializado à população, estabelecendo com ela uma relação de reciprocidade. (Brasil, Lei nº 9.394/96). Ou seja, busca uma maior interação entre o mundo acadêmico e o mundo real, com a troca de informação e de saberes.

Com essa nova visão nas diretrizes educacionais onde há uma acentuada busca da competência profissional, proveniente de uma evolução do ensino, que visa uma formação continuada e uma interação entre o mundo acadêmico e o mundo real. O desenvolvimento de competências surge como a possibilidade de mobilizar alguns recursos cognitivos necessários para a atuação do discente em formação e futuro profissional atuando no dia a dia das organizações do turismo.

Nesse sentido, espera-se que o profissional do turismo ao sair do mundo acadêmico, tenha desenvolvido competências que possibilitem e proporcionem uma capacidade de compreender e intervir no contexto das atividades turísticas; que esteja preparado para perceber suas implicações e oportunidades nessa atividade; apto para elaborar e manipular ferramentas para o planejamento, a organização e a gestão eficaz das atividades turísticas. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE TURISMO [PPP], 2008).

Na visão de Fornari (2006), os cursos superiores de turismo atendem parcialmente a formação de competências e as necessidades do mercado de trabalho, pelo dinamismo apresentado no setor de turismo, sendo imprescindível uma maior aproximação entre o mundo do trabalho e a academia.

Entende-se assim que o autor discute que os cursos apesar de tentarem desenvolver ações voltadas para o desenvolvimento de competências, ainda não conseguem atender todas as necessidades do mercado de trabalho e isso pode ocorrer, seja pelo dinamismo do setor, como demonstrado pelo autor, como também pela própria estrutura da universidade que por ser hierarquizada e de certa forma burocratizada, não consegue acompanhar as atualizações existentes no mercado e assim desenvolver ações que possibilitem acompanhar esses constantes novos setores do turismo.

Schlindwein (2003) complementa essa discussão alertando para o distanciamento da realidade e a sua conseqüente padronização nos cursos de turismo. E isso pode ocorrer devido a um distanciamento com as questões sociais, econômicas

e culturais o que pode interferir no desenvolvimento e elaboração de projetos mais voltados a realidade turística regional, nacional ou internacional.

Rejowski (2011), por sua vez, comenta que apesar de haver discussões para o desenvolvimento de ações para uma melhoria do ensino superior no Brasil, ainda há uma carência de estudos que possibilitem a construção de metodologias de ensino e aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento da área.

A autora ainda discute diversas ações para a melhoria do ensino superior em Turismo no Brasil, além de ressaltar a carência de estudos voltados para o ensino-aprendizagem sobre a realidade turística brasileira, durante o I Seminário Internacional de Estudos Críticos em Turismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal (RN).

Percebe-se a preocupação dos autores, da interação entre os cursos de turismo e a sociedade, mais especificamente o mercado de trabalho e onde esse profissional irá atuar. Com informação, as constantes mudanças no mercado, a agilidade e o desenvolvimento estão afetando a forma de ver a graduação e a pós-graduação no Brasil. Surgindo assim, as seguintes reflexões. Quais as metodologias de ensino utilizadas e mais apropriadas para o curso de turismo? Qual o nível de facilidade ou de dificuldade apresentado por essas metodologias para o desenvolvimento de competências? De que forma as metodologias de ensino contribuem para o desenvolvimento de competências?

Diante desse contexto o presente estudo tem o intuito de responder a seguinte questão de pesquisa: Qual a percepção dos docentes em relação à adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo?

1.2 Justificativa

O trabalho se justifica pela necessidade de compreender com maior profundidade o conhecimento e as impressões dos professores que atuam no curso de turismo sobre as metodologias adotadas e as mais apropriadas, além de analisar dados sobre problemas e desafios para a implantação de estratégias de ensino que contemplem as particularidades e complexidade da área.

E o que motivou a pesquisa sob essa ótica, foi uma certa inquietação por parte da pesquisadora ao se deparar com alguns questionamentos por parte dos docentes e discentes quando o assunto era metodologia de ensino.

O estudo poderá provocar uma reflexão sobre a adoção de metodologias de ensino no curso de turismo e seus impactos no desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e habilidades nos alunos, favorecendo uma discussão sobre o projeto pedagógico do curso e o ensino de turismo.

O trabalho torna-se relevante ainda, devido à carência de estudos e pesquisas voltadas para a aplicação de metodologias no ensino do turismo, uma vez que os seus resultados podem contribuir com a disseminação de pesquisas e com a construção de conhecimentos voltados para a temática. Além disso, pode gerar uma reflexão nos coordenadores e docentes que atuam no curso, para uma possível adoção de metodologias de ensino mais apropriada para a área de turismo, contribuindo no desenvolvimento de competências profissionais vinculadas as demandas da sociedade.

Para o docente a adoção de metodologias vinculadas às demandas da sociedade poderá auxiliar na melhoria das práticas e da qualidade do ensino e consequente formação, profissionalização e desenvolvimento das competências do discente, como também para as suas próprias práticas de ensino.

Além de proporcionar uma visão mais crítica do ensino e aprendizagem no curso de turismo, com o intuito de diminuir o distanciamento das praticas pedagógicas e o mercado de trabalho.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo Geral

Compreender a percepção dos docentes em relação à adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo no curso dTurismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos docentes nas disciplinas;

- Levantar as metodologias mais apropriadas para o desenvolvimento das competências nos alunos do curso de turismo;
- Identificar as dificuldades e desafios na aplicação das metodologias de ensino;
- Descrever as formas de contribuição das metodologias de ensino no desenvolvimento das competências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo destaca uma visão panorâmica da evolução do ensino, as metodologias dentro de uma contextualização da educação e o papel do docente, suas práticas e dificuldades na aplicação de metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do discente do curso de turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

2.1 Evolução do Ensino, Correntes e Tendências Pedagógicas

Em uma realidade complexa, como é a brasileira, não é fácil construir um conceito de educação por estar inserido em um contexto profundamente marcado por desníveis. E pensar a educação num contexto é pensar que a ação educativa processasse de acordo com a compreensão que se tem da realidade social em que se está imerso. Assim, na medida em que se transforma, o homem se educa. E, na medida em que, se comunica os resultados de sua experiência, ele ajuda os outros homens a se educarem, tornando-se solidário com eles. (ROMANELLI, 2012)

A autora também ressalta que as instituições nascidas das necessidades das gerações mais velhas transmitirem às mais novas os resultados de sua experiência e, também, como objetivo de preservar e recriar esses produtos sofre, todavia na cultura transplantada, uma minimização de suas funções. Cedo ela se transforma em uma instituição ritualista, onde o cumprimento de certas formalidades legais tem valor em si mesmo.

O apego ao dogma e à autoridade, a tradição escolástica e literária, o desinteresse quase total pela ciência e a repugnância pelas atividades técnicas e artísticas tinham forçosamente de caracterizar, na colônia, toda a educação modelada pela metrópole Portugal, que se manteve fechada e irreduzível ao espírito crítico e de análise, à pesquisa e experimentação. O que fez com que o ensino que os padres jesuítas ministravam em suas colônias fosse completamente alheio a realidade que começava a despontar no restante da Europa com o desejo de aquisição de cultura mais vasta e profunda. (ANASTASIOU, 1998 e ROMANELLI, 2012).

Assim, o ensino foi conservado à margem, sem utilidade prática visível para uma economia fundada na agricultura rudimentar e no trabalho escravo, “porque não perturbava a estrutura, vigente, subordinava-se aos imperativos do meio social, marchava-se paralelamente a ele. Sua marginalidade era a essência de que vivia e se alimentava. Casavam-se, portanto, os objetivos da população, que buscava educação com os objetivos da educação jesuítica.” (SODRÉ, 1970)

Em princípio, o objetivo principal da Companhia de Jesus no Brasil era a obra de catequese, mas que acabou cedendo gradativamente o lugar, em importância, a educação da elite.

Os padres da recém-criada (1540) Companhia de Jesus chegaram ao Brasil em 1549, junto com o governador geral Tomé de Souza (...) Embora pelo mandato real sua principal missão fosse a conversão dos índios, a fundação dos colégios, nos moldes que se vinha multiplicando em diferentes regiões do mundo, acabou por assumir, senão a primazia, importância pelo menos comparável à outra. (CUNHA, 1986, P.24)

E foi com essa característica que ela se firmou durante o período em que estiveram presentes no Brasil e também com essa mesma característica que ela sobreviveu à própria expulsão dos jesuítas, ocorridas no século XVIII. Com a expulsão, desmantelou-se toda uma estrutura administrativa de ensino. A *RATIO STUDIORUM*.

Era o ensino que visava obter a maior eficácia na aprendizagem, no sentido processual e cíclico, uma vez que não se podia passar a uma etapa mais avançada sem que a anterior estivesse totalmente dominada. A base estava na unidade e hierarquia da organização dos estudos, na divisão e na graduação das classes e programas, em extensão e dificuldade. O ensino é centrado na preleção, na repetição/exercitação do aluno e na verificação, pelos Alunos.

O conhecimento foi tomado como algo posto, indiscutível, pronto e acabado e, conseqüentemente, deveria ser assim repassado. Destaca-se a figura do professor repassador deste conteúdo indiscutível a ser memorizado, o modelo da exposição (aula expositiva – quase palestra), enfim, uma estrutura rígida de funcionamento do processo de ensino-aprendizagem. (ANASTASIOU, 1998 e ROMANELLI, 2012)

Símbolo de classe, esse tipo de educação livresca, acadêmica e aristocrática foi fator coadjuvante na construção das estruturas de poder da colônia. Devido à classe dirigente, aos poucos, ir tomando consciência do poder dessa educação na formação de seus representantes políticos junto ao poder público. (ROMANELLI, 2012)

Quanto ao ensino superior, não chegaram os jesuítas a implantá-lo no Brasil. Apenas alguns graus acadêmicos foram conferidos pelo colégio da Bahia. Fazia parte da política colonial portuguesa a concentração dos estudos universitários no Reino (...) na área lusitana, os jesuítas conseguem o controle sobre a Universidade de Coimbra que recebe, em todo o Império lusitano, o monopólio de estudos; o Brasil fica por isso sem Universidades próprias (...). (LACOMBE in HANNS, 1970, p. 146-148)

Segundo Romanelli (2012), as mudanças começaram a acontecer com a presença do príncipe regente, D. João, por 12 anos, que trouxe sensíveis mudanças no quadro das instituições educacionais da época e a principal delas foi a criação dos primeiros cursos superiores (não teológicos) na colônia. Embora organizados na base de aulas avulsas, esses cursos tinham um sentido profissional prático.

Dentre as escolas superiores, com a incumbência de formar engenheiros civis e preparar a carreira das armas, destaca-se a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar; já como células das primeiras Faculdades de Medicina, foram provenientes dos cursos médico-cirúrgico da Bahia e do Rio de Janeiro, sem esquecerda criação do curso de Economia Política; Deve-se ainda assinalar a presença da Missão Cultural Francesa que teve como consequência a criação da Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, em 1820, que seria transformada em Escola Nacional de Belas-Artes.

Com D. João, não apenas nascia o ensino superior, mas também se iniciava um processo de autonomia que iria culminar na independência política. A independência política não modificou o quadro da situação de ensino, pelo menos de imediato. A Constituição da República de 1891, que instituiu o sistema federativo de governo, consagrou também a descentralização do ensino, a dualidade de sistemas, pelo seu artigo 35, itens 3º e 4º, ela reservou à União o direito de “criar instituições de ensino superior e secundários nos Estados”. A par dessa dualidade, a 1ª República

tentou várias reformas, sem êxito, para a solução dos problemas educacionais mais graves. (ROMANELLI, 2012)

A primeira delas, a de Benjamin Constant, a mais ampla, não chegou sequer a ser posta em prática, a não ser em alguns aspectos. Faltava, para a execução da reforma, além de uma infra-estrutura institucional que pudesse assegurar-lhe a implantação, o apoio político das elites, que viu nas ideias do reformador uma ameaça perigosa à formação da juventude. Constant teve o mérito de romper “com a antiga tradição do ensino humanístico”, porém, não teve o cuidado de pensar a educação a partir de uma realidade dada, pecando, portanto, pela base e sofrendo dos males de que vão padecer quase todas as reformas educacionais que se tentou implantar no Brasil. Outras reformas se seguiram a essa, mas não lograram acarretar nenhuma mudança substancial ao sistema.

Segundo Romanelli (2012), foi somente quando essa estrutura começou a dar sinais de ruptura que a situação educacional principiou a tomar rumos diferentes. De um lado, no campo das idéias, as coisas começaram a mudar-se com movimentos culturais e pedagógicos em favor de reformas mais profundas; de outro, nos campos das aspirações sociais, as mudanças vieram com o aumento da demanda escolar impulsionada pelo ritmo mais acelerado do processo de urbanização ocasionado pelo impulso dado à industrialização e acentuado depois de 1930. Este exigiu mudanças no setor do ensino.

O florescimento da cultura nacional indica a criação de novas modalidades de consciência nacional. Criaram-se novas exigências educativas e o fator defasagem apareceu, ficando patente que o grau de defasagem existente se deve também à forma que se organiza o sistema econômico que não só prescreve um tipo apenas de exigência à escola, mas também colabora para que esta continue, embora parcialmente, a modelar-se segundo normas antigas. As relações que podem existir entre o sistema educacional e o sistema econômico, elas se medem não apenas em termos de defasagem, mas também em termos de exigências reais do modelo econômico e ambas determinam o grau de avanço ou de atraso escolar. A estratificação social e a herança cultural pesaram como elementos predominantes na escolha do tipo de educação escolar a prevalecer (ROMANELLI, 2012).

O Decreto de 19.851, de 11 de abril de 1931, que instituiu o regime universitário no Brasil e se constituiu no Estatuto das Universidades Brasileiras, fixou os fins do ensino universitário da seguinte forma:

Art. 1º - O ensino universitário tem como finalidade: elevar o nível da cultura geral; estimular a investigação científica em quaisquer domínios dos conhecimentos humanos; habilitar ao exercício de atividades que requerem o preparo técnico e científico superior; concorrer, enfim, pela educação do indivíduo e da coletividade pela harmonia de objetivos entre professores e estudantes e pelo aproveitamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento de todas as atividades universitárias, para a grandeza da nação e para o aperfeiçoamento da humanidade.

A formulação de tão vastos e pretensiosos objetivos denuncia claramente uma visão distorcida, como é descrito por Romanelli (2012), tanto da realidade educacional brasileira de então, quanto dos limites que comporta toda e qualquer instituição. A investigação científica e o preparo para o exercício profissional têm sido, na verdade, os reais objetivos da universidade moderna.

A dissociação entre ensino e pesquisa, ou a falta de tradição de pesquisa no Brasil, além das causas históricas já observadas, apresenta-se assim como conseqüência da forma pela qual o progresso tecnológico entrou no processo do desenvolvimento.

Porém a idéia de pesquisa como função do ensino de terceiro grau (característica do modelo alemão), e outras características do atual sistema superior de ensino chega ao Brasil via importação norte americana. Já a análise de Castro, (1986, p. 11-12), destaca a fundação da USP em 1934 como marco para a vinda de cientistas europeus para o Brasil e como elemento gerador da prática da pesquisa.

A pesquisa, passando assim, a ser uma produção institucionalizada nas universidades, e com um maior atendimento financeiro de agências governamentais. Tendo a situação da pesquisa alteração significativa, embora a pesquisa comece institucionalmente um século depois da norte-americana.

Segundo Rios (2003), somente agora se inicia uma discussão sobre o significado do ensino e sua estreita relação com a aprendizagem, sobre as implicações da qualidade do trabalho dos professores na formação competente dos profissionais das diversas áreas nas “instituições de *ensino superior*”.

Diante desse contexto histórico, Libâneo (2010) nos diz que “as teorias modernas da educação hoje se apresentam em várias versões, variando das abordagens tradicionais às mais avançadas, conforme se situem em relação aos temas básicos”. E cabe aos profissionais da educação conhecê-los, para que possam se situar teórica e praticamente enquanto sujeitos envolvidos em marcos sociais, culturais e institucionais.

As correntes pedagógicas contemporâneas são divididas em Racional-tecnológica com as modalidades de ensino de excelência e tecnológico; Neocognivistas com o construtivismo pós-piagetiano e as ciências cognitivas; Sociocríticas que tem as modalidades sociologia crítica do currículo, e as teorias histórico cultural, sociocultural, sociocognitiva e da ação comunicativa; Holísticas com o holismo, teorias da complexidade e naturalista do conhecimento, ecopedagogia e conhecimento em rede e finalizando com a corrente Pós-modernas que tem o pós-estruturalismo e o neopragmatismo entre as suas modalidades.

Como pode ser observado nos Quadro 1, a corrente racional tecnológica pode contribuir para o ensino do curso de turismo através da formação de bons profissionais para o sistema produtivo.

Quadro 1: Corrente Racional Tecnológica.

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
Ensino de Excelência	Corresponde à concepção que está associada a uma pedagogia a serviço da formação	Pressupõe a formulação de objetivos e conteúdos, padrões de desempenho, competências e habilidades com base em critérios científicos e técnicos	Para formar a elite intelectual e técnica para o sistema produtivo.
Ensino Tecnológico			Para a formação de mão de obra intermediária, centrada na educação utilitária e eficaz para o mercado.

Fonte: Adaptado de Libâneo (2010)

A corrente neocognivista apresentada no Quadro 2, pode auxiliar o ensino de turismo por entender a importância do ambiente que os alunos estão inseridos e a importância do uso da tecnologia na aprendizagem.

Quadro 2: Corrente Neocognivistas

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
Construtivismo Pós-piagetiano	Refere-se a uma teoria em que a aprendizagem humana é resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com os outros.	Nesta denominação estão incluídas correntes que introduzem novos aportes ao estudo da aprendizagem, do desenvolvimento, da cognição e da inteligência	Incorpora contribuições de outras fontes tais como o lugar do desejo e do outro na aprendizagem, o predomínio da linguagem em relação à razão, o papel da interação social na construção do conhecimento, a singularidade e a pluralidade dos sujeitos (Grossi; Bordin, 1993).
Ciências Cognitivas			Refere-se a estudos relacionados ao desenvolvimento da ciência cognitiva associada à utilização de computadores. Tem como objetivo buscar novos modelos e referências para avançar na investigação sobre os processos psicológicos e a cognição.

Fonte: Adaptado de Libâneo (2010)

Em relação ao Quadro 3, é apresentada a corrente sociocrítica que apóia a superação de desigualdades sociais, econômicas por meio do ensino. Nesta perspectiva o ensino do turismo pode ajudar a transformar a realidade local.

Quadro 3: Corrente Sociocríticas

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
Sociologia Crítica do Currículo			Acentua os fatores sociais e culturais na construção do conhecimento. A teoria curricular crítica questiona como são construídos os

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
	As abordagens sócio críticas convergem na concepção de educação como compreensão da realidade para transformá-la, visando à construção de novas relações sociais para a superação de desigualdades sociais e econômicas.	A designação “sócio crítica” está sendo utilizada para ampliar o sentido de “crítica” e abranger teorias e correntes que se desenvolvem a partir de referências marxista ou neomarxista.	saberes escolares, propões analisar o saber particular de cada grupamentos de alunos, essa teoria tem a ver com as experiências socioculturais que fazem da escola um terreno de luta e de contestação para se criar e produzir cultura.
Teoria Histórico Cultural			A aprendizagem resulta da interação sujeito-objeto, em que a ação do sujeito sobre o meio é socialmente mediada, atribuindo-se peso significativo a cultura e as relações sociais.
Teoria Sócio-cultural			Põe ênfase na explicação da atividade humana enquanto processo e resultado das vivências em atividades socioculturais compartilhadas, mais do que nas questões do conhecimento e da apropriação da cultura social
Teoria Sócio-cognitiva			São postas em relevo as condições culturais e sociais da aprendizagem, visando ao desenvolvimento da sociabilidade por meio de processos socioculturais.
Teoria da ação comunicativa			Constitui-se em uma teoria da educação assentada no diálogo e na participação, visando à emancipação dos sujeitos.

Fonte: Adaptado de Libâneo (2010)

A corrente holística é apresentado no Quadro 4. Por entender que o todo é formado por diferentes partes ela aceita o ensino de turismo enquanto a união de vários conhecimentos e ciências.

Quadro 4: Corrente Holística

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
Holismo	Compreende a	Situam-se correntes de	Visa conscientizar para o fato

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
	<p>realidade como totalidade, em que partes integram o todo, partes como unidades que formam todos, numa unidade orgânica. Há indistinção entre sujeito observador e objeto.</p>	<p>diferentes vertentes teóricas, que tem como denominador comum uma visão holística da realidade, onde a realidade como integração entre o todo e as partes, mas compreendendo diferentemente a dinâmica e os processos dessa integração.</p>	<p>de que as pessoas pertencem ao universo e que o desenvolvimento da espécie humana depende de um projeto mundial de preservação da vida, mas não rejeita o conhecimento racional e outras formas de conhecimento, mas insiste em considerar a vida como uma totalidade.</p>
Teoria da Complexidade			<p>É uma abordagem metodológica dos fenômenos em que se apreende a complexidade das situações educativas, em oposição ao pensamento simplificador. O pensar mediante a complexidade, significa apreender a totalidade complexa, as inter-relações das partes, de modo a se travar uma abertura, um diálogo entre diferentes modelos de análise, diferentes visões das coisas. Põe dúvidas sobre o que é a verdade, o que é a realidade empírica, de modo a ver vários lados da situação. Pensar por complexidade é usar nossa racionalidade para juntar coisas separadas.</p>
Teoria Naturalista do Conhecimento			<p>Compreende que o conhecimento humano está ligado ao plano biológico, bioindividual e biosocial.</p>
Ecopedagogia			<p>Propõe a recuperação do sentido humano do espaço habitado. É uma pedagogia que promove uma aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Os princípios da ecopedagogia acentuam a unidade de tudo o que existe, a inter-relação e auto-organização dos diferentes ecossistemas, o reconhecimento do global e do local na perspectiva de uma cidadania planetária, a centralidade do ser humano no processo educativo.</p>
Conhecimento em Rede			<p>A ideia básica da corrente do conhecimento em rede é de que os conhecimentos disciplinares,</p>

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
			devem ceder lugar aos conhecimentos tecidos em redes relacionadas à ação cotidiana. O conhecimento se constrói socialmente, ele emerge nas ações cotidianas, rompendo-se com a separação entre conhecimento científico e o conhecimento cotidiano. O conhecimento surge, das redes de relações em que as pessoas compartilham significados.

Fonte: Adaptado de Libâneo (2010)

Por fim, no Quadro 5, é apresentada a corrente pós moderna que entende a formação dos sujeitos autônomos para a atuação em um mercado globalizado.

Quadro 5: Corrente Pós Moderna

Modalidades	Definição	Elementos Pertinentes	Principais Características
Pós-estruturalismo	Se constituem a partir das críticas e concepções globalizantes do destino humano e da sociedade.	E são assentadas na razão, na ciência, no progresso e na autonomia individual.	Aparece principalmente pela divulgação do pensamento sobre as relações entre o saber e o poder nas instituições educativas. A partir de temas centrais como o poder, a linguagem e a cultura e o pós-estruturalismo e é com base em investigações e análises ligadas a esses temas que as correntes pós-críticas aparecem nas estratégias pedagógico-didáticas nas escolas.
Neopragmatismo			Valoriza no processo educativo as experiências pessoais do indivíduo, a interação dialógica numa conversação aberta, contínua e interminável. Em síntese, propõe uma visão de conhecimento e de construção humana em que se supera uma visão individualista, estática, por outra de caráter dialógico, comunicativo, de compartilhamento com os outros, realizada no mundo prático onde o conhecimento é produzido.

Fonte: Adaptado de Libâneo (2010)

Diante desse contexto pode-se apresentar um quadro síntese das tendências pedagógicas que demonstram qual a função da escola, os conteúdos e métodos de aprendizagem a serem utilizados em cada tendência, além do papel do professor e do aluno e do processo de aprendizagem e onde eles se manifestam.

Quadro 6: Síntese das Tendências Pedagógicas

Tendência Pedagógica	Papel da Escola	Conteúdos	Métodos	Professor x Aluno	Aprendizagem	Manifestação
Pedagogia Liberal Tradicional	Preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade.	Conhecimento e valores sociais acumulados através dos tempos e repassados aos alunos como verdades absolutas.	Exposição e demonstração verbal da matéria e/ou por meios de modelos.	Autoridade do professor que exige atitude receptiva do aluno.	Aprendizagem receptiva e mecânica, sem se considerar as características próprias de cada idade.	Em escolas que adotam filosofias humanistas ou clássicas ou científicas.
Liberal Renovadora Progressiva	A escola deve adequar as necessidades individuais ao meio social.	Estabelecidos a partir das experiências vividas pelos alunos frente às situações problemas.	Por meio de experiências, pesquisas e método de solução de problemas.	O professor é auxiliar no desenvolvimento livre do aluno	É baseado na motivação e na estimulação de problemas.	Montes-sori Decroly Dewey Piaget Lauro de Oliveira Lima
Liberal Renovadora não-diretiva (Escola Nova)	Formação de atitudes	Baseia-se na busca dos conhecimentos pelos próprios alunos.	Baseado na facilitação da aprendizagem	Educação centralizada no aluno e o professor é quem garantirá um relacionamento de respeito.	Aprender é modificar as percepções da realidade.	Carl Rogers, “summerhill” escola de A. Neill.
Liberal Tecnicista	É modeladora do comportamento humano através de técnicas específicas	São informações ordenadas numa sequência lógica e psicológica	Procedimentos e técnicas para a transmissão e recepção de informações.	Relação objetiva onde o professor transmite informações e o aluno vai fixá-las.	Aprendizagem baseada no desempenho.	Lei de Diretrizes e Bases 5.540/68 e 5.692/71
Progressista Libertadora	Não atua em escolas, porém	Temas geradores	Grupos de discussão	A relação é de igual para igual,	Resolução da situação	Paulo Freire

Tendência Pedagógica	Papel da Escola	Conteúdos	Métodos	Professor x Aluno	Aprendizagem	Manifestação
	visa levar professores e alunos a atingir um nível de consciência da realidade em que vivem na busca da transformação social.			horizontalmente.	problema.	
Progressista Libertária	Transformação da personalidade num sentido libertário e autogestionário.	As matérias são colocadas mas não exigidas.	Vivência grupal na forma de auto gestão.	É não diretiva, o professor é orientador e os alunos livres	Aprendizagem informal via grupo.	C. Freinet Miguel Gonzales Arroyo
Progressista “crítico social dos conteúdos” ou “histórico crítica”	Difusão dos conteúdos	Conteúdos culturais universais que são incorporados pela humanidade frente à realidade social	Parte de uma relação direta da experiência do aluno confrontado com o saber sistematizado	O papel do aluno como participante e o professor como mediador entre o saber e o aluno	Baseado nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos	Makarenko B. Charlot Suchodoski Manacorda G. Snyders Demerval Saviani

Fonte: Disponível em http://pedagogia.tripod.com/quadro_tendencias.htm, extraído do Site do Professor (<http://www.aol.com.br/professor/>).

Segundo Libâneo (2010), três são os aspectos necessários para o agir pedagógico: A primeira é que práticas pedagógicas implicam necessariamente decisões e ações que envolvem o destino humano das pessoas; A segunda é que não é suficiente a análise globalizante do problema educativo, quando se fala em práticas educativas, é necessário agregar os meios educativos, ou seja, a didática; E a terceira, cumpre compreender as práticas educativas como uma atividade complexa. Ficando assim, como tarefa crucial dos educadores profissionais em investigar constantemente o conteúdo do ato educativo, que parte do princípio que ele é multifacetado, complexo e relacional. Esses aspectos são ressaltados quando demonstra que:

Aos que se ocupam da educação escolar, é requerido que façam opções pedagógicas, que assumam um posicionamento sobre objetos e modos de promover o desenvolvimento e a aprendizagem de sujeitos inseridos em um contexto socioculturais e institucionais concretos... Talvez a ressonância mais problemática disso se dê na sala de aula, onde decisões precisam ser tomadas e ações imediatas e pontuais precisam ser efetivadas visando promover mudanças qualitativas no desenvolvimento e na aprendizagem dos sujeitos... Buscar saber como esses contextos atuam em processos de ensino e aprendizagem... A pedagogia quer compreender como fatores socioculturais e institucionais atuam nos processos de transformação dos sujeitos mas, também, em que condições esses sujeitos aprendem melhor.

Apesar de existir uma vasta reflexão na perspectiva da formação continuada, de uma pedagogia e de uma didática universitária sobre a realidade concreta das aulas e a possibilidade de superar os limites enfrentados cotidianamente pelos docentes, há uma preocupação dos professores universitários com novas formas de ensinar que propiciem efetivamente a aprendizagem.

Nesse sentido, Rios (2003) chama a atenção para o esforço de superar a tendência tecnicista e desenvolver um processo dialético de trabalho, onde busca romper com a velha idéia de *dar aulas* para agora *fazê-las* junto com os alunos, de uma maneira dinâmica e criativa, em que os saberes possam ser realmente socializados criados e recriados.

Através de reflexões e inúmeras experiências provenientes de encontros e assessoramentos a equipes de docentes na busca de uma nova forma de *fazer a aula* universitária (ANASTASIOU e ALVES, 2012) revelam que as formas habituais de ensino não mais atendem às expectativas institucionais, no que se refere a docentes e discentes.

Onde as avaliações institucionais, em especial nos instrumentos em que os estudantes avaliam as ações dos professores; E, mais recentemente, os resultados do ENADE (Exame Nacional de Desenvolvimento Estudantil) vêm se tornando objeto de preocupação institucional.

Outro ponto a ser considerado, segundo as autoras, é a rejeição existente a tudo que possa lembrar o “tecnicismo”, tendência pedagógica da década de 1970, onde ocorre uma predominância de situações modeladoras, geralmente apostiladas, a serem aplicadas pelo professor e assimiladas e internalizadas pelos alunos. E excluía dos currículos de formação dos professores aspectos referentes à sistematização de estratégias de ensino e de aprendizagem, uma vez que a didática se estrutura de forma historicizada, contextualizada e crítica.

Diante desse contexto, pontuam-se aspectos determinantes de um novo fazer docente e possibilitando a contextualização, inseridas numa problemática maior. Em suma, a ação e o pensamento, a prática e a teoria, estão ligadas em um processo contínuo de reflexão crítica e de transformação.

E é nesse contexto que as diversas metodologias surgem, com o intuito de amenizar e auxiliar no desenvolvimento de competências educacionais e profissionais, fazendo com que a realidade esteja presente cada vez mais dentro das instituições de ensino, proporcionando assim um aprendizado real e constante.

E nesse sentido que a Metodologia Tradicional e Ativa serão abordadas nessa pesquisa, por serem metodologias que abarcam uma maior “aceitação” por parte dos docentes.

2.2 Metodologias de Ensino: Tradicionais e Ativas

Segundo Libâneo (1994), os métodos de ensino são as ações dos professores pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interações entre ensino e aprendizagem, entre professor e os alunos.

Historicamente, a formação dos profissionais tem sido pautada no uso de metodologias tradicionais. Onde as teorias educativas tradicionais concebem o fenômeno educativo como uma relação de causa-efeito, linear, preconcebido,

ordenado e estabilizado em uma aula onde: o professor ensina e os alunos aprendem, utilizam-se materiais auxiliares para o ensino e se desenvolvem algumas dinâmicas que a própria teoria diz como controlar (COLON, 2006).

Essa forma de ver a educação, assentada sobre as premissas do pensamento científico de finais do século XIX, que se pauta pelo ensino e confere ao professor e aos conteúdos curriculares papel central no processo.

Essas tendências conservadoras são caracterizadas pela reprodução do conhecimento, onde os “conteúdos, procedimentos didáticos, a relação professor-aluno não tem nenhuma relação com o cotidiano do aluno e muito menos com as realidades sociais” (LIBÂNEO, 1986, p.22).

Separou-se o corpo da mente, a razão do sentimento, a ciência da ética, compartimentalizando-se, conseqüentemente, o conhecimento em campos altamente especializados. Essa fragmentação do saber manifestou-se no aguçamento das subdivisões da universidade em centros e departamentos e dos cursos em períodos ou séries e em disciplinas estanques. Nesse sentido, o processo ensino-aprendizagem, tem se restringido, muitas vezes, a reprodução do conhecimento, no qual o docente assume um papel de transmissor de conteúdos, ao passo que, ao discente, cabe a retenção e repetição dos mesmos - em uma atitude passiva e receptiva (ou reprodutora) - tornando-se mero expectador, sem a necessária crítica e reflexão. (MITRE et al., 2008).

Nesse modelo, a educação se depara com o paradigma tradicional onde a humanidade é nivelada como “seres homogêneos” e o conhecimento sendo repassado pelas informações ditadas por meio do professor que se compromete a reproduzir os conteúdos. Assim os professores, comandam o eixo teórico, pois transmitem conteúdos pré-definidos que são apresentados de forma fragmentada ao aluno. (LIBÂNEO, 1986).

A metodologia tradicional é focalizada em aulas expositivas onde o ensinar nem sempre abriga o aprender e se firma em quatro pilares da visão cartesiana: “escutar, ler, decorar e repetir” (BEHRENS, 2005). Sem possibilidade de formular novas perguntas o que impede a criatividade, a reflexão e mesmo os questionamentos.

Segundo Mizukami (1986), o ensino aprendizagem é visto como um fim em si mesmo, confirmando assim, que este tipo de educação focaliza apenas um dos pólos da relação, ou seja, o Professor.

Pois nessa visão de ensino, a aula é um espaço em que o professor fala e compete ao aluno anotar e memorizar. Daí poder prescindir da presença do próprio aluno, pois, se há um colega que copia tudo, basta estudar por essas anotações, para dar conta dessa maneira de memorizar os conteúdos (ANASTASIOU, 2012).

Segundo Not (1993), isso pode provocar uma adoção da estrutura *do outro*, e quando se fala ao outro utiliza-se até a mesma linguagem, com as mesmas palavras. Como afirma Reboul (1982, p.27).

O aluno registra palavras sem compreendê-las. Repete-as simplesmente para conseguir boas classificações [...]; habitua-se a crer que existe “uma língua do professor”, que tem de aceitar sem a compreender [...] pode-se passar a vida inteira sem saber por que é que se faz, aprendeu-se, mas não se compreendeu.

Tomando como ponto de partida as decepções e lacunas que se atribuíam aos resultados da educação tradicional.

E a dicotomia existente na compreensão da metodologia de ensino-aprendizagem pelos discentes perpassa por questões clássicas, os estudantes expressam que as metodologias tradicionais têm cumprido o papel de transmissão de conteúdo por intermédio de aulas expositivas, pois estes não têm espaço para construir seu próprio conhecimento. Todavia, o discente tem a percepção da necessidade: de incorporação de novos conhecimentos pedagógicos por parte dos docentes, da redefinição dos papéis dos estudantes e docentes, da valorização da transmissão de conteúdos prontos, e da limitação da aprendizagem por meio de estruturas rígidas nas relações interpessoais (TEOFILO; DIAS, 2009).

A mudança é necessária e o resgate da palavra e da escuta potencializa a mudança. Entretanto, somente por meio da disponibilidade e do respeito pelo potencial de cada ator será possível uma verdadeira transformação. Com efeito, ao aprender a conviver com os limites, poder-se-á transformá-los em desafios, mas será preciso enfrentá-los para superá-los. Aquele que enfrenta o desafio de desejar transformar o ensino enfrenta, também, o desafio de promover a sua própria transformação (MITRE *et al*, 2008).

Vivencia-se uma época de profundas transformações sociais, culturais, tecnológicas que influenciam nossa maneira de conceber e nos relacionarmos com o mundo. A sociedade da informação e do conhecimento traz novas demandas à educação escolar. (KLEIN, 2013).

Apresenta-se assim, o Paradigma Escolanovista, em um movimento de reação à pedagogia tradicional, enfatizando e propondo o ensino centrado no aluno que pode expor seus sentimentos e suas habilidades. O aluno passa de sujeito passivo para sujeito ativo que aprende pela descoberta. Essa abordagem dá ênfase à vida psicológica e emocional do indivíduo. (MIZUKAMI, 1986).

Behrens (2005) escreve que nesta abordagem “o professor é visto como um facilitador de aprendizagem, e deve auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno”. Assim, segundo Mizukami (1986, p.53) “o aluno deverá assumir responsabilidade pela forma de controle de sua aprendizagem”, já que ele se tornou o centro desse processo como sujeito ativo e participativo.

Tendo uma nova perspectiva, o processo ensino aprendizagem não pode mais se deter no ensino que prima basicamente na transmissão de conteúdo a estudantes passivos a situação. O foco, ou questão central passa a ser a educação nessa nova perspectiva de aprendizagem e participação ativa dos discentes nesse processo.

As metodologias ativas estão alicerçadas em um princípio teórico significativo: a autonomia. A educação contemporânea deve pressupor um discente capaz de auto-gerenciar ou autogovernar seu processo de formação (MITRE *et al.*, 2008).

Trata-se de uma mudança de concepção que rompe com a tradicional relação professor-aluno-conhecimento, introduzindo novas dinâmicas de relacionamento entre os sujeitos e destes com o conhecimento, implicando na reflexão acerca da atuação docente diante de novos contornos educativos e metodológicos. E o reconhecimento social destes novos contornos educativos está presente em documentos recentes e integram o discurso oficial sobre a educação básica (KLEIN, 2013).

A educação brasileira é norteada por diretrizes nacionais, fixadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). E esse conselho trata de normas obrigatórias que orientam o planejamento curricular das escolas e sistemas de ensino, visando

assegurar uma formação básica comum. O parecer que originou as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (BRASIL,2010), explicita e propõe a necessidade de superar concepções tradicionais de ensino aprendizagem em favor de metodologias que valorizam a pesquisa e considerem características de uma geração nascida na era da informação e da comunicação.

[...] enquanto a escola se prende as características de metodologias tradicionais, com relação ao ensino e a aprendizagem como ações concebidas separadamente, as características de seus estudantes requerem outros processos e procedimentos, em que aprender, ensinar, pesquisar, investigar, avaliar ocorrem de modo indissociável. Os estudantes, entre outras características, aprendem a receber informação com rapidez, gostam do processo paralelo, de realizar varias tarefas ao mesmo tempo, preferem fazer seus gráficos antes de ler o texto, enquanto os docentes crêm que acompanham a era digital apenas porque digitam e imprimem textos, tem *e-mail*, não percebendo que os estudantes nasceram na era digital (BRASIL, 2010, p. 27)

Este mesmo documento ressalta a importância de uma organização curricular fundada em eixos temáticos capazes de conferir relevância ao currículo e favorecer a relação entre teoria-prática. Para tanto prevê o uso de metodologias problematizadoras “como instrumento de incentivo a pesquisa, a curiosidade pelo inusitado e ao desenvolvimento do espírito inventivo, nas práticas didáticas” (BRASIL, 2010, p. 46). É nesse novo contexto e amparado pelas Diretrizes Educacionais que as metodologias ativas começam a se destacar nos diversos patamares da educação brasileira.

Sem abrir mão dos conteúdos oficiais, observou-se que trabalhar com situações-problema (exercícios, exemplos) pode auxiliar na orientação do foco do aluno. Os procedimentos demonstraram o avanço da assimilação de conteúdos, o que se pode constatar nos três tipos de avaliações adotados: formativa, somativa e de retenção (HAZOFF JUNIOR; SAUAIA, 2008).

Pode-se visualizar que os estudantes acreditam que as metodologias ativas geram espaços democráticos. Nestes, os mesmos são considerados sujeitos que compartilham informações e buscam a aprendizagem significativa por meio da discussão e da troca de saberes. Identifica-se, nos argumentos discentes, uma consciência da necessidade de estratégias que se destinem à interação entre professor-

estudante e o objeto do conhecimento em sua razão de ser, seu significado. (TEÓFILO; DIAS, 2009).

Nesse sentido, as metodologias ativas aparecem como uma concepção educativa que estimula a crítica e reflexão no processo de ensino aprendizagem. Nesse contexto, o professor e o aluno são partes fundamentais e atuantes nesse processo, onde se engloba tanto o ato de ensinar, quanto o ato de aprender, uma parceria deliberada e consciente para a construção do conhecimento. (ANASTASIOU, 2012)

A autora ressalta também que “trata-se de uma ação de ensino da qual resulta a aprendizagem do estudante, superando o simples dizer do conteúdo por parte do professor”. Nesse processo de ensino, onde a parceria do professor e do aluno é a condição fundamental para o conhecimento e a formação do aluno; num ensino que provoque por meio de tarefas contínuas dos sujeitos um processo que interligue o aluno ao objeto de estudo e os coloque frente a frente. E a mediação docente é fundamental, já que é ele que prepara e dirige as atividades necessárias nas estratégias selecionadas.

As metodologias não se dão todas da mesma forma, dependem tanto do sujeito que apreende quanto do objeto de apreensão. O verdadeiro desafio consiste na reconstrução mental do objeto apreendido, independentemente do modelo ou exemplo estudado.

As contribuições de Vasconcellos (1994) são referentes ao método de ensino dialético de ensino, onde três momentos são fundamentais:

A mobilização para o conhecimento, que propõe possibilitar ao aluno um direcionamento para o processo pessoal de aprendizagem, que pode e deve ser provocado, caso ainda não esteja presente, onde se sugere nesse momento que ocorra uma articulação entre a realidade concreta e o grupo de alunos para que se possa estabelecer um diálogo entre o mundo dos universitários e o campo a ser reconhecido. E cabe ao docente desafiar e estimular os discentes na construção de uma relação com o objeto de aprendizagem que possa atender em algum nível as suas necessidades e auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes numa formação universitária.

A construção do conhecimento é um momento de desenvolvimento operacional da atividade do aluno, que pode ser feito de acordo com a sua prática e os

meios disponíveis para as suas ações, por isso, é importante a escolha das estratégias com diversas e significativas atividades propostas ao discente, com o intuito de superar a visão inicial do objeto de conhecimento.

A *elaboração da síntese do conhecimento* é o momento que ocorre a sistematização, a expressão empírica do estudante acerca do objeto apreendido e a consolidação de conceitos. Tendo consciência de que as sínteses sejam concebidas de forma provisória, pois configuram momentos do processo de construção do conhecimento pelo estudante, que visa à elaboração de novas sínteses a serem continuamente retomadas e superadas.

Diante do que foi abordado, a essência da relação pedagógica é proveniente da interação intencional, planejada e responsável entre as partes envolvidas e o objeto de estudo. Essa relação busca o alcance das diversas áreas, na busca de uma construção de aprendizado inovadora, mobilizando assim o envolvimento e o comprometimento no processo de compreensão da realidade e do seu campo profissional, compartilhando assim, os saberes.

Já o autor Saviani (1982), sugere cinco momentos a serem considerados no trabalho dos conhecimentos com os alunos: sendo a *Prática Social do aluno*, fator preponderante, onde parte-se da percepção que o aluno traz do objeto de estudo, sua realidade para a aula; Essa visão proveniente do discente será *Problematizado*, ou seja, será submetido a um processo crítico de questionamento; Seguindo da *Instrumentalização*, que são as respostas a esses questionamentos, embasados nas ciências já existentes; Propiciando assim, à interiorização dos novos elementos ou conteúdos pela *Catartase*; E chegando enfim à *prática social reelaborada*, que permite ao aluno construir novos elementos perceptivos com os conteúdos apreendidos, através de situações previamente organizadas pelo professor.

Segundo Anastasiou (2012), Para essa forma de assimilação, que utilizam os processos mentais, “o docente deverá ser um verdadeiro estrategista, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas facilitadoras para que os estudantes se apropriem do conhecimento”.

Por meio dessas estratégias ou metodologias utilizadas é aplicado e se explora meios, modos, jeitos e formas de evidenciar o pensamento. Esses meios comportam determinadas dinâmicas.

A seguir, algumas estratégias com um perfil de metodologias ativas no processo de ensino aprendizagem. Segundo Anastasiou e Alves, (2012):

Quadro 7: Metodologias de Trabalho Docente

Metodologias	Conceitos e Pré-requisitos	Papel do professor
Aula Expositiva Dialogada	É uma estratégia que vem sendo proposta para superar a tradicional palestra docente. Exige-se uma participação ativa do estudante, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. Com a participação contínua dos estudantes fica garantida a mobilização, e são criadas as condições para a construção e a elaboração da síntese do objeto de estudo.	O professor leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade; Deve favorecer análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos; Propõe a superação da passividade e imobilidade; O clima de cordialidade, parceria, respeito e troca são essenciais; O professor deve ter o domínio do quadro teórico, para que possa haver interrupções, perguntas, observações e intervenções sem que o docente perca o controle do processo.
Estudo de Texto	É a exploração de idéias de um autor a partir do estudo crítico de um texto e/ou a busca de informações e exploração de ideias dos autores estudados. Pode ser utilizado para os momentos de mobilização, de construção e de elaboração de síntese; Essa estratégia deve ser utilizada de forma sistemática quando for constatado dificuldade de leitura e interpretação por parte do discente.	A escolha de um material que seja acessível ao estudante e ao mesmo tempo que vá desafiar-lo; o acompanhamento do processo, pelo professor, é condição de sucesso nessa estratégia;
Portfólio	É a identificação e a construção de registro, análise, seleção e reflexão das produções mais significativas ou identificação dos maiores desafios/dificuldades em relação ao objeto de estudo; Essa estratégia é considerada nova na educação superior, possibilita o acompanhamento de construção do docente e do discente durante o próprio processo. Quando se refere a construção de conhecimento, essa estratégia requer um alto grau de envolvimento do professor e do estudante. Esses registros vêm arraigados a elementos históricos de seus autores, retratam continuidade e rupturas pessoais, e por isso comportam elementos de significação e práxis.	Ela exige do professor um alto grau de organização, no sentido de acompanhar as produções/manifestações escritas do estudante; O portfólio propicia ao professor verificar de forma imediata as dificuldades apresentadas pelo estudante e propor soluções para sua superação, além de ser um processo individual que permite a cada um crescer de acordo com suas necessidades e condições.
Tempestade Cerebral	Trata-se de uma estratégia vivida pelo coletivo da classe, com participações individuais, realizada de forma oral ou escrita. É uma possibilidade de estimular a geração de novas ideias de forma espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação. Não há certo ou errado. Tudo o que for	O professor precisa considerar que vai interferir na explicitação do estudante. Como mediadores do processo, dar o espaço para que ele seja explicitado, explorado, ampliado a teia relacional que a estratégia possibilita.

Metodologias	Conceitos e Pré-requisitos	Papel do professor
	levantado será considerado, solicitando-se, se necessário, uma explicação posterior do estudante. Utilizada como mobilização, desperta nos estudantes uma rápida vinculação com o objeto de estudo e possibilita diferentes conexões, pontos de chegada e de partida que os participantes trazem ao contexto.	
Mapa conceitual	Consiste na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos em uma perspectiva bidimensional, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos pertinentes à estrutura do conteúdo. O fundamental é a identificação dos conceitos básicos e das conexões entre esses conceitos e os deles derivados. E possibilita mobilização contínua, uma vez que o estudante tem de retomar e complementar o quadro durante todo o processo; permite construção do conhecimento, que se amplia à medida que as conexões se processam, além da elaboração da síntese numa visão de totalidade.	Serve ao professor como ferramenta para acompanhar as mudanças na estrutura cognitiva dos estudantes e para indicar formas diferentes de aprofundar os conteúdos.
Estudo dirigido	É o ato de estudar sob orientação e diretividade do professor, visando sanar dificuldades específicas. E se tornar um importante recurso didático que auxilia o professor a lidar com as diferentes sínteses trazidas pelos estudantes no início da programação pretendida.	Exige a identificação dos estudantes que dela necessitam para complementar aspectos não dominados do programa de aprendizagem pretendido, onde pode-se direcionar a aspectos pontuais.
Lista de Discussão por Meio Informatizado	É a oportunidade de um grupo de pessoas poder debater, a distância, um tema sobre o qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo por meio eletrônico. É utilizada para aprofundamento de objetos de estudo, tornando-se uma estratégia própria ao momento de construção e de elaboração de sínteses contínuas. É uma estratégia inovadora, que depende de algumas condições concretas para sua operacionalização.	É o responsável pelo processo de ensinagem, o acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões, das elaborações apresentadas e para as retomadas necessárias para o tema.
Phillips 66	É uma atividade grupal que são feitas uma análise e uma discussão sobre temas/problemas do contexto dos estudantes. É uma estratégia que pode ser utilizada com classes numerosas, pois os estudantes são agrupados em número de 6, e durante 6 minutos trabalham no levantamento de questão ou fechamento de um tema e têm mais 6 minutos para a socialização. A objetividade é bastante estimulada nessa estratégia, por causa de sua forma de organização.	Dividir os estudantes em grupos; desenvolver o aporte teórico ou incentivar o aporte que aluno pode trazer; ter uma visão global dos avanços e das dificuldades da classe.
Grupo de	É a análise de tema/problemas sob a	Divisão dos Grupos; Estimular o

Metodologias	Conceitos e Pré-requisitos	Papel do professor
Verbalização e de Observação (GV-GO)	coordenação do professor, que divide os estudantes em dois grupos: um de verbalização e outro de observação. É uma estratégia que requer um contato inicial com o tema por parte dos envolvidos, exigindo um envolvimento que antecede a realização da própria estratégia com a realização de busca de informações (livros, revistas, internet,...), conforme o problema em questão.	contato inicial dos alunos com o tema; coordenar a análise e o fechamento.
Dramatização	É uma estratégia que tem várias finalidades. E possibilita o desenvolvimento da “empatia”, isto é, a capacidade de os estudantes se colocarem imaginariamente em um papel que não seja o seu próprio. Traz um pedaço da realidade social, de forma viva e espontânea, para ser analisada pelos estudantes. É uma representação teatral, a partir de um foco, problema ou tema e pode conter explicitação de ideias, conceitos e argumentos e ser também um jeito particular de estudo de casos.	Avaliar e orientar a estratégia sendo ela planejada (planejado pelo docente) ou espontânea (planejado pelos alunos).
Seminário	Trata-se de estudo de um tema a partir de fontes diversas a serem estudadas e sistematizadas pelos participantes, visando construir uma visão geral e “germinar” as ideias. A preparação do seminário e a garantia de funcionamento das diversas etapas de sua realização constituem pressupostos importantes para um bom resultado dele. Os estudantes precisam ter clareza prévia dos diversos papéis que desenvolverão durante toda a dinâmica dos trabalhos. No desenvolvimento dessa estratégia são atingidas as dimensões de mobilização para o conhecimento, enquanto se prepara, estudando, lendo, discutindo, a base teórica e prática de sua pesquisa.	É o professor, além de fazer o fechamento após a apresentação de cada grupo, realizar sínteses integradora ao final de todas as apresentações, a fim de garantir o alcance de todos os objetivos propostos para o seminário
Estudo de Caso	É a análise minuciosa e objetiva de uma situação real que necessita ser investigada e é desafiadora para os envolvidos, oportuniza a elaboração de um forte potencial de argumentação com os estudantes e deve estar incluído no contexto de vivência do estudante, ou em parte de uma temática em estudo. Quanto mais desafiador for o assunto, maior a possibilidade de manter os estudantes envolvidos.	Selecionar o material de estudo, apresentar um roteiro para trabalho, expor os casos, orientar os grupos no decorrer do trabalho, retomar os pontos principais, analisando coletivamente as soluções propostas e elaborar instrumentos de avaliação.
Júri Simulado	É a simulação de um júri em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação. O júri simulado leva em consideração a possibilidade da realização de inúmeras operações de pensamento, como: defesa de ideias, argumentação, julgamento, tomada de decisão. O que pode levar o grupo à análise	É o responsável pelo processo de acompanhamento das participações, da qualidade das inclusões, das elaborações apresentadas e para as retomadas para o tema.

Metodologias	Conceitos e Pré-requisitos	Papel do professor
	e avaliação de fato proposto com objetividade e realismo, à crítica construtiva de uma situação e a dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real. Essa estratégia envolve todos os momentos da construção do conhecimento, da mobilização à síntese, pela sua característica de possibilitar o envolvimento de um número elevado de estudantes.	
Simpósio	É a reunião de palestras e preleções breves apresentadas por várias pessoas sobre um assunto ou sobre diversos aspectos de um assunto. É uma estratégia que possibilita a ampliação do conhecimento, tendo em vista que ao se subdividirem os conteúdos, para serem mais bem estudados, terão na sua apresentação múltiplos olhares, enriquecendo o tema gerador. Ele tem efeito multiplicador e possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais, de investigação, amplia experiências sobre um conteúdo específico, desenvolve habilidades de estabelecer relações.	Coordenar o processo de seleção do tema e planejar o simpósio; indicar a bibliografia a ser consultada.
Painel	É a discussão informal de um grupo de estudantes, indicados pelo professor, em que apresentam pontos de vista antagônicos na presença de outros.	Coordenar e organizar o processo do painel; fazer as conexões da discussão.
Fórum	Consiste num espaço, no qual todos os membros do grupo têm a oportunidade de participar do debate de um tema ou problema determinado. Se bem planejado, pode ser útil na construção do conhecimento, especialmente para os momentos de síntese. Exige imensa preparação prévia por parte dos estudantes na busca de leituras, filmes e fatos.	Definir as funções dos participantes e explicar os objetivos desejados.
Oficina (Laboratório ou Workshop)	É a reunião de um pequeno número de pessoas com interesses comuns, a fim de estudar e trabalhar para o conhecimento ou aprofundamento de um tema, sob orientação de um especialista. Caracteriza-se como uma estratégia do fazer pedagógico em que o espaço de construção e reconstrução do conhecimento é a principal ênfase. No final das atividades os estudantes materializam suas produções.	Responsável em organizar o grupo e providenciar com antecedência ambiente e material didático necessário.
Estudo do Meio	É um estudo direto do contexto natural e social no qual o estudante se insere, visando a uma determinada problemática de forma interdisciplinar, onde cria condições para o contato com a realidade, propicia a aquisição de conhecimentos de forma direta, por meio de experiência vivida. Possibilita aos envolvidos – professor e aluno – uma revisão, um refletir sobre os dados da teoria que fundamentam o objeto de estudo.	Planejar junto com o aluno o foco do estudo, os instrumentos a serem usados e a revisão da literatura referente ao foco do estudo.

Metodologias	Conceitos e Pré-requisitos	Papel do professor
	Também possibilita a vinculação do estudante à realidade, uma discussão dos elementos teóricos que ainda respondem aos problemas e dos que já se encontram superados	
Ensino com Pesquisa	É a utilização dos princípios do ensino associados aos da pesquisa. Oferece condições para que os estudantes adquiram maior autonomia, assumam responsabilidades, desenvolvam disciplina, tomada como habilidade de se manter o tempo necessário na busca de solução de problema até o esgotamento das informações, levando o estudante a um vínculo maior com seu papel de acadêmico, construtor da realidade ou de sua visão sobre ela.	Supervisionar o trabalho intelectual do estudante.
Solução de Problemas	É o enfrentamento de uma situação nova, exigindo pensamento reflexivo, crítico e criativo a partir dos dados expressos na descrição do problema. A estratégia de resolução de problemas contempla as categorias presentes nos processos de construção do conhecimento quando estimula ou amplia a significação dos elementos apreendidos em relação a realidade ou área profissional. Exige uma constante continuidade e ruptura, no levantamento e na análise dos dados e na busca e na construção de diferentes alternativas para a solução, pois está interligado e mutuamente dependente. Onde os seus principais representantes são a aprendizagem baseada em problemas (PBL); a Problematização e a Aprendizagem Baseada em Projetos.	Apresentar um determinado problema e mobilizar o estudante para a busca de solução, orientando no levantamento das hipóteses e na análise dos dados.

Fonte: Adaptado de Anastasiou e Alves (2012)

Como visto, ao longo dessas vinte metodologias ativas, há um estímulo a crítica, a reflexão, experiência *versus* prática, o auto-desenvolvimento do discente, uma participação ativa do docente e nesse processo de ensino e aprendizagem, se tem uma proposta construtivista que se baseiam em formas de desenvolver esse processo em diferentes contextos.

A metodologia ativa tem permitido a articulação entre a universidade, o serviço e a comunidade, por possibilitar uma leitura e intervenção consistente sobre a realidade, valorizar todos os atores no processo de construção coletiva e seus

diferentes conhecimentos e promover a liberdade no processo de pensar e no trabalho em equipe. (MITRE *et al.*, 2008).

Segundo Bastos (2006), trata-se de um processo que oferece meios para que se possa desenvolver a capacidade de análise de situações com ênfase nas condições loco-regionais e apresentar soluções em consonância com o perfil psicossocial da comunidade na qual se está inserido.

Nesse sentido, concebem a educação como forma de apontar caminhos para a autonomia, a autodeterminação pessoal e social. Ela é indispensável para o desenvolvimento da consciência crítica no sentido de transformar a realidade. Desse modo, a motivação do aluno é o ponto chave da relação aluno/aprendizagem. Nela o docente revela-se parceiro, motivador e catalisador desse processo. (HONÓRIO, 2013)

O reconhecimento social destes novos contornos educativos está presente em documentos recentes e integram o discurso oficial sobre a educação básica. Assim, destacamos inicialmente dois pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE) que deram origem às Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (BRASIL, 2010) e Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (BRASIL, 2012). Ambos os documentos destinam-se a toda a educação básica e retratam os caminhos obrigatórios para a educação brasileira (KLEIN, 2013).

Outro ponto destacado pelo Parecer, CNE/CP/8/2012 refere-se à maneira de se organizar o conhecimento no currículo. A interdisciplinaridade é ali definida como uma abordagem teórico-metodológica em que a “ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento” (BRASIL, 2012).

Junto à interdisciplinaridade que é um método de pesquisa e ensino que segundo Japiassu (1991) é suscetível de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si, ganha destaque a transversalidade compreendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas são integrados às disciplinas. A transversalidade abre a possibilidade de se aprender os conhecimentos sistematizados (aprender sobre a realidade) aliados às questões da vida real (aprender na realidade e da realidade) (KLEIN, 2013).

Juntamente com a necessidade de romper com a postura de mera transmissão de informações, na qual os estudantes assumem o papel de receptáculos

passivos, preocupados apenas em memorizar conteúdos e recuperá-los quando solicitado é um dos principais pontos de partida que explicam a ascensão das metodologias ativas no ensino brasileiro.

O processo de aprendizagem vai ainda além da vontade de aprender e se incorpora à maneira de viver do sujeito, modifica suas relações com o mundo. Quando falamos em aprendizagem colocamos o sujeito que aprende como figura central do processo, e isso implica também na consideração de seus desejos e na modificação de seus modos de interpretar a realidade e se relacionar com o mundo. Por isso, não se pode reduzir a aprendizagem à mera apreensão de conteúdos. (KLEIN, 2013)

A interdisciplinaridade, a transversalidade, o foco no estudante e não mais no professor, o problema como fator preponderante para o desenvolvimento do conhecimento, a busca constante do conhecimento, a teoria versus a prática, a aplicabilidade do ensinamento são alguns dos pontos de destaque dessa metodologia.

2.3 Docente: Suas Práticas, Dificuldades e Desafios na Aplicação das Metodologias

Um dos elementos básicos de discussão da ação docente refere-se ao ensinar, ao aprender e ao apreender. Ações essas que muitas vezes são executadas de forma disjuntas. E isso decorre da idéia de que ensinar é apresentar ou explicar o conteúdo numa exposição.

Segundo Anastasiou e Alves (2012), a compreensão do que seja ensinar é um elemento fundamental nesse processo. O Verbo ensinar, do latim *insignare*, é indicar, fazer sinal (*signumfacere*) ou apontar numa direção, busca e despertar para o conhecimento. Todavia é sabido que o significado das palavras varia em razão das práticas sociais dos povos, revelando as diferentes concepções que decorrem dessa prática.

O Verbo “ensinar”, como outros verbos de ação, contém em si, duas dimensões: *uma utilização intencional e uma de resultado*, ou seja, a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta pretendida. E seus diferentes significados são reveladores das diferentes concepções de ensino que orientam as práticas pedagógicas.

Segundo o dicionário Aurélio, o verbo ensinar tem diversas significações. E as principais são: “transmitir conhecimento”; “treinar”; “indicar” e “punir” (no

sentido de dar uma lição a alguém). A essas variações semânticas do verbo “ensinar” correspondem variações equivalentes no verbo correlato “aprender”.

Deixando de lado a significação de “punir”, apesar de inspirar durante muito tempo certas práticas pedagógicas, as outras significações traduzem diferentes concepções:

- Como um mero ato de transmissão, ou seja, é vista como o resultado de uma espécie de repasse do conhecimento de um sujeito a outro;
- Como o efeito do treinamento;
- Como um processo de descoberta sob orientação do outro.

Nesse contexto existe também uma diferença entre aprender e apreender, embora nos dois verbos exista a relação entre os sujeitos e o conhecimento.

Na primeira concepção, a aquisição do conhecimento é vista como o resultado de uma espécie de repasse do conhecimento de um sujeito a outro, como o verbo transmitir designa no seu sentido etimológico (do latim *trans-mittere*: "pôr além de"). Isso implica conceber o conhecimento como algo em si, já feito, que existe em algum lugar (no sujeito transmissor ou nos diferentes tipos de documentos) e que pode passar a existir em outro (no sujeito receptor). Concebido assim, ensinar exige apenas duas condições: a existência do conhecimento na pessoa que vai transmiti-lo e o ato da sua transmissão (por determinados meios) a outra pessoa, independentemente de como esta o recebe.

Na segunda concepção, a aquisição do conhecimento é vista como o resultado da repetição, por parte do sujeito que aprende, de certas operações visando ao registro em memória (de idéias ou de ações práticas) da coisa aprendida, de maneira a poder dispor dela quando necessário.

Na terceira concepção, enfim, a aquisição do conhecimento é concebida como o resultado de uma atividade de procura por parte do próprio sujeito, a partir das indicações e orientações fornecidas por um outro sujeito. Subjacente a esta concepção está à idéia de que o conhecimento é o produto de um trabalho social e de que sua aquisição é obra de investigação e (re) elaboração com a colaboração dos outros. No caso do ensino escolar, é obra do discente com a ajuda do docente, o qual exerce o papel de "guia". Esta concepção, não só não exclui o trabalho de grupo, como, até um certo ponto, o pressupõe. Dessas várias significações atribuídas ao termo "ensinar", só

a última traduz, propriamente, o componente semiótico inerente à palavra latina "insignare": fazer signo, indicar ou apontar.

Com relação à Postura dos docentes em sala de aula, autores como, Freire (2014), Perrenoud (1993), Boudieu (1972), destacam a ação docente e a existência de perfis diferentes de docentes em sala de aula.

Para Freire (2014), os docentes devem possuir alguns saberes no que se refere ao ato de ensinar. A rigorosidade metódica; pesquisa; respeito aos saberes do educando; exige-se criticidade; estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; risco e aceitação do novo, além de rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento e a assunção cultural.

Perrenoud (1993) comenta que a ação docente, cada vez mais, precisa dar contas de situações planejadas, conhecidas e esperadas como também situações inusitadas, o que provoca e permite o docente desenvolver uma infinidade de práticas adaptadas as situações.

Enquanto que Bourdieu (1972) valoriza a questão do perfil docente atrelado as experiências passadas, que em cada momento se torna possível a concretização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas que possibilitam resolver problemas da mesma natureza.

Assim percebe-se que não existe uma única estrutura que categorize todos os perfis docentes, embora perceba que os autores tem que optar por micro decisões, para que possa direcionar suas ações em cada momento.

Balzan (2012) possui uma visão de postura de professor parecida com o que aborda Perrenoud (1993), quando diz “... O trabalho... tem a marca do pesquisador inquieto que nunca para de se perguntar sobre *como e por que* as coisas se dão de uma determinada forma e não de outra”.

Por outro lado Cunha (2012) comenta que há professores que associam a prática do ato pedagógico a algo pesado, desestimulante e desgastante. Essa percepção deve estar vinculada ao fato de encontrar em sala de aula, muitas vezes, alunos que participam efetivamente do processo pedagógico e outros, que apenas assistem a um processo educacional, vendo-o passar, sem nenhum tipo de relacionamento com o aprendizado. Na sua experiência como docente, a autora destaca que sabia trabalhar

com o primeiro perfil de aluno, mas com os outros... e, assim ela passa a fazer parte do contingente de professores que ratificavam a marginalidade, mas a queriam-na distante.

E é nesse cenário que uma parte dos docentes atua no ensino brasileiro. O docente, sua formação, sua prática em serviço como é que ele se define nesse contexto. Será que ele percebe sua própria trajetória.

O professor com relação à escola é, ao mesmo tempo, determinante e determinado. Há uma variedade de fatores que determinam seu perfil e suas manifestações. A escola, analisada em diferentes momentos históricos, certamente mostrará realidades também diferenciadas. Esse jogo de relações entre a escola e a sociedade precisa ser cada vez mais desvendado para que se possa compreender e interferir na prática pedagógica. Uma visão simplista diria que a função do professor é ensinar e poderia reduzir este ato a uma perspectiva mecânica, descontextualizada. Entretanto, sabe-se que o professor não ensina no vazio. O ensino é sempre situado, com alunos reais em situações definidas. E nessa definição interferem os fatores internos da escola, assim como as questões sociais mais amplas que identificam uma cultura e um momento histórico político (CUNHA, 2012).

A sociedade contemporânea já produziu a idéia do professor-sacerdote, colocando a sua tarefa em nível de missão; Indo a mistificação do professor que interferiu no seu modo de ser e de agir; Evoluiu posteriormente a idéia do professor como profissional liberal, privilegiando o seu saber específico e atribuindo-lhe uma independência que, na prática, talvez nunca tivesse alcançado. (CUNHA, 2012).

A leitura dos principais pensadores brasileiros nos leva a perceber que há o reconhecimento comum de alguns aspectos fundamentais na formação de professores. Onde a proposta de formação, depende da concepção que se tem de educação e de seu papel na sociedade desejada. Quase todas as propostas atuais contemplam o saber específico, o saber pedagógico e o saber político social como partes integrantes da formação dos professores, como ressalta (CUNHA, 2012).

O principal ponto de discussão parece ser a relação que se estabelece entre essas três abordagens.

Onde segundo Fiorentini *et al* (1998) o Saber Específico alcança seu auge na década de 1960 e tem como característica principal, a valorização quase exclusiva

do conhecimento que o professor tinha sobre a sua disciplina; Na década de 1970, começa a se destacar o Saber Pedagógico, com a valorização dos aspectos didáticos metodológicos e sua relação com as tecnologias de ensino, passando assim, para um segundo plano o domínio do conteúdo; Na década seguinte, o discurso educacional é dominado pelo Saber Político-Social na prática pedagógica, onde as pesquisas sobre o ensino e formação do professor passam a priorizar o estudo dos aspectos políticos e pedagógicos amplos e como destaca Linhares (1996), os saberes escolares, tácitos e implícitos e as crenças epistemológicas, seriam muito pouco valorizadas.

Levar em conta essas premissas é também refazer as concepções sobre o conhecimento e sobre a ação de ensinar e aprender este conhecimento. A concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos se direcionem à internalização ou à conscientização. Isto significa ter uma concepção nova da relação existente entre o sujeito socialmente situado e o conhecimento. Significa entender que aprender não é estar em atitude contemplativa ou absorvente, frente aos dados culturais da sociedade, e sim estar ativamente envolvido na interpretação e produção destes dados. (CUNHA, 2012)

A educação do professor nesse sentido deverá passar por uma nova concepção do processo ensino aprendizagem, derivará da recolocação do conhecimento na perspectiva histórico-social. É necessário caminhar por um ensino que favoreça a produção de conhecimento. Considera-se, assim que este, em sua trajetória, constrói e reconstrói seus conhecimentos conforme a necessidade de sua utilização, de suas experiências e seus percursos formativos e profissionais. (NUNES, 2001)

Quando se fala de metodologia, faz parte do senso comum e ratificado pelos órgãos institucionais que o professor possua um saber que lhe é próprio. Onde esse saber possui duas grandes direções: o domínio do conteúdo do ensino e o domínio das ciências de educação que lhe permitirão compreender e realizar o processo pedagógico. (CUNHA, 2012)

Dentre as principais características do docente se destaca o trato do conteúdo de ensino; outro aspecto é a metodologia do professor, preocupar-se com os métodos de aprendizagem e procurar formas dialógicas de interação; o domínio do

conteúdo; a escolha de formas adequadas de apresentar a matéria e ter um bom relacionamento com o grupo, um clima positivo na sala de aula. (CUNHA, 2012)

Cunha (2012), também ressalta o quanto se aprende pela prática do cotidiano, pela convivência, e o quanto o professor precisa estar consciente disso. E se há aspectos positivos, também existe o risco das repetições de práticas sem uma reflexão sobre elas.

A Prática pedagógica a partir de três referenciais:

- As relações que o professor estabelece com o “ser” e o “sentir” (prazer, entusiasmo, exigência, princípios e valores);
- As relações que estabelece com o “saber” (matéria de ensino, relação teoria e prática, a linguagem e a produção do conhecimento);
- As relações que estabelece com o fazer (planejamento, métodos, objetivos, motivação do aluno e avaliação).

E diante do que foi dito, a prática docente segue algumas características que podem ser utilizadas independentes da metodologia de ensino adotada, porém é importante se ter consciência de quais metodologias estão sendo utilizadas ou desenvolvidas, para que haja um melhor aproveitamento da prática docente, mesmo havendo dificuldades e desafios no processo.

Segundo Anastasiou e Alves (2012) “não se pode desconsiderar a ação docente existente, a qual deverá ser tomada como ponto de partida para a construção da didática necessária”.

Quando nos debruçamos sobre qualquer aprendizado, para além da simples memorização, muitas vezes não se reflete sobre os desafios e as dificuldades contidas nas diversas atividades propostas aos alunos. Quando se há a clareza de suas complexidades e a intencionalidade de desafiar progressivamente os alunos na direção da construção do conhecimento será impossível prever até onde se pode chegar aos processos de ensino-aprendizagem.

O Pensar é fator fundamental na metodologia ativa, várias são as possibilidades no ato de pensar e a sua compreensão e significados são essenciais para o desenvolvimento do discente.

Rathset *al* (1977), nos mostra as possíveis operações de pensamento e os seus conceitos e relações:

Comparação, que visa examinar dois ou mais objetos ou processos com a intenção de identificar relações mútuas, pontos de acordos e desacordos; **Resumo**, onde se apresenta de forma condensada a substância do que foi apreciado; **Observação**, sob a idéia de observar existe o procurar, identificar, notar e perceber. É uma forma de descobrir informação; **Classificação**, colocar em grupos, conforme princípios, dando ordem à existência; **Interpretação**, processo de atribuir ou negar sentido à experiência, exigindo argumentação para defender o ponto proposto; **Crítica**, efetivar julgamento, análise e avaliação. Segue referência a um padrão ou critério; **Busca de Suposições**, supor é aceitar algo sem discussão, podendo ser verdadeiro ou falso; **Imaginação** é ter uma idéia sobre algo que não está presente, percebendo mentalmente o que não foi totalmente percebido. É uma forma de criatividade, liberta dos fatos e da realidade; **Obtenção e organização dos dados** são a base de um trabalho independente, exigem objetivos claros, análise de pistas, plano de ação, definição de tarefas-chave; **Levantamento de hipóteses**, propor algo apresentado como possível solução para um problema. As hipóteses constituem interessante desafio ao pensar do aluno; **Aplicação de fatos e princípios a novas situações**, solucionar problemas e desafios, aplicando aprendizados anteriores, usando a capacidade de transferência, aplicações e generalizações ao problema novo; **Decisão**, agir a partir de valores aceitos e adotados na escolha, possibilitando a análise e consciência deles; **Planejamento de Projetos e Pesquisas** é lançar idéias, intenções, utilizando-se de esquemas preliminar.

Como foi visto o ato de pensar não é algo simples e direto quando se trata de metodologias de ensino. O que pode provocar algumas dificuldades junto ao discente, segundo Rathset *al* é a impulsividade, a excessiva dependência em relação ao professor, a incapacidade para concentrar-se e para ver o significado, os processos de rigidez de comportamento, além da falta de disposição para pensar.

O que acaba interferindo na nova forma de organizar o processo de ensino. Para o discente altera a forma memorativa e a passividade do assistir a aulas e passa para o desafio de realizar operações mentais. Porém, essa ação do estudante só se efetivará a partir do direcionamento dado pelos professores ao processo, com a escolha e efetivação de diferentes estratégias, constituindo-se assim como responsabilidade coletiva. (ANASTASIOU, 2012)

Essas resistências não ocorrem somente junto ao discente. É presente também nos docentes, nas instituições de ensino, na organização curricular.

No docente, um dos grandes desafios é o de selecionar, a partir do campo científico em que atua os conteúdos, os conceitos e as relações. Desafio que se amplia quando se atua coletivamente no corpo docente do curso. O que é amenizado, quando se definem os eixos que interligam o projeto político pedagógico do curso, tornando assim, o avanço na definição dos elementos essenciais facilitado. Após essas escolhas, o professor pode definir as estratégias.

Por isso, a ação de ensinar não pode se limitar à simples exposição de conteúdos, no processo de ensinar, os conhecimentos são tomados como parte de um quadro teórico prático global de uma área. O que possibilita uma determinada linha de pensamento, que leva a uma percepção, assimilação e ação. Como é demonstrado por Anastasiou, (2012):

Ao apreender-se um conteúdo, apreende-se também determinada forma de pensar e de elaborar esse conteúdo, motivo pelo qual cada área exige formas de ensinar e de apreender específicas, que explicitem e sistematizem as respectivas lógicas. Nesse caso, as estratégias devem ser selecionadas dentro desse contexto.

A autora também expõe que na escolha de estratégias de ensino ou metodologias mais apropriadas, o professor deve levar em consideração sua percepção e criatividade para que possa despertar no estudante sensações e vivências pessoais renovadoras e profundas. Podendo-se assim, atuar sobre e com o objeto estudado, nesse processo compartilhado de trabalhar conhecimentos, assim como obter resultados estão mutuamente dependentes.

Segundo Anastasiou e Alves (2012):

Nesse contexto, a interação intencional, planejada e responsável entre universitário, professor e objeto de conhecimento configura a essência da relação pedagógica. Mediada pelo conhecimento, essa relação busca o alcance da lógica própria das diversas áreas, numa construção inovadora, mobilizando o envolvimento e o comprometimento de estudantes e professores no processo de compreensão da realidade e do seu campo profissional, compartilhando os saberes e os sabores”.

Também foi colocado pelas autoras que há elementos fundamentais a serem questionados quando se confronta com a execução de um processo de ensino aprendizagem. Onde se destacam:

- A visão de conhecimento na busca da compreensão do processo de reconstrução desse conhecimento pelos alunos;
- A consideração dos limites e das possibilidades dos sujeitos atuantes no processo;
- O posicionamento necessário e essencial de parceria deliberada, consciente e contratual entre os pares, sujeitos do processo;
- A construção contínua da metodologia dialética, buscando a compreensão e o domínio das ferramentas oferecidas pelas diferentes áreas do conhecimento;
- A busca dos *percursos* dos conteúdos curriculares;
- A formação profissional contínua dos sujeitos envolvidos, como princípio norteador;
- A importância de processos colegiados na busca dessa formação continuada, na valorização do individual como parte de um coletivo que interage, de forma responsável e atuante.

Com as referências aqui abordadas (ensinar, aprender, apreender) surge à possibilidade e o desafio de discutir os objetivos, organizar os conteúdos e as metodologias com as estratégias necessárias para o processo de ensino-aprendizagem.

Compreende-se que vários são os determinantes que interferem na alteração do fazer docente e das escolhas e ações diferenciadas no processo de aprendizagem.

Boaventura Santos (1999) salienta que nenhuma forma de conhecimento é em si racional, portanto dialoga com outras formas de conhecimento.

Na visão de docentes universitários, o conhecimento a ser construído na sala de aula inclui a absorção de sinais adquiridos cotidianamente e são elementos já existentes na base cognitiva. É o resultado da investigação científica e de um processo de interação com a realidade observada e vivenciada. (ANASTASIOU e ALVES, 2012).

É nesse contexto que se constrói o trabalho docente e que o professor se vê frente a frente com a necessidade e o desafio de organizá-lo e operacionalizá-lo como

ressalta a mesma autora. O professor deve se tornar um estrategista quando se tem pela frente o estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas que facilitem o estudante se apropriar do conhecimento.

Lidar com diferentes estratégias não é fácil, quando o professor é desafiado a atuar numa nova visão em relação ao processo de ensino aprendizagem, poderá encontrar dificuldades e geralmente essa dificuldade se inicia pela própria compreensão da necessidade de ruptura com o repasse tradicional.

Além de se vê diante de novos desafios, como: lidar com questionamentos, dúvidas, inserções dos alunos, críticas, resultados incertos, perguntas inesperadas,... além da incerteza quanto aos resultados. Hoje o docente está diante da constatação de uma situação de movimento, de contradição, mudança, incerteza e imprevisibilidade. Como pode ser observado em Meirieu, (1989):

A prática reflexiva, profissionalização, trabalho em equipe e por projetos, autonomia e responsabilidade crescentes, pedagogias diferenciadas, centralização sobre os dispositivos e sobre a situação de aprendizagem, sensibilidade à relação com o saber e com a lei delineiam *um roteiro para um novo ofício*.

E nesse sentido os docentes com as suas práticas, dificuldades e desafios devem adotar metodologias que dêem suporte ao desenvolvimento profissional do futuro turismólogo. E assim, buscar atender as exigências provenientes do mercado (com o CBO), da instituição (com o PPP) e do ato de ensinar (lei de diretrizes e base) que atualmente focalizam o saber e o desenvolvimento de competências e habilidades.

2.4 Evolução, Competências e Competências Profissionais do Turismólogo

Na década de 1970 tem-se o início da oferta de cursos de graduação em Turismo no Brasil, a maioria dos quais em instituições privadas, mediante o estímulo do governo à criação de cursos de caráter profissionalizante (SOUZA, 2001; DENCKER, 2006). No entanto, ambos se sustentavam no eixo central do planejamento turístico, então “cultuado” pelos setores públicos, e eram ofertados em nível de bacharelado (REJOWSKI, 2010).

De um crescimento tímido e estagnação nas décadas de 1970 e 1980, passa-se para um crescimento progressivo na década de 1990, e uma grande expansão

até meados da década seguinte, quando tem início um processo de estagnação e declínio principalmente em cursos de instituições privadas (ANSARAH, 2002; RUSCHMANN, 2002; REJOWSKI, 2010).

Assinala-se que em toda essa trajetória proliferaram poucos cursos em instituições públicas, ao lado de muitos cursos em instituições privadas. Para estas últimas, havia um nicho de mercado a ser explorado, o qual deixou de ser atrativo com a abertura de novos cursos (Hotelaria, Gastronomia, Eventos etc.) em diferentes modalidades de ensino superior (bacharelado, de tecnologia, sequencial). Apenas na segunda metade de 2000 é que ocorre alguma expansão dos cursos em universidades públicas, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. No entanto, nessa mesma época inicia-se a redução de números de alunos e o encerramento de cursos em instituições privadas, refletindo, segundo (CARVALHO, 2008), ou problemas de sobrevivência dos cursos, ou apenas “acomodações do mercado”.

Com informações provenientes da pesquisa de Rejowski (2009) e confirmadas com pesquisa realizada em 2012, percebe-se em contraposição a diminuição dos cursos de Graduação em Turismo e a extinção de alguns deles, a Pós Graduação *strictu sensu* vem sendo desenvolvida principalmente em âmbito público com a criação de diversos mestrados pelo país. Afirma-se que a linha de pesquisa Turismo e Lazer do programa de mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação da USP teve papel fundamental, principalmente da década de 1990 à primeira metade da década de 2000, titulando muitos graduados que passaram a atuar como docentes em todo o Brasil.

Nesses programas são desenvolvidas pesquisas científicas denominadas dissertações de mestrado e teses de doutorado, como exigência parcial para a obtenção dos títulos de mestre e de doutor, respectivamente. No entanto, a produção de pesquisas sobre Turismo não se restringe aos programas específicos da área; estas também são desenvolvidas em programas das mais diversas áreas, principalmente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, mas não restritas a estas (SCHLÜTER, 2000).

Um modelo mais recente que vem sendo desenvolvido desde 2007 em virtude de um movimento internacional denominado TEFI - *TourismEducation Future Initiatives*. Nele a ética, sustentabilidade e internacionalização/globalização

constituem as forças de pressão para a “mudança dos paradigmas educacionais vigentes na formação superior em turismo” (SOGAYAR; REJOWSKI, 2011, p. 282). Essas forças de pressão impõem cinco “novos” valores da educação superior em Turismo: ética, profissionalismo, zelo, conhecimento e mutualidade. Uma nova força de pressão ou um novo valor a ser incorporado nesse modelo é a hospitalidade, de um lado pela “inclusão social, cidadania e humanização, e de outro pela cadeia produtiva mais humanizada e inclusiva do setor turístico” (SOGAYAR; REJOWSKI, 2011, p. 295).

Em relação a proposta de formação desse bacharel, os pesquisadores analisaram temáticas relacionadas à: elaboração de projetos pedagógicos de cursos e a adequação de diferentes projetos às diretrizes curriculares; visita técnica enquanto prática pedagógica e suas contribuições; estreita relação entre o trabalho de conclusão de cursos e os docentes orientadores na produção de conhecimento. Especificamente quanto ao trabalho de conclusão de curso, Meirelles (2002) apresenta um interessante diagnóstico no curso estudado, e sobre a elaboração de projetos pedagógicos de cursos, Schlindwein (2003) alerta para o distanciamento da realidade e sua consequente padronização:

A pesquisa apresenta um diagnóstico que reflete o distanciamento com questões de ordem social, cultural e econômico que interferem na elaboração dos projetos pedagógicos e consequentemente a padronização dos mesmos (SCHLINDWEIN, 2003).

Os pesquisadores mostram a importância, carência ou adequação de conteúdos dessas disciplinas, a presença de conteúdos em outras disciplinas ou atividades práticas, e as deficiências ou incoerências de metodologias adotadas. Dentre esses, cita-se Câmara (2004) que ao tratar da Educação ambiental indica a falta de ações efetivas para trabalhar o conteúdo:

[...] as ações acontecem sem qualquer proposta de integração disciplinar [...]. O desenvolvimento de uma educação ambiental [...] exige um investimento institucional e dos docentes. Seria necessária a introdução da educação ambiental nos documentos oficiais dos cursos, criando-se uma obrigatoriedade de sua prática, e ainda: uma reformulação curricular que permita uma efetiva incorporação da educação ambiental, a capacitação de docentes para a ação interdisciplinar, o incentivo à participação na pesquisa e na extensão, a adoção e implementação de estratégias pedagógicas

interdisciplinares e uma avaliação permanente e coletiva de todo o processo formativo.

Ainda relacionadas à proposta de formação, há pesquisas que abordam a interdisciplinaridade, sustentabilidade, hospitalidade e inclusão e exclusão social, refletindo, portanto, a preocupação com o turismo sustentável, responsável e inclusivo. Desses temas, o mais enfocado foi a interdisciplinaridade, a partir de concepções do termo, práticas e enfoques relacionados à sustentabilidade e à hospitalidade (DENCKER, 2000; MARGONI, 2006; MAGALHÃES, 2009).

Essas pesquisas ativas confirmam a busca de novos paradigmas da educação superior em Turismo, pois não acompanharam o movimento. Outro subtema presente é a formação profissional em vários aspectos, tratando de vivências acadêmicas, competências, habilidades, comportamentos profissionais, perfil acadêmico-profissional e visão dos egressos. Nos trechos a seguir nota-se o discurso sobre a aproximação da academia ao mercado, e a realidade de um amplo mercado *versus* a não inserção de egressos:

[...] as competências desenvolvidas pelos cursos superiores de turismo atendem parcialmente às exigências do mercado de trabalho do setor turístico de Natal, no que se refere às competências necessárias para o profissional do setor. Torna-se imprescindível uma maior aproximação entre o mercado de trabalho e a academia, visto que o dinamismo do mundo do trabalho do setor turístico exige profissionais preparados para atender às crescentes exigências em termos de formação e experiência (FORNARI, 2006, s.p.).

A forma clássica e programada do estudo do meio, interpretado pelo autor, é quase que uma maquiagem educativa, resumida a pontos e guiada muitas vezes pelos livros didáticos e agências de turismo. Pode-se depreender dessa crítica uma correlação entre as práticas do turismo de massa e a visão preestabelecida de uma didática que aquele meio a ser estudado (e não outro) possa proporcionar para garantir a aprendizagem de determinados conteúdos: como as serras, as zonas de praia, os centros históricos, os parques nacionais, os chamados monumentos patrimoniais etc., afastados da comunidade e da própria escola, do comprometimento de mudança daquilo que os alunos e a sociedade vivem. O meio aí se limitaria a um lazer despertado pelas viagens mirabolantes mercadológicas que reproduz quase sempre o

resultado esperado. Por isso, propõe uma mudança de conceitos e de práticas pedagógicas (OLIVEIRA; ASSIS, 2009).

Segundo Perrenoud (2000), “o ofício não é imutável. Suas transformações passam principalmente pela emergência de novas competências ou pela acentuação de competências reconhecidas”.

O tema competência, desde a década de 1970, é pesquisado por psicólogos e educadores (FLEURY; FLEURY, 2001). A partir desse período, tomou impulso e entrou para a pauta das discussões acadêmicas e empresariais.

A noção de competências surgiu nas ciências organizacionais, na Europa, por volta 1980 (DeLuiz, 2001) e se desenvolveu junto aos sistemas de informações estratégicos. Segundo Zarifian (2001), é na década de 1980 que a interseção de conhecimento e habilidades profissionais e sociais estimula o desenvolvimento de competências essenciais no indivíduo. Zarifian (2001) tenta demonstrar a inegável relação do conceito de competência com as transformações ocorridas na sociedade ao longo da história do trabalho. O trabalho é o prolongamento direto das competências pessoais que o indivíduo possui para a solução de situações inesperadas que exigem processos de socialização contínuos para o alcance de objetivo. Segundo o autor, a competência de um sujeito se manifesta em situações práticas, e somente quando se põe em prática, as competências torna-se possível avaliá-las. (SOUZA *et al*, 2008).

Le Boterf (2003) procura demonstrar as mudanças que se processaram no mundo do trabalho para explicar o desenvolvimento do modelo de competências. Para o autor, um conjunto de qualidades (saber agir e reagir com pertinência; saber combinar recursos e mobilizá-los num contexto; saber transpor; saber aprender e aprender a aprender e saber envolver-se) inter-relacionadas em um contexto prático se soma com o objetivo de não só se desenvolver competências, mas também, profissionalismo. Esse conjunto de qualidades forma um triângulo cujo centro contém a competência e o profissionalismo. Três ações compõem os vértices desse triângulo: querer agir, saber agir e poder agir.

Durand (1999) propõe um modelo de competência articulada em torno de três dimensões que são: conhecimento (*savoir*), práticas (*savoir-faire*) e atitudes (*savoir-être*). Esse modelo engloba não só o processo de gestão, mas também de estrutura organizacional, decisão estratégica e analogias sociais.

Ropé e Tanguy (1997) sugerem que a noção de competência seja uma das categorias do pensamento que se tornam indispensáveis à comunicação humana e à coordenação de atividades comuns.

A competência tem vários conceitos, ou melhor, significados, pois assim como o significado de conhecimento acompanha o contexto em que foi analisado, o mesmo ocorre com a competência analisada sob diversas teorias e sentidos conforme Quadro 8.

Quadro 8: Definições de Competências

AUTOR	DEFINIÇÃO
Durand (1999)	Competências são conhecimento, habilidade e atitudes necessárias para se atingir determinados objetivos.
Fleury & Fleury (2001)	Competência é saber agir responsável e reconhecido, que implica mobilizar, integrar, transferir conhecimentos, recursos, habilidades, que agregam valor econômico à organização e valor social ao indivíduo.
Le Boterf (1995)	A competência é o saber agir responsável e que é reconhecido pelos outros. Implica saber como mobilizar, integrar e transferir os conhecimentos, recursos e habilidades, num contexto profissional determinado.
Levy-Leboyer (1997, p.13)	Competências são “repertórios de comportamentos que algumas pessoas dominam melhor que outras, o que a fazem mais eficazes em uma determinada situação”
Prahalad e Hamel (1998, p.298)	“As competências essenciais são o aprendizado coletivo na organização, especialmente como coordenar as diversas habilidades de produção e integrar as múltiplas correntes de tecnologia”
Real Academia Espanhola (2000)	Competência é “[...] tanto obrigação como atitude ou habilidade para fazer algo”.
Santos (2001, p.27)	Competência “não é apenas conhecimento e habilidades para a realização do trabalho (saber fazer), mas também atitudes, valores e características pessoais vinculados ao bom desempenho no trabalho (querer fazer)”
Zafirian (2003, p. 137)	“Competência é a tomada de iniciativa e o assumir de responsabilidade do indivíduo sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais”
Zafirian (2001, p.66); MEDEF (1998) ¹	Competência profissional “[...] é uma combinação de conhecimentos, de saber-fazer, de experiências e comportamentos que se exerce em um contexto preciso”

Fonte: SOUZA ET AL, 2008

Nos dias atuais, a noção de competência está presente em diferentes espaços sociais: economia, trabalho, educação. Na área educacional, tende a substituir

¹ Movimento de Empresas da França (Medef), ex-CNPF, Jornada Internacionais de Deauville, 1998: objetivo competências, t. 1, out. 1998.

a noção de saberes e, no ambiente de trabalho, a noção de qualificação. (PEREZ, 2005).

No processamento do saber, a competência é o aspecto relevante do conhecimento, a qual envolve a *expertise*, como aprendizado e destreza em realizar e discernir a essencialidade do fazer. Nesse sentido, o exercício das profissões acompanha as necessidades da sociedade emergente que cada vez mais exigente, tanto na interação pessoal, quanto na formação especializada direciona o profissional a buscar conhecimento (NINA, 2006, p.32).

“Competência é uma noção associada à ação, o desempenho e a eficiência e que só poderá ser avaliada mediante uma situação concreta. Não há competência no abstrato. Sempre se é competente “em relação a” (PEREZ, 2005).

A propósito de identificar que lugar ocupa a questão da competência na relação entre trabalho e educação, Kuenzer (2001) denomina de “pedagogia das competências” àquela que prepara o indivíduo para atuação em grupo, onde a memorização é substituída pelo desenvolvimento de “competências cognitivas superiores” de modo a ser capaz de enfrentar eventos, de conhecer o processo, deixando de exercer uma atuação como especialista para se colocar como generalista.

A proposta agora é de solicitar um novo perfil de profissional em que sua destreza e habilidades técnicas estejam associadas à competência de natureza interpessoal, independente do cargo ou das atribuições que venha a assumir, de modo que seja adaptável e flexível adquirindo o status de portador de “empregabilidade” (CARDOSO; FRANCISCO, 1998, p.86).

Na opinião de Paiva *et al.* (1997) hoje são esperadas habilidades, qualidades e virtudes intelectuais, que a qualificação básica, segundo uma educação de caráter geral, não poderia oferecer.

Segundo Perrenoud (2000) as competências julgadas prioritárias são compatíveis com os eixos de renovação. Individualizar e diversificar os percursos de formação, introduzir ciclos de aprendizagem, direcionar-se para uma avaliação mais formativa do que normativa, conduzir projetos de estabelecimento, desenvolver trabalhos em equipes, desenvolver as competências e a transferência de conhecimentos, educar para a cidadania.

Assim, o conceito de competência se difundiu no ensino de maneira muito acelerada, encontrou no campo educacional terreno fértil para o seu desenvolvimento, além de produzir opiniões favoráveis e desfavoráveis em função de critérios associados ao seu pertencimento a um ou outro paradigma pedagógico (ARNAU; ZABALA, 2010, s.p.). Segundo os autores:

“a introdução do conceito de competência de forma generalizada pode ser um modo eficaz para difundir princípios pedagógicos que ainda hoje são utilizados por uma minoria; mas não somente isso, de alguma forma pode ser um “recipiente” apropriado para conter, de modo rigoroso, um ensino que se una a uma perspectiva de formação integral, justo e para toda a vida”

Nesse sentido busca-se, apreender o *movimento da profissão*, através de um referencial de competências que não busca uma representação consensual, completa e estável, nem muito mesma que seja definitivo, mas que oriente e operacionalize.

Ou seja, de forma progressiva e gradual, os currículos se deslocaram das matérias para o aluno. Nesse cenário, é necessário que o aluno seja cognitivamente “capaz” nas funções motoras, de equilíbrio, de autonomia pessoal e de inserção social. E o que se aprenda sirva para poder agir de forma eficiente e determinada diante de uma situação real. (ARNAU; ZABALA, 2010).

- Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- Administrar a progressão das aprendizagens;
- Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;
- Trabalhar em equipe;
- Utilizar novas tecnologias;
- Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;
- Administrar sua própria formação contínua.

A competência no âmbito escolar consiste na intervenção eficaz nos diferentes âmbitos da vida, mediante ações nas quais se mobiliza, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, componentes atitudinais, procedimentos e conceitos. É importante salientar que a competência e os conhecimentos não são antagônicos, pois

qualquer atuação competente representa a utilização de conhecimentos inter-relacionados às habilidades e às atitudes (ARNAU; ZABALA, 2010).

Os autores defendem que um currículo com base em competência representa a formação em aprendizagens que têm como característica fundamental a capacidade de serem aplicadas em contextos reais e com finalidades definidas para o pleno desenvolvimento da personalidade nos mais diversos campos da vida. Ensinar competências implica utilizar formas de ensinamentos consistentes e um complexo processo de construção pessoal, respeitando as características de cada aluno e sabendo que não existe uma metodologia própria para ensiná-las, mas sim condições gerais de como devem ser as estratégias metodológicas, com o enfoque globalizador.

Em relação a profissão do turismólogo, o termo surgiu em meados de 1970, com o objetivo de categorizar uma formação acadêmica específica que começava a surgir no Brasil. O primeiro curso iniciou-se na atual Universidade Anhembi-Morumbi no ano de 1971 e logo após, foi a Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas – atual Centro Universitário Ibero-Americano/ UNIBERO em São Paulo em 1972.

Porém o turismo somente começa a ser tratado como objeto de estudo acadêmico e científico a partir do ano de 1973, quando foi criado o curso de turismo na Universidade de São Paulo – USP, posteriormente nas universidades Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 1974 e Universidade Católica de Pernambuco, em 1975.

No que tange a legislação, a Resolução N° 13, de 24 de novembro de 2006, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Turismo, a serem observadas pelas Instituições de Educação Superior em sua organização curricular. Com fundamento no art. 9º, § 2º, alínea “c”, da Lei n° 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei n° 9.131, de 25 de novembro de 1995, tendo em vista as diretrizes e os princípios fixados pelos Pareceres CNE/CES n°s 776, de 03/12/97, e 583, de 4/4/2001, e as Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela comissão de Especialistas de Ensino de Turismo.

Nesse sentido, vale citar o que apregoa a Resolução n° 13, de 24 de novembro de 2006, do Ministério da Educação, em seu artigo 3º, sobre o perfil desejado do formando em Turismo:

Art. 3º O curso de graduação em Turismo deve ensejar, como perfil desejado do graduando, capacitado e aptidão para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional. (BRASIL, 2006)

E, ainda em seu artigo 4º, discorrendo sobre as competências e habilidades esperadas do formando em Turismo:

Art. 4º O Curso de Graduação em Turismo de possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I – Compreensão das políticas nacionais e regionais sobre o turismo;

II – Utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;

III – Positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;

IV – Domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;

V – Domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;

VI - Adequada aplicação da legislação pertinente;

VII – Planejamento e execução de projetos e programas estratégicas relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;

VIII – Intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;

IX – Classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagem, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;

X – Domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;

XI – Domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista;

XII – Comunicação Interpessoal, intelectual e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;

XIII – Utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;

XIV – Domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;

XV – Habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;

XVI – Integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;

XVII – Compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;

XVIII – Profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico;

XIX – Conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

Outra conquista que os Turismólogos obtiveram foi a Lei 12.591 sancionada em 19/01/2012 pela Presidente Dilma Rousseff e publicado no Diário Oficial, a portaria define as atividades da profissão.

A Lei considera atividades do turismólogo: planejar, organizar, dirigir, controlar, gerir e operacionalizar instituições e estabelecimentos ligados ao turismo; coordenar e orientar trabalhos de seleção e classificação de locais e áreas de interesse turístico, de acordo com sua natureza geográfica, histórica, artística e cultural, bem como realizar estudos de viabilidade econômica ou técnica; coordenar e orientar levantamentos, estudos e pesquisas relativamente a instituições, empresas e estabelecimentos privados que atendam ao setor turístico; entre outras.

Destaca-se também, como conquista do turismólogo à inclusão da profissão na Classificação Brasileira de Ocupação – CBO, em março de 2012, que ocorreu após grande mobilização do Instituto Brasileiro de Turismólogos e seus filiados. (MTE, 2014).

Segundo o CBO, a Descrição sumária do Turismólogo é a de Dirigir as atividades dos serviços de turismo, de alojamento e de alimentação sendo representante dos proprietários e acionistas, ou por conta própria, planejando e executando projetos e programas que fazem parte da atividade turística na busca do desenvolvimento sustentável e do fomento ao turismo.

A classificação destaca ainda as Características do Trabalho do Turismólogo que consiste no desenvolvimento das atividades em equipe, sob

supervisão ocasional, em ambientes fechados e no período diurno. No caso específico de diretores, podem trabalhar sobre pressão, ocasionando estresse.

Com relação às áreas de atividades dos turismólogos, compreendem a Definição de Planos, Políticas e Diretrizes relacionados ao Turismo; Traçar Plano Operacional; Executar Planos de Negócios; Produzir Resultados; Coordenar Equipes; Garantir Qualidade de Produtos e Serviços; Analisar Mercado; Realizar Pesquisas e Comunicar-se.

Além disso, o documento destacou as competências pessoais requeridas para o turismólogo, como: o saber trabalhar em equipe e tomar decisões; Visualizar o futuro e demonstrar poder de convencimento e de visão de Mercado; Demonstrar agilidade, criatividade fluência em outro idioma; Demonstrar confiabilidade, liderança e objetividade; Além de demonstrar flexibilidade, proatividade, dinamismo, e a necessidade de um aprendizado contínuo buscando conhecer as características, à abrangência e a diversidade da área que atua.

Ao longo de dezenove anos o Curso de Turismo da UFRN teve atualizado o seu Projeto Político Pedagógico três vezes, nos anos de 1999, 2004 e 2008 e tendo mais uma revisão prevista para o ano de 2015 onde em cada atualização buscou-se fomentar uma permanente crítica sobre seus conteúdos e métodos. E em cada revisão foi abordado características específicas, sobre o curso, que precisavam de ajustes para atender uma demanda e manter-se em sintonia com as novas exigências.

No ano de 1999 o objetivo do projeto pedagógico era apresentar o Curso de Turismo da UFRN com vistas a um acompanhamento didático por parte da Coordenação e do Colegiado do Curso, onde essa apresentação foi feita em três partes: A primeira foi composta pela introdução, pela missão da instituição, pelos objetivos do curso, pela caracterização da formação oferecida, e o perfil e habilidades necessárias a esse profissional; A segunda parte apresenta as atividades de Ensino – Estrutura Curricular, Ementários de Disciplinas, Estágio Supervisionado, as atividades de pesquisa e de extensão e o número de bolsas de pesquisa e extensão existente a serem pleiteadas; e a terceira mostra o processo de avaliação curricular prevista no projeto curricular.

No ato da apresentação do Projeto Pedagógico, o Curso de Turismo tinha como Objetivo Geral, formar o bacharel em turismo com ampla capacidade para

planejar e organizar o turismo nos diversos segmentos do setor, quer seja, o setor público ou privado enfatizando a hotelaria e a animação.

O segundo Projeto Pedagógico ocorreu no ano de 2004 e o intuito foi, de ratificar o projeto de 1999, não contendo nesse projeto modificações relevantes.

O terceiro projeto pedagógico e que ainda está em vigor no curso de turismo da UFRN, ocorreu em 2008 e surgiu como resposta às exigências de mudanças indicadas pelo contexto onde estão inseridos os cursos de turismo no País; Da necessidade de mudança e manter-se em sintonia com as novas exigências.

A análise desses indicadores forneceu as bases para a formulação do perfil do egresso, definindo assim a organização do projeto do curso, consolidado em um novo desenho da estrutura e a redefinição de estratégias de implantação.

E a mudança mais específica consiste na substituição da concepção das habilitações específicas (que enfatizava a hotelaria e a animação), pela adoção de uma concepção de formação mais ampla e generalista. O novo projeto reordena conteúdos em conformidade com os objetivos do curso e com as propostas de perfil generalista do egresso.

A estrutura tem por base grandes temas que dão origem às disciplinas, e são articuladas por ações e práticas pedagógicas integradoras, que servem de amálgama e sustentação do curso. No que diz respeito às disciplinas, o projeto pedagógico de 2008, compreende que:

As mudanças não ocorrerão tão somente a partir da criação de novas disciplinas ou novas denominações, mas também se mudando as suas estruturas, através da adequação e revisão de suas ementas. Neste caso, as disciplinas serão organizadas tendo como referencia os conteúdos de natureza conceituais e metodológicos, simultaneamente, o que permitirá a construção dos saberes fundamentais, diminuindo a cisão existente entre esses dois domínios na formação do Bacharel em Turismo.

No item diagnóstico é mencionado que o projeto surge da necessidade de se repensar a estrutura do Curso em função da insatisfação presente, no que diz respeito ao corpo docente e discente, aliada à nova legislação que prevê o redimensionamento dos bacharelados e suas habilitações, além de uma avaliação em termos de estrutura curricular, infra-estrutura e recursos humanos disponíveis. Foi diagnosticado que os principais problemas apresentados relacionam-se a falta de articulação entre as disciplinas, falta de sintonia entre as disciplinas pedagógicas e o ensino do turismo e a impossibilidade de atividades práticas, pela ausência de infra-

estrutura compatível com o requerido na formação; Outro ponto que apresentou fragilidade foi a biblioteca, onde o acervo bibliográfico disponível para o curso de turismo é mínimo e desatualizado (Projeto Político Pedagógico, 2008).

Tendo, agora, o projeto pedagógico para o curso de turismo um objetivo mais amplo e generalista e enfatizando o perfil do profissional para possibilitar uma formação consistente, fundamentada em conceitos sólidos das áreas de conhecimento, no aprofundamento de estudos e na flexibilização de novos elementos contextuais. O currículo do Curso de Turismo busca proporcionar uma formação mais direcionada para a realidade atual. A proposta está planejada e articulada para formar profissionais com as seguintes competências e habilidades:

- ✓ Com compreensão sistêmica e visão global, capaz de interpretar o contexto social, político, econômico e cultural onde está inserido;
- ✓ Aptos a atuar em mercados em transformação permanente e sob critérios de alta competitividade;
- ✓ Com competência de pensar de forma lógica e criativa;
- ✓ Habilitados para elaborar e gerir ações turísticas através de projetos, planos ou programas;
- ✓ Metodologicamente preparados para o planejamento e a execução de projetos e programas estratégicos;
- ✓ Hábil em construir relacionamentos de longo prazo, de articular rede de colaboradores, de trabalhar em equipe e de manter atitudes integradoras;
- ✓ Atuar como agente de mudanças. Imbuídos de valores éticos e espírito crítico para fomentar e difundir em cada uma de suas ações profissionais, o respeito pelo ser humano e a promoção incondicional do bem estar e da qualidade de vida nas localidades onde atuar.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de facilitar o entendimento dos diversos procedimentos metodológicos necessários ao desenvolvimento dessa dissertação, esse capítulo inicia-se com os aspectos epistemológicos (3.1), que tem como intuito situar o presente estudo nos campos paradigmáticos e serve por sua vez, de referência para a definição de estratégias de pesquisa a serem seguidas. O tópico seguinte (3.2) apresenta a caracterização da pesquisa e traz a tona as questões norteadoras, as quais estão diretamente relacionadas aos objetos específicos.

O terceiro item (3.3) aborda a caracterização da UFRN e do curso de Turismo, onde é retratado em que contexto educacional está inserido a pesquisa e as principais características tanto da instituição quanto do Curso de Turismo. O tópico (3.4) apresenta a seleção dos sujeitos da pesquisa; Na coleta dos dados (3.5) foram definidos e apresentados os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados. Outro ponto destacado, agora no item (3.6) foram as abordagens e as categorias de análise.

3.1 Aspectos Epistemológicos

Antes da escolha das estratégias e técnicas metodológicas a serem empregadas na pesquisa, faz-se importante definir os pressupostos epistemológicos do pesquisador. Os pressupostos epistemológicos e teóricos do pesquisador determinam a coerência entre a noção de sujeito e as relações de objeto, acabando por definir a escolha metodológica da investigação (GODOI E BALSINI, 2007).

A concepção de köche (2005) se assemelha, ao ressaltar que o avanço da ciência se dá a partir do pluralismo metodológico, que resulta do aprofundamento das questões epistemológicas.

Levando-se em conta esses pressupostos, o presente estudo será abordado de modo qualitativo. Já que o movimento de investigação qualitativa baseia-se em uma profunda preocupação do que os outros seres humanos estão fazendo ou dizendo (SCHWANDT, 2006).

Na busca dessa compreensão, a postura fenomenológica surge com o objetivo de compreender de forma significativa a própria ação e a dos outros e a reconstrução de objetivos através de uma discussão mais completa a respeito dessas perspectivas.

Dessa forma, tendo em vista o que foi pesquisado, a concepção fenomenológica é coerente com a abordagem qualitativa aqui empregada. Desse modo, do ponto de vista epistemológico, o fenômeno é fruto da interação social envolvendo múltiplas realidades, e, portanto, de experiências subjetivas vivenciadas no ambiente de trabalho. (EL-AOUAR, 2011).

Feitas as considerações supracitadas, parte-se para o delineamento da investigação.

3.2 Caracterização da Pesquisa

O trabalho compreende um estudo de caso de natureza exploratória junto aos docentes da UFRN buscando perceber a adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo no curso de turismo.

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores. Ponte (2006) considera que o estudo de caso:

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenômeno de interesse. (PONTE, 2006,p.2)

Gil (1999) destaca que a pesquisa exploratória é desenvolvida no sentido de proporcionar uma visão geral acerca de determinado fato. Portanto esse tipo de pesquisa é realizado, sobretudo, quando o tema escolhido é pouco explorado.

Ao se referir à pesquisa exploratória, Andrade (2002) ressalta algumas finalidades primordiais, como: proporcionar maiores informações sobre o assunto que

se vai investigar, facilitar a delimitação do tema de pesquisa, orientar a fixação dos objetivos, além de descobrir um novo tipo de enfoque sobre o assunto.

3.3 Caracterização da UFRN e do Curso de Turismo.

No dia 25 de junho de 1958 foi assinada a Lei Estadual nº 2.307 que criou a Universidade do Rio Grande do Norte (URN) e foi sancionada pelo Governador Dinarte de Medeiros Mariz e com isso simbolicamente inaugurando uma nova realidade na terra potiguar. Por trás do ato oficial, havia a presença dinâmica de autoridades da Educação do Estado decididas a empenhar o melhor dos seus esforços e inteligência, para criar uma mentalidade verdadeiramente universitária para o Estado. Implícita estava à idéia de que a instituição haveria de se tornar instância decisiva no seu desenvolvimento. (UFRN, 2014)

A composição inicial da universidade foi formada a partir de faculdades e escolas de nível superior já existentes em Natal, como a Faculdade de Farmácia e Odontologia; a Faculdade de Direito; a Faculdade de Medicina, de Filosofia e a Escola de Serviço Social e os anos sessenta iniciam-se já com a perspectiva da Federalização, que ocorrem 18 de dezembro de 1960 ao final do governo de Juscelino Kubitschek. Com o objetivo de contribuir para o progresso nos diversos ramos do conhecimento através do ensino, da pesquisa e da extensão.

A partir de 1968, com a reforma universitária, a UFRN inicia um processo de reorganização que marca o fim das faculdades e a consolidação da atual estrutura, ou seja, o agrupamento de diversos departamentos que, dependendo da natureza dos cursos e disciplinas, organizou-se em Centros Acadêmicos. (UFRN, 2014)

Costa (2013) relata que o ano de 1973 marca a época de reestruturação da UFRN, com alteração na sua estrutura organizacional, nas áreas acadêmicas e administrativas. Nasce assim, cinco grandes centros e entre eles está o Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Com uma trajetória construída por muitos atores e composta pelos departamentos de Direito Público e Privado, Educação, Economia, Administração, Economia, Contabilidade e Serviço Social.

Ao longo dos anos, novos cursos foram surgindo e em 10 de maio de 1996 através da Resolução nº 001/96 – CONSUNI, em Assembléia realizada em 21.01.97,

publicada no Boletim de Serviço – UFRN n° 006 de 30.01.97, fls. 123 a 129. O Curso de Turismo da UFRN foi criado, funcionando em regime de crédito semestral e no horário vespertino. (COSTA 2013).

Sendo reconhecido pela Portaria Ministerial n° 1.553/MEC, de 29 de setembro de 2000, teve renovação de seu reconhecimento pela Portaria Ministerial n° 3.553/MEC, de 17 de outubro de 2005.

Outro importante fato destacado pelo autor foi à criação do Departamento de Turismo – DETUR - em 21 de maio de 2010, com a aprovação da Resolução n° 005/2010-CONSUNI. O DETUR foi criado depois que o Curso de Turismo se desmembrou do Departamento de Ciências Administrativas, a partir da Portaria n° 29/09-DEPAD. Em 09 de junho de 2010, foi publicada no Boletim de Serviço n° 105, a oficialização do DETUR a partir da presente resolução.

O Curso de Turismo da UFRN surge em meados dos anos noventa, um período de grande expansão dos cursos de turismo em instituições de ensino superior – IES no Brasil, informação essa que é ratificada nos estudos de ANSARAH, 2002; RUSCHMANN, 2002; REJOWSKI, 2010, que constata que após um crescimento tímido e estagnação nas décadas de 1970 e 1980, passando por um crescimento progressivo na década de 1990 e uma grande expansão, conforme Figura 1.

Figura 1 – Evolução dos Cursos de Graduação em Turismo no Brasil.

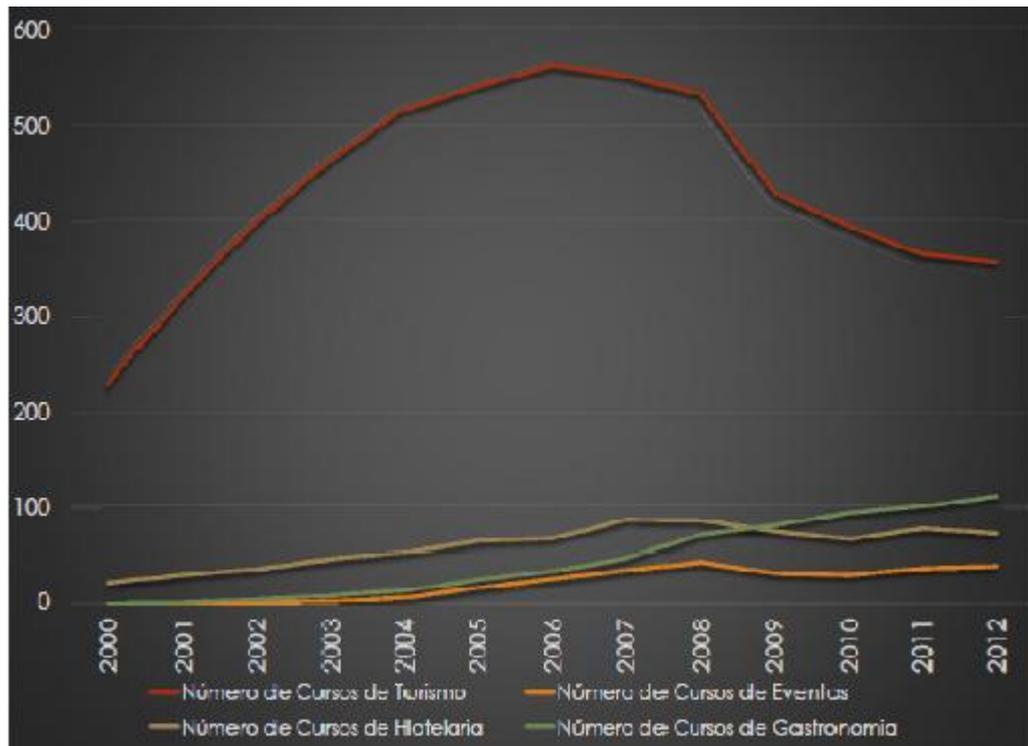


Fonte: (Rejowski, 2014)

Até meados da década seguinte, quando teve início um processo de estagnação e declínio principalmente em cursos de instituições privadas, além de uma

tendência de mercado, demandando uma reestruturação nos cursos de graduação em turismo, com o desmembramento do curso, em cursos tecnológicos superiores em gastronomia, de eventos e de hotelaria, conforme visualizado na figura 2.

Figura 2 – Reestruturação nos Cursos de Graduação em Turismo no Brasil



Fonte: (Rejowski, 2014)

3.4 Sujeitos da Pesquisa

O Universo da pesquisa abrange docentes que ministram aulas na graduação do curso de Turismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a escolha desses sujeitos da pesquisa justifica-se pelo nível de conhecimento dos professores em relação à questão de pesquisa. Para a seleção dos sujeitos da pesquisa, foi solicitado junto à secretaria do curso de graduação de Turismo, uma relação de docentes que estavam atuando no segundo semestre de 2014.

Dos 33 (trinta e três) docentes que atuam no curso atualmente, 29 (vinte e nove) participaram do processo de pesquisa, portanto foi escolhida uma amostra por conveniência. Dos quatro docentes que não participaram da pesquisa, 01 (um)

colabora diretamente do desenvolvimento dessa pesquisa, sendo assim, excluído da coleta de dados, enquanto que os outros 03 (três) profissionais, a pesquisadora não conseguiu contato em virtude da dificuldade de conciliar as agendas. Devido o curso de Turismo ser multidisciplinar, parte dos docentes entrevistados são provenientes de outros cursos, como: o de Geografia, História, Administração, Educação Física, Economia, Contabilidade, Línguas e Literatura Estrangeiras Modernas, Antropologia, Psicologia, além do curso de Turismo.

3.5 Coleta dos Dados

A Coleta foi realizada através da aplicação de um roteiro de entrevista semi estruturado, composto por quatro questões que buscaram identificar dados referentes às metodologias de ensino utilizadas em sala de aula; quais metodologias seriam mais apropriadas para o curso de turismo; quais as principais dificuldades na utilização dessas metodologias; como também quais as contribuições que essas metodologias podem ter para o desenvolvimento de competências do turismólogo.

A "Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana", dizem Fontana & Frey (1994, p.361). Nesse sentido, para Queiroz (1988) uma entrevista semi-estruturada é uma coleta de dados que tem em seus aspectos principais uma conversação continuada entre o entrevistador e os entrevistados e que deve ser conduzida pelo pesquisador considerando os seus objetivos.

Foram encontradas algumas dificuldades na coleta dos dados em relação à disponibilidade do docente para responder o roteiro de entrevista (apêndice 1). Por isso, os professores tiveram a liberdade para responder por escrito no momento do primeiro contato, ou quando melhor lhe conviesse; enviar as respostas por e-mail; responder de forma oral gravado ou sem ser gravado.

Dentro desse contexto a maior parte dos docentes preferiu responder de forma oral, totalizando vinte áudios que estão transcritos e categorizados (apêndice 2).

Para os dados secundários foram realizadas análises nos documentos, o projeto pedagógico de 2008 e a Lei de Diretrizes e Bases do curso de graduação em turismo . E assim, foi feito uma triangulação dos dados.

Decrop (2004), demonstra a idéia de que a triangulação significa olhar para o mesmo fenômeno, ou questão de pesquisa, a partir de mais de uma fonte de dados. Informações advindas de diferentes ângulos podem ser usadas para corroborar, elaborar ou iluminar o problema de pesquisa. Limita os vieses pessoais e metodológicos e aumenta a generalização de um estudo.

Denzin e Lincoln (2000) afirmaram que em ciências sociais a:

[...] triangulação não é uma ferramenta ou uma estratégia de validação, é uma alternativa à validação. A combinação de diferentes perspectivas metodológicas, diversos materiais empíricos e a participação de vários investigadores num só estudo devem ser vista como uma estratégia para acrescentar rigor, amplitude, complexidade, riqueza, e profundidade a qualquer investigação (Tradução nossa).

A triangulação nas ciências sociais e humanas é utilizado de uma forma mais ambígua, o pesquisador posicionado em um ponto de vista, ele precisará se posicionar em outros dois pontos de vista, no mínimo, a fim de ajustar a adequada “distância e angulação” dos conceitos e se posicionar definitivamente após a análise das visadas e utilizando metodologias distintas, coletando dados de diferentes formas, analisando tais dados por métodos distintos ou até mesmo, empregando-se diferentes pesquisadores para estudo de um mesmo fenômeno (FLICK, 1992).

3.6 Abordagem e Categorias de Análise

Os dados foram tratados por meio de abordagem qualitativa que supõe um corte temporal-espacial. E esse corte definiu o campo e a dimensão em que o trabalho foi desenvolvido, ou seja, o território mapeado.

A expressão “pesquisa qualitativa” assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e codificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos sociais (NEVES, 1996).

A técnica de análise utilizada foi a de Análise de Conteúdo. Segundo Cole (1988), “A análise de conteúdo é um método de análise escrita, verbal ou mensagens de comunicação visual”.

Pode-se afirmar que a análise de conteúdo é um método que pode ser aplicado na investigação qualitativa, o que serve de informação é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características em um determinado fragmento de mensagem que é levado em consideração (BARDIN, 1994).

Strauss e Corbin (1990) destacam que o processo central através do qual as teorias são construídas a partir dos dados compreendem “a codificação que é uma representação das operações pelos quais os dados são fragmentados, conceitualizados e, em conjunto, reintegrados de novas maneiras”.

O importante é não perder contato com o objetivo da codificação: fragmentar e compreender um texto e agregar e desenvolver categorias, colocando-as em uma ordem no decorrer do tempo. (FLICK, 2004).

Considerando o objetivo desta pesquisa e diante desse contexto, adotou-se a estratégia de análise onde a pesquisa seguiu a codificação teórica, cujo fenômeno central do estudo é um caso e não uma pessoa ou uma entrevista única. O objetivo dessa formulação é oferecer um breve panorama geral descritivo da história e do caso. A análise e o desenvolvimento da teoria visam a descobrir padrões nos dados assim como as condições sob as quais estes são aplicados. (STRAUSS E COURBIN, 1990)

A partir da adoção dos pressupostos para a codificação teórica foram definidas três categorias de análise *a priori*: metodologias tradicionais e inovadoras; dificuldades e desafios e contribuições no desenvolvimento de competências, conforme pode ser visualizado no quadro 8.

Na análise *a priori*, o pesquisador já possui, experiências prévia ou interesses e categorias pré-definidas. Essa experiência prévia pode constituir-se de qualquer material oriundo de diversificadas fontes, e pode ser construída a partir de um fundamento teórico (CAMPOS, 2004; MORAES, 1999).

Assim, foi desenvolvido um esquema geral de pesquisa, onde pode-se visualizar o objetivo geral e específicos, além da categoria de análise, o protocolo de pesquisa, os principais autores e a técnica de análise utilizado para o desenvolvimento da pesquisa em um só quadro, facilitando a compreensão do todo (Quadro 9).

Quadro 9: Esquema Geral de Pesquisa.

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CATEGORIAS DE ANÁLISE	COLETA DOS DADOS	PRINCIPAIS AUTORES	TÉCNICA DE ANÁLISE
Compreender a percepção dos docentes em relação à adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo no curso de turismo da UFRN	Identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos docentes nas disciplinas.	Metodologias Tradicionais e Ativas	Roteiro de entrevista com docentes;	Alves; Anastasiou; Bastos; Colon; Klein; Libânio; Mitre <i>et al</i> ; Mizukami ; Savani; Vasconcellos	Análise de Conteúdo
	Levantar as metodologias mais apropriadas para o desenvolvimento das competências .				
	Analisar as dificuldades e desafios na aplicação das metodologias de ensino	Dificuldades e Desafios	Roteiro de entrevista com docentes; Projeto político pedagógico da graduação do curso de turismo e Lei de Diretrizes e Bases do curso de graduação em turismo	Cunha; Nunes; Perrenoud; Raths <i>et al</i>	
	Estudar a contribuição das metodologias de ensino no desenvolvimento das competências	Contribuições no Desenvolvimento de Competências	Denker; Durand; Perrenoud; Rejowski; Sogayar; Souza <i>et al</i> .		

Fonte: Elaborado própria, 2015.

4 ANÁLISES DOS DADOS

O capítulo apresenta a discussão dos dados, a coleta foi realizada através da aplicação de um roteiro de entrevista semi estruturado, entre os meses de outubro a dezembro de 2014, com a aplicação das entrevistas com os docentes do curso de turismo da UFRN.

As entrevistas foram realizadas com 29 professores do curso de turismo, professores esses que são efetivos, substitutos, em estágio probatório, como também voluntários, sendo 12 homens e 17 mulheres. Destes docentes, apenas 9 professores são exclusivamente do Departamento de turismo, enquanto que os outros 20 docentes, pertencem a outros departamentos da universidade. Em relação ao tempo de atuação dos docentes no ensino superior, há docentes em início de carreira, como também com décadas de experiência profissional na docência.

Para facilitar o entendimento do leitor, foi feita uma subdivisão no capítulo, considerando a análise das questões do roteiro de entrevista e análise dos documentos: Diretrizes Curriculares do curso de graduação de Turismo e o Projeto Político Pedagógico do Curso – PPPC. Portanto, a estrutura do capítulo compreende: 4.1 Metodologias adotadas pelos docentes; 4.2 Metodologias mais apropriadas para o curso de turismo na visão dos docentes; 4.3 Dificuldades e desafios na aplicação de metodologias mais apropriadas; 4.4 Contribuições das metodologias no desenvolvimento de competências nos discentes.

Ressalta-se que na apresentação da análise dos dados só constam os trechos das falas dos sujeitos que mais representam a categoria de análise. Embora que no apêndice 3, são apresentadas nas planilhas, as transcrições na íntegra, das falas dos sujeitos, com as respectivas categorias de análise. Foi estabelecida ainda, uma codificação para os sujeitos e as suas falas, onde P representa o Professor, que se estende de P1 a P29, e o f a Fala, onde se inicia de f1 e finaliza na f4, de cada professor.

4.1 Metodologias Adotadas pelos Docentes na Disciplina

A primeira questão do roteiro de entrevista procurava entender a percepção dos docentes em relação a metodologias adotadas na disciplina. Pela análise dos discursos dos sujeitos evidenciou-se que a metodologia que mais se destaca, junto aos docentes que atuam no curso de turismo da instituição, compreende o pluralismo metodológico, sendo seguido pelas metodologias ativas e tradicionais.

O pluralismo metodológico destacado pelos docentes foi registrado na fala de um sujeito, como também foi comentado no momento que outros docentes destacaram a utilização da combinação de metodologias adotadas na sua unidade curricular, tanto metodologias ativas como tradicionais.

Utilizo o pluralismo metodológico, onde cada método revela diferentes aspectos da realidade social. P5f1

Utilizo variadas técnicas de ensino, aulas expositivas, dinâmicas de grupo, leitura em sala de aula, apresentação de seminários, visitas técnicas. P1f1

Utilizo aula expositiva, dinâmicas, aulas de campo, seminários, dramatizações e jogos. P8f1

As metodologias usadas em minhas disciplinas elas vão desde aulas expositivas e dialogadas, até passando pela dramatização, pela resolução de problemas, pelo debate, pela leitura e interpretação de textos, por estudos dirigidos, mais principalmente pelo diálogo com o aluno. P11f1

Aula expositiva, análise de fotografia, documentários, seminários despojados. P27f1

Na compreensão desse objetivo e a partir do entendimento de que na abordagem qualitativa a análise do material se processa de forma cíclica e circular, e não de forma sequencial e que o retorno periódico aos dados, constituem um processo nunca inteiramente concluído, em que a cada ciclo podem atingir-se novas camadas de compreensão (Morais, 1999) e através desse processo foi possível identificar uma categoria *aposteriori*, a partir de expressões retiradas das citações dos docentes, que propiciaram a essa nova categoria de análise, denominada pluralismo metodológico.

A análise *aposteriori*, emergem totalmente do contexto das respostas dos sujeitos da pesquisa ao emergirem dos dados, os argumentos de validade são

construídos gradativamente, sem perder de vista o entendimento aos objetivos da pesquisa. (Moraes, 1999 e Campos, 2004).

As falas dos docentes apontaram ainda, várias razões e motivos que influenciaram na escolha do pluralismo metodológico, alguns relataram: o conteúdo da disciplina e/ou o perfil da turma. Conforme pode ser identificado nas falas dos sujeitos:

A adoção de cada uma dessas técnicas é feita considerando o conteúdo que será transmitido ao aluno. P1f1

Em função do perfil da turma e do aluno é estabelecida a metodologia mais adequada para ser utilizada. P5f1

Geralmente eu adoto a metodologia que tem mais o perfil da turma. P12f1

Eu ministro disciplinas diferentes, então elas precisam de metodologias diferentes e adequadas P13f1

Em relação às metodologias, eu tento adotar o máximo possível, dentro das minhas capacidades e do andamento da turma. P21f1

As falas dos sujeitos demonstram a possibilidade de utilizar uma gama metodológica, e que o enfoque escolhido para ser trabalhado em sala pode gerar reflexos no processo ensino aprendizagem, já que os docentes levam em consideração aspectos que vão muito além do conteúdo a ser ministrado em sala.

Percebe-se ainda que a maior parte dos docentes pesquisados sabem que a escolha metodológica é deles, entendendo ainda que a definição das metodologias escolhidas para determinados componentes curriculares é contemplado a partir de análises dos aspectos: econômicos, sociais, nível de conhecimento cultural e o perfil do discente.

Isso leva a crer que, dependendo desses aspectos que o docente vai se deparar, é que ele pode em uma mesma disciplina, ministrá-la de formas diferentes, porque assim poderá definir quais as melhores metodologias para atender o objetivo de fazer com que o aluno apreenda o conteúdo proposto para aquela unidade.

Um outro aspecto levantado nas falas dos sujeitos foi o conteúdo ministrado que é adequado de acordo com a capacidade docente em avaliar qual a

metodologia mais adequada a seu perfil como docente e aos aspectos relacionados às peculiaridades de cada disciplina.

A pesquisa identificou ainda, nos discursos dos sujeitos, que quando o professor tem um perfil e postura de ensino mais inovador, quando ele encontra uma unidade curricular com conteúdos mais práticos ele consegue utilizar e adotar uma metodologia mais dinâmica.

Assim, o fato de haver disciplinas com um viés mais prático permite ao docente que costuma adotar uma escolha metodológica mais ativa, utilizar e destacar essas metodologias. Nesse sentido, esse docente que se sente mais a vontade com uma escolha metodológica mais inovadora, também busca nas disciplinas que tenham uma base mais teórica propor metodologias de ensino mais ativa, fazendo com que o aluno participe do processo de construção do conhecimento.

Assim, Cunha (2012) aponta que levar em conta essas premissas é também refazer as concepções sobre o conhecimento e sobre a ação de ensinar e aprendê-lo

Ideia corroborada por Nunes (2001) onde diz que a educação do professor deverá passar por uma nova concepção do processo ensino aprendizagem, com a re colocação do conhecimento na perspectiva histórico-social.

E que o ensinar exige respeito à autonomia e a dignidade de cada sujeito e é alicerçada em uma educação que leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói a sua própria história (COSTA, 2004).

Nas falas dos respondentes são ressaltadas características que são levadas em conta no momento da escolha da metodologia a ser utilizada em sala. Que surge através da percepção do docente a possibilidade de uma identificação de estratégias metodológicas que são fundamentais para o andamento do processo de ensino e aprendizagem; Perceber os aspectos relacionados à perspectiva histórico-social da turma, os conteúdos e aspectos que influenciam os diferentes propósitos das disciplinas faz com que o docente tenha a possibilidade de proporcionar aos discentes e a eles próprios experiências que podem afetar no que diz respeito ao desenvolvimento e maior participação entre as partes.

Como é demonstrado por Tardif (2002, p.11)

O saber dos professores é o saber deles, com a sua experiência de vida e com a sua história profissional, com as suas relações com os alunos em sala

de aula e com os outros atores escolares [...] por isso, é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente.

Percebe-se também que apesar da maior parte dos docentes adotarem o pluralismo metodológico, há uma ênfase desses professores para a adoção de um pluralismo voltado mais para a metodologia tradicional, como é percebido em segundo momento, nos trechos das falas:

Logicamente para cada disciplina a gente acaba utilizando algumas metodologias mais especificamente, em outras não, mas normalmente eu utilizo o formato de mais aulas expositivas tradicionais. P8f1

A metodologia inicialmente é aquela clássica, a aula expositiva, utilizando o recurso áudio-visual... O que eu faço, depende muito das disciplinas. P19f1

Os professores que utilizam essa escolha metodológica pluralista com ênfase em uma abordagem de ensino tradicional justificam a decisão ao fato de se depararem com um número elevado de alunos por turma, como também a existência de um perfil discente com realidades sociais distintas, além de estarem acostumados a metodologias de ensino mais tradicionais, adotadas no ensino médio. Nesse contexto são destacadas as falas:

Eu tenho muitos alunos, são turmas muito grandes de 40, 50 pessoas. Não dá pra gente ficar inventando muito. P6f1

Os alunos que acabaram de entrar na universidade e ainda estão muito acostumados com a metodologia do ensino médio e com a passividade do aluno, em que o aluno fica em seu lugar e o professor passa o conteúdo como se ele fosse o único transmissor de conteúdo e o aluno tivesse pouca participação no processo. P13f1

(...) A realidade social, caracterizada por grande complexidade. P5f1

Segundo Libâneo (2010), “a pedagogia quer compreender como fatores socioculturais e institucionais atuam nos processos de transformação dos sujeitos, mas também, em que condições esses sujeitos aprendem melhor”

Parte dos docentes utilizam o pluralismo metodológico ainda, adotam uma postura tradicional de ensino, talvez esse comportamento seja um reflexo de uma formação de prática docente vinculado a um modelo pedagógico tradicional, embora

busquem ao longo do seu trabalho, desenvolver estratégias que possam superar as tendências mais tecnicistas, através de um processo mais inovador no ato de ensinar.

Quando se avalia os discursos dos docentes que adotam essa escolha metodológica pluralista tradicional, percebe-se que eles inicialmente têm interesse em inovar as práticas pedagógicas, porém, quando se deparam com alguns obstáculos ou outros elementos que eles julgam que podem comprometer a atividade pedagógica, há uma tendência de recuarem para o seu estilo inicial de ensino, ou seja, preferem adotar uma metodologia mais conhecida por eles, uma metodologia mais tradicional. E como consequência, isso pode levar a uma escolha metodológica, que a princípio pode não ser a mais adequada, mas para o contexto que se deparam é a que julgam ser a mais apropriada.

Como há uma tendência desse docente para uma vertente mais tradicional, esses elementos acabam se tornando aspectos que influenciam na decisão e isso pode ocorrer por diversos motivos: seja por achar que essas metodologias são as mais coerentes, seja por achar que a estrutura física não comporta uma metodologia inovadora com uma sala com mais de cinquenta alunos ou até mesmo que os alunos a princípio, não vão se adaptar a novas metodologias, já que eles têm todo um histórico de ensino tradicional no ensino médio e fundamental.

Nesse sentido Rios (2003) chama a atenção para o esforço de superar as tendências tecnicistas e desenvolver um processo dialético de trabalho.

Onde, Cunha (2012) coloca como sendo uma das características principais do docente, ter o domínio do conteúdo e este deve estar atrelado ao domínio da ciência da educação, o que lhe permitirá compreender e realizar o processo pedagógico.

Também foram destacadas pelos professores, a adoção das metodologias puramente ativas, que teve relativa aceitabilidade durante as entrevistas por parte dos docentes, como também as abordagens estritamente tradicionais de ensino, sendo que essa última metodologia foi a menos citada pelos docentes.

Com relação às metodologias ativas que tem como característica principal uma visão mais crítica do conteúdo, cada vez mais surgem docentes que procuram fazer com que o estudante tenha uma visão mais crítica do conteúdo; que possam ter uma visão mais clara dentro de um contexto teórico prático; que o aluno seja sujeito do seu próprio conhecimento.

Os docentes destacaram que a escolha metodológica ativa adotada era um reflexo do seu estilo de lecionar, da estratégia de ensino adotada na sua área de conhecimento, pelas características de determinadas disciplinas, além da necessidade de desenvolver no aluno uma postura crítico-reflexiva . Isso pode ser comprovado nas falas dos sujeitos:

Partindo da premissa de que não existe uma verdade histórica,... procuro, na medida do possível, adotar uma metodologia crítico reflexiva... que possibilite ao aluno também ser sujeito desse conhecimento. P2f1

Utilizo metodologias que procuram fazer o estudante ter uma visão mais crítica do conteúdo, indo a campo perceber a realidade e trazendo dados para discussão em sala de aula. P3f1

Me baseio mais em concepção de aulas abertas, concepções críticas. P22f1

O método de inserção,... de aprendizagem significativa de Ausubel,... porque ele imagina que a pessoa tem um cérebro e que esse cérebro deve e será utilizado de maneiras diferentes e o professor deve dar respaldo para que essas pessoas usem de maneira diferente o mesmo conteúdo. P23f1

O que predomina no meu trabalho em sala de aula é trabalhar a exposição dialogada, uma aula em que o aluno se expressa e não fica calado... minha vertente está muito mais para o construtivismo, dentro daquela visão freireana. P24f1

Metodologias participativas que promovam a leitura e o debate. Formação de grupos para questionamentos. Slides e filmes que possam acrescentar alguma exemplificação sempre ao final. Convidados da área e diálogos com os alunos para vivenciar a experiência profissional e o horizonte de trabalho. P

Mitre *et al.* (2008), comenta que as metodologias ativas estão alicerçadas em um princípio teórico significativo: a autonomia.

Já Teófilo e Dias (2009) percebem que os discentes acreditam que as metodologias ativas geram espaços democráticos e nestes, os mesmos são considerados sujeitos que compartilham informação e buscam a aprendizagem.

Klein (2013) que define que a “visão do professor como mero transmissor de informação deve ser superada. A responsabilidade pela aprendizagem dos conteúdos passa a ser compartilhada entre docentes e discentes”

Visão corroborada por Freire (2014), “assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

No momento que o docente se permite sair da posição de ser o único responsável pela transmissão e construção do conhecimento, no processo de ensino e aprendizagem, isso faz com que o aluno seja um co-participe nesse processo, assumindo uma postura de auto-desenvolvimento, com responsabilidade e autonomia, permitindo ainda, ao docente, a adoção que novas propostas pedagógicas mais vinculadas a construção de um conhecimento conjunto, oportunizando o aprendizado e o desenvolvimento de pessoas.

Nesse sentido as possibilidades em sala de aula são mais exploradas nos mais diversos aspectos. Como pode ser percebido nas falas:

Aulas abertas, aulas de campo e seminários em grupos P3f1

Utilizo... discussão, debate, aula de campo e aula expositiva, alternando entre esses processos metodológicos. Tendo como referência as concepções críticas de ensino e as concepções de aulas abertas. P22f1

Eu trabalho com estudos de casos, a parte expositiva dialogada, trabalho com ferramentas on-line também,... trabalho com seminários e a parte da problematização. P25f1

Os docentes que adotam essa postura de estratégia pedagógica ativa pretendem modificar essa “apatia” do aluno no processo de aprendizagem, possibilitando o desenvolvimento do seu próprio conhecimento, através da realidade proveniente do campo ou de práticas, propiciando uma discussão crítica em sala de aula e que elas possam transpor os muros educacionais.

Percebe-se claramente nos depoimentos dos sujeitos que adotam única e exclusivamente a abordagem e uma postura metodológica ativa que premia a participação dos alunos com o saber pensar e o ser crítico, que eles acreditam que essa metodologia vai permitir o desenvolvimento de uma postura crítica no aluno, e crê que pode colaborar para essa nova postura e conseqüentemente permitir que o aluno esteja mais preparado para o que vai se deparar no dia a dia na sua atuação profissional.

Conseqüentemente há docentes que entendem que essa escolha metodológica, crítica, reflexiva poderá preparar muito mais o discente e assim transformar o seu jeito de ser e de atuar tanto na sala de aula hoje como ser crítico e autônomo, como sendo futuramente um profissional do turismo.

Já as metodologias tradicionais com seu aspecto mais bancário, ainda atraem uma parcela dos docentes devido à tradição passada por gerações, pelas dificuldades encontradas com os discentes ou até mesmo a não familiaridade com as demais metodologias difundidas nos meios acadêmicos.

Como é percebido nas falas dos docentes:

Em relação às metodologias mais tradicionais eu as adoto pela dificuldade que eu sinto em inovar para passar aquele conteúdo necessário,... e não consigo vislumbrar metodologias diferentes para trabalhar essa base teórica da disciplina. P10f1

Como a disciplina é teórica, eminentemente teórica, as metodologias de campo não são aplicadas. Então eu fico mais com aula expositiva. P18f1

Eu aplico essa metodologia expositiva porque é o que eu aplico em todas. P26f1

Basicamente, eu adoto aula expositiva. P14f1

As aulas são expositivas e também mescladas quando necessário com a utilização de equipamentos. P18f1

Minha aula é praticamente expositiva P26f1

O que pode se constatar, no que se refere, a utilização por parte de alguns docentes das metodologias tradicionais, que isso ocorre muitas vezes porque o docente não tem uma percepção ou um vislumbre de uma metodologia mais apropriada nas disciplinas com um enfoque mais teórico.

Confirmando a visão de Romanelli (2012) e Anastasiou (1998) ainda destaca-se a figura do professor repassador deste conteúdo indiscutível a ser memorizado, o modelo da exposição (aula expositiva – quase palestra), enfim, uma estrutura rígida de funcionamento do processo de ensino aprendizagem.

Nas falas pode-se refletir que talvez os professores adotem essa metodologia mais tradicional, pois buscam algo mais simples, ou que seja mais cômodo tanto pra ele docente, como para o discente, ou até por terem um maior domínio dessa metodologia de ensino.

No estudo foi percebido que essa metodologia é arraigada em alguns docentes, independente de sua experiência em sala de aula, que pode ser de vários ou poucos anos lecionando. E isso ocorre porque muitas vezes, ele foi ensinado a agir e a pensar dessa forma. O docente mais experiente às vezes se esquiva da “culpa” de

utilizar exclusivamente a metodologia tradicional, repassando-a para o discente quando diz que o aluno não gosta de participar, as turmas são grandes, não há interesse pela disciplina por não achar que a disciplina é importante para o curso.

E isso talvez possa ser explicado se analisarmos o saber desse professor, os que preferem e utilizam exclusivamente a metodologia tradicional, aparentemente tem em suas características o saber específico, que valoriza basicamente o conhecimento que o professor tem sobre a sua disciplina, sem ter a preocupação com os aspectos didáticos ou os aspectos político social que envolvem a disciplina.

Assim, o docente reduz o ato do conhecimento, em uma mera transmissão de conhecimento. Sendo um especialista em transmitir conhecimento. (FREIRE, 1987)

Entende-se assim, que a mera transmissão de conhecimento aliado a uma falta de inquietação metodológica, uma acomodação docente, uma passividade do aluno e uma estrutura não muito adequada por parte da instituição pode provocar junto ao docente um desestímulo em conhecer e abordar novas metodologias que pudessem provocar novas sensações e afetasse o jeito de pensar e agir do docente.

4.2 Análise da Adoção das Metodologias mais Apropriadas para o Curso de Turismo

O segundo objetivo procurava identificar, na visão dos docentes, quais seriam as metodologias mais apropriadas para utilizar no curso de turismo. Pela análise dos depoimentos dos sujeitos evidenciou-se que a metodologia que se destaca como a mais apropriada, junto aos docentes, é a abordagem ativa.

Em segundo lugar, alguns docentes preferiram não citar a metodologia mais adequada para o curso, destacando que essa escolha irá depender muito do conteúdo a ser ministrado na sua disciplina. Um número reduzido de professores apontaram também a metodologia tradicional, como a mais apropriada para o curso.

Uma primeira observação identificada, durante a realização da entrevista foi que, apesar de todos os professores terem comentado sobre essa questão, alguns deles não se sentiram tão confortáveis de respondê-la, em virtude de pertencerem a outros departamentos. Isso talvez reflita a falta de um diálogo permanente do curso de turismo com os demais cursos que encaminham professores para lecionarem na área.

sou do curso de ..., por isso, fico sem condições de afirmar que metodologias seriam mais apropriadas. P3f2

Como eu sou de outra área é mais complicado dar essa opinião, essa é a minha percepção pelo que vejo dos alunos. P22f2

Outro aspecto identificado nas respostas, da maior parte dos docentes, foi o fato de que, quando perguntava-se em relação a metodologia mais apropriada para o curso eles respondiam a questão, sempre utilizando como parâmetro somente a disciplina que lecionam, sem relacionar com toda a proposta pedagógica do curso.

Em relação a minha disciplina, eu acredito que seria muito importante e que estamos prestes a poder executar. P17f2

Bem, no que tange a disciplina que é da minha responsabilidade P18f2

Na minha disciplina que é... P26f2

Talvez o fato de alguns docentes desconhecerem a proposta pedagógica do curso de turismo tenha influenciado nas respostas relacionadas as metodologias mais adequadas para o curso de turismo. Talvez reuniões mais frequentes com os professores do curso que atuam nos mais diversos departamentos auxiliasse na identificação do perfil do egresso que o curso pretende desenvolver, apoiando na escolha de metodologias de ensino mais apropriadas para o desenvolvimento das competências do turismólogo.

Quando, a maior parte dos docentes, mencionaram a metodologia ativa como a mais adequada para o curso ressaltaram a importância de propiciar ao discente do curso de turismo uma interação entre a teoria e a prática, que fizesse com que o aluno tivesse um melhor entendimento do que é visto na sala de aula; que faça com que o aluno tenha uma visão mais crítica e reflexiva do que é estudado e que seja possível ter uma maior participação e interação. Que pode ser verificada nas falas:

Metodologias que relacionam a teoria a prática... Eu acho que seriam metodologias mais dinâmicas, que priorizassem mais a questão prática do turismo. P7f2

Eu acho que as mais adequadas para o curso de turismo seriam essas mais dinâmicas, que movimentem a turma, que façam eles irem a campo, pesquisar e entenderem as características daquele assunto na prática. P10f2

Aula de campo com problemas, algumas questões que realmente o aluno possa resolver na prática de fato e fazendo uma associação da parte teórica. P19f2

A partir do conhecimento teórico, o curso de turismo deveria adotar como metodologia básica as visitas técnicas para que esses alunos possam fazer essa relação entre o conhecimento que dá em sala de aula e a vivência prática para o trabalho futuro. P20f2

Acho que pensar em uma formação crítica se adéqua a qualquer formação, independente da área. P22f2

Defendo, sobretudo, a metodologia ancorada numa perspectiva mais crítica de leitura do mundo. P2f2

Metodologias que discutam, que levem em consideração o caráter crítico, o aluno que seja crítico nas construções do conhecimento. P8f2

Vale ressaltar, que quando se compara o resultados das respostas dos docentes na questão relacionada as metodologias adotadas e as respostas obtidas nesta questão, metodologias mais apropriadas, observou-se que enquanto na primeira resposta os docentes valorizavam mais aspectos sócio-cultural, perfil do discente e a estrutura da instituição, na resposta a essa questão o que foi mais valorizado por eles, foi o aspecto mais técnico do ensinar, ou seja, o processo de aprendizagem.

Nos depoimentos dos docentes, as características que foram percebidas como mais relevantes e ideais para serem estabelecidas em sala de aula, são as metodologia ativas. Com as suas associações entre a teoria e a prática, uma postura crítica e utilizando metodologias mais dinâmicas, que movimentam a turma e busquem o envolvimento do discente.

Fazer com que o discente participe desse processo, no sentido de perceberem que esse dinamismo está associado a metodologias ativas e que possibilite que ele possa no desenvolvimento dessas metodologias, priorizarem questões práticas, como visitas técnicas, ir a campo nos diversos ramos do turismo, porém embasados num aporte teórico, ou seja, o desenvolvimento de uma metodologia que valorize o conhecimento técnico e as habilidades.

O aspecto do pensar, de ter em suas metodologias uma perspectiva mais crítica é uma característica encontrada nas metodologias ativas, que dentro desse contexto esperam que o professor e o aluno sejam partes fundamentais e ativos no processo de ensino-aprendizagem. (ANASTASIOU, 2012)

A crítica sugere uma maior participação e interação por parte dos alunos e professores, sugere um ambiente de constante aprendizado das partes envolvidas, sugere que mudanças e perspectivas precisam ser desenvolvidas para que o saber seja compartilhado e não mais repassado.

Outro ponto relevante levantado pelos docentes é que a metodologia utilizada dependerá da disciplina ou do conteúdo a ser ministrado. E com posse dessas informações é que surge a possibilidade de identificar a metodologia mais apropriada. Como é visto nas falas:

Penso que não há uma metodologia mais adequada ao curso e sim metodologias diferentes para conteúdos diferentes. P4f2

Vai variar de acordo com as disciplinas, então, cada disciplina exige algumas metodologias mais específicas. P8f2

Acho que dizer quais são as mais apropriadas depende muito... As metodologias vão depender do curso, da disciplina do curso. P13f2

Vai depender do conteúdo que eu vou ministrar... Então não da pra adotar só uma metodologia de ensino. Eu tento trabalhar todas as possíveis. P14f2

A metodologia tem que envolver naquela aula, naquele assunto que está sendo dado. P16f2

Como foi falado um dos aspectos levantados é que a metodologia deve se adequar ao conteúdo e para que isso possa realmente acontecer, talvez o docente possa desenvolver os seus saberes, em especial os saberes específicos e o saber pedagógico, porque nesse sentido será valorizado o conhecimento do conteúdo do professor, associado com o seu saber pedagógico.

E para que isso ocorra, o docente tem que ter o domínio do conteúdo do ensino, além do domínio da ciência de educação, propiciando assim a escolha mais adequada para que se possa realizar o processo pedagógico (CUNHA, 2012)

O autor, ainda destaca que o trato do conteúdo de forma correta propiciará ao docente o saber e o fazer. O saber, com a identificação da matéria, as relações teoria e prática, e qual a linguagem mais adequada para a produção do conhecimento, associado com o fazer, que surge com o planejamento, métodos, objetivos e motivação que propiciarão o desenvolvimento do aluno. (CUNHA, 2012)

Um reduzido número de docentes apontou a metodologia tradicional como sendo a metodologia mais apropriada para o curso de turismo. Onde pode ser verificado nos depoimentos:

São mais afetas a metodologias tradicionais,... nunca requerendo assim, um deslocamento para outras experiências metodológicas. P18f2

Na minha disciplina... não tem muito o que fugir... tem que ser mesmo expositiva. P27f2

Tendo em vista o que foi analisado, percebe-se que a grande maioria dos docentes conhecem tanto a metodologia ativa como a tradicional, embora que a maior parte comente que a mais adequada é a ativa, porém ressaltam que apesar de querer adotar uma metodologia mais apropriada, nem sempre conseguem utilizá-la em virtude de algumas dificuldades e percalços que interferem no processo de ensino e aprendizagem.

Penso que as escolhas das metodologias de ensino estão diretamente vinculadas ao perfil do professor, sua formação, sua visão de mundo. Mas defendo, sobretudo, a metodologia ancorada numa perspectiva mais crítica de leitura do mundo, embora eu tenha consciência das limitações dessa afirmativa. P2f2

Percebe-se, por parte dos professores, uma conscientização das metodologias ativas como sendo as mais apropriadas, permitindo ao aluno, o desenvolvimento de um caráter crítico e uma postura de autonomia na construção do conhecimento e no desenvolvimento de suas competências.

Entendendo ainda que, as metodologias mais tradicionais estão perdendo espaço nas salas de aulas, ou seja, mesmo sabendo que há uma necessidade de inovar, adotando uma metodologia mais ativa ainda existe uma relativa resistência para a sua adoção, talvez isso seja um reflexo de problemas relacionados à: falta de estrutura da instituição; a falta de comprometimento e interesse dos discentes; o não conhecimento de metodologias e ou o aprendizado e as experiências anteriores de formação do docente.

A aula expositiva é necessária e o aluno até gosta e prefere assim (...) porque eles não tem que dar nenhum tipo de retorno (...). Em compensação, para o aprendizado eu venho percebendo que eles aprendem menos do que

quando eles fazem uma atividade prática. (...) De todas essas metodologias que eu utilizo, eu acredito que a menos eficaz é a aula expositiva. Mas a gente tem que fazer a aula expositiva porque não tem condições de só o aluno trazer o conteúdo. P14f4

4.3 Dificuldades e Desafios na Aplicação de Metodologias de Ensino.

O terceiro objetivo buscava discutir dentre as metodologias mais apropriadas, quais são os desafios e dificuldades encontrados em sua aplicação. Ressalta-se que praticamente em todas as respostas dos docentes, mesmo nas questões que não tinham o intuito de analisar os problemas relacionados às escolhas pedagógicas, sempre foram ressaltados as dificuldades e desafios.

A maior parte dos docentes relacionou, tanto nas dificuldades, quanto nos desafios, os fatores: motivação e a falta de compreensão do aluno em relacionar o conteúdo ou atividades ministradas em sala de aula com situações da vida organizacional em que poderá vivenciar como turismólogo.

O desafio de motivar é demonstrado nas falas:

Se espera,... ao motivarmos, que eles se expressem, que eles dialoguem, que eles enfim, contribuam na construção e no desenvolvimento daquelas competências e conhecimentos... dar ao aluno uma motivação, fazer com que ele tenha mais vontade de participar e sentir-se desafiado. P11f1

Problemas e desafios relacionados ao interesse do alunado pelo curso e/ou disciplina. P4f3

Os desafios, o principal é motivar, a gente vem discutindo entre os professores maneiras de motivar esses alunos. P8f3

Eu sinto a necessidade de motivá-los, eu sinto que às vezes eu até acabo exagerando ao tentar puxar e buscar o (vamos dar o máximo, para conseguir um bom rendimento). Acho que falta muita motivação. P12f3

Enquanto o outro aspecto desse tópico é o desafio de fazer com que o discente perceba a importância do conteúdo trabalhado em sala de aula. Como se percebe nas falas:

O grande desafio é o aluno perceber a importância do conteúdo que está sendo transmitido. P1f3

Eles ainda não se sentem atores sociais, falta ter noção do grande horizonte de trabalho em turismo que se tem. P12f3

A dificuldade seria fazê-los enxergar que aquela tarefa que eu trago para dentro de sala vai ser algo que eles vão utilizar, é algo real e que eles vão vivenciar quando estiverem fora do curso e estiverem realmente atuando no mercado. P14f3

Eles percebiam que estão buscando aqui um conhecimento para o mercado de trabalho e muitas vezes eles não entendem que estão buscando isso. P20f3

Talvez essas dificuldades e desafios estejam relacionados ao fato dos alunos serem ainda muito jovens e tomarem decisões de carreira muito cedo, ou ainda o fato de escolherem o curso sem que essa tenha sido a sua primeira opção de escolha, ocasionando assim uma falta de interesse e de conhecimento em relação ao curso. Se o discente está em um curso que talvez não seja o que ele almeja ou que pretenda continuar, provavelmente não terá o mesmo nível de comprometimento e dedicação do que um aluno que fez uma escolha mais consciente.

Nesse contexto, os docentes se deparam ainda com outros desafios e dificuldades na aplicação das metodologias de ensino, que é conquistar um discente que possui certas carências de conhecimento, desconhece as áreas de atuação e nem sempre tem vocação para atuar no turismo.

Nível baixo de leitura do aluno, nível baixo de cultura geral do aluno, nível baixo de conhecimentos técnicos desse mesmo aluno e em alguns casos a não vocação do aluno para a área, isso torna difícil a execução de qualquer metodologia, mas principalmente metodologias de diálogo, porque, para se dialogar você tem que ter conteúdo, então o aluno que não lê tem dificuldade de participar ativamente. P11f3

Eu também vejo que os alunos lêem muito pouco, então a aula expositiva acaba que resolve mais. P6f1

A gente percebe uma dificuldade na área de construção mesmo de base, às vezes tem alunos que tem dificuldade de leitura, dificuldade de escrita, e que algumas metodologias acabam aflorando e a gente percebe essas limitações. P8f3

O nível de leitura é baixo. Isso é um problema pra trabalhar. P6f1

Fazer com que os alunos leiam... que eles realmente adentrem nos livros... é fazer com que os alunos enxerguem a importância da leitura, a importância de ter conteúdo... e ter uma formação mais densa. P29f3

Olha, eu vejo que o pessoal de turismo tem muita dificuldade para aceitar teoria, ler, discutir. Tem certa resistência para teoria. P6f2

Geralmente é perder o medo da leitura, às vezes o aluno vê o texto e já se desespera. O semestre inteiro é uma batalha para você ficar mais a vontade e tentar desbravar o texto. P9f2

Acredito que seja a questão da leitura. Eles têm muita dificuldade e não acho que seja só uma questão de geração, eles tem cada vez mais dificuldade em se concentrar e direcionar a atenção para a leitura. P12f3

Nível baixo de leitura do aluno, nível baixo de cultura geral do aluno, nível baixo de conhecimentos técnicos desse mesmo aluno e em alguns casos a não vocação do aluno para a área, isso torna difícil a execução de qualquer metodologia. P11f3

Como a disciplina é muito focada no mercado, eles não querem ler. Fazê-los ler é um grande problema. P14f2

A nova forma de organizar o processo de ensino, que altera a forma memorativa e passa ao desafio de realizar operações mentais provoca desafios e o ato de pensar e não é algo simples e direto é preciso ter disposição para pensar. (ANASTASIOU, 2012).

E o pensar exige leitura, não uma leitura só por ler, a leitura surge no processo como o elo inicial entre docente, discente e conteúdo, não há só o repasse da informação, quando se exige a leitura se retira o estudante de uma posição cômoda de receptor de informação e passa a exigir uma troca de informação, uma avaliação do que se entende, uma percepção de assuntos e mundos e como essa competência não é algo frequente na vida estudantil, a principio, pode se tornar um pouco desafiante.

Outra reflexão que pode ser levantado é que o mundo da informação atualmente surge de forma bem visual como também de mensagens e textos curtos, onde conseguem passar ideias e visões centrais de variados assuntos de forma fácil e simplificada; E como essa nova geração é proveniente dessa nova forma de ver o mundo, talvez a falta de estímulo da leitura em sua educação inicial, possa ter provocado uma certa aversão ou dificuldade na leitura.

Os professores destacaram ainda, dificuldades e desafios na sua atuação profissional como docente. Um dos aspectos citados foi a dificuldade de implementar no dia a dia, uma metodologia mais ativa com os conceitos que devem ser trabalhados em sala, apesar de entenderem que os alunos, em alguns casos, valorizam essa postura.

Conforme comentários dos docentes:

Eu sinto que os alunos do curso de turismo têm esse perfil mais dinâmico... Mas eu enquanto professora, sinto essa dificuldade de implementar no dia a dia... como eu falei, eu sinto essa dificuldade de conseguir metodologias mais dinâmicas e que consigam trabalhar o conceito de forma mais profunda e que traga essas reflexões. P10f2

Eu sinto essa dificuldade de não conseguir trabalhar teorias, conceitos, categorias e definições de uma forma mais lúdica. P10f3

Em relação às metodologias mais tradicionais eu as adoto pela dificuldade que eu sinto em inovar para passar aquele conteúdo que é necessário... e não consigo vislumbrar essa base teórica da disciplina. P10f1

Mesmo sabendo que o aluno prefere um maior dinamismo em sala de aula, nos discursos dos docentes a palavra “dificuldade”, surgiu em todos os comentários, demonstrando que os professores possuem uma preocupação, um receio e resistência em adotar uma postura metodológica mais ativa, principalmente quando ele percebe que o aluno tem dificuldade em ler e escrever, além de outras limitações, como também ele próprio, como professor tem suas limitações em relação ao entendimento da nova proposta.

Assim, ele se depara com uma série de dilemas: irei trabalhar com um sistema metodológico mais participativo, mesmo sabendo que caso seja adotado esse modelo, talvez ele não seja bem compreendido? Reduzirei, a densidade teórica da minha antiga disciplina, em que tinha total domínio do conteúdo, com o uso da aula expositiva para adotar uma postura de ensino dinâmica e participativa que exigirá novas competências em que ainda não se está habituado? E os alunos, conseguirão aprender com essa nova metodologia, mesmo sem ter uma postura de autonomia e busca de conhecimento, pela falta de hábito da leitura? Ou utiliza a metodologia tradicional, por perceber que apesar de não ser a mais adequada, talvez seja a mais apropriada, para uma turma com esse perfil?

No momento que o docente sabe explicitar as suas próprias práticas e estabelece seu próprio desenvolvimento e processo de formação continuada, promovendo transformações que vão propiciar uma melhor utilização no uso de metodologias que a princípio não estavam acostumados a utilizar. E assim, ter a possibilidade de dirigir e organizar situações de aprendizagem junto aos alunos.

Outro aspecto importante da entrevista realizada com os docentes do curso foi a percepção deles, em relação ao mercado de trabalho e a formação profissional ofertada na universidade. Como pode ser percebido nas falas dos sujeitos:

A realidade de sala de aula é uma e a realidade do mercado de trabalho é totalmente diferente. P20f2

A universidade está numa realidade completamente diferente de mundo. P28f2

Curiosamente, a formação na graduação não é exatamente o que o mercado quer para qualificar empregados e trabalhadores... Mas o mercado não deu uma boa resposta na absorção direta do graduado em turismo... Acho que a disciplina poderia direcionar o aluno para o mercado desde o início. P16f2

Para que eles não saiam da graduação apenas com uma bagagem teórica e não entender como organizar isso na atuação. P22f2

Nas falas dos docentes, percebe-se que não existe uma aproximação entre as exigências de qualificação do mercado e a formação profissional do turismólogo. Talvez, isso ocorra, pelo fato do mercado ser dinâmico, estar em constante processo de mudança e novidades e a universidade ser uma entidade em que as discussões relacionadas à atualização do projeto pedagógico obedecem a um ritmo mais lento.

Fornari (2006), confirma também essa dificuldade de adaptação da academia as novas exigências do mundo do trabalho destacando que

[...] as competências desenvolvidas pelos cursos superiores de turismo, atendem parcialmente às exigências do mercado de trabalho do setor de turismo de Natal. [...] Torna-se imprescindível uma maior aproximação entre o mercado de trabalho e a academia, visto que o dinamismo no mundo do trabalho do setor turístico exige profissionais preparados para atender às crescentes exigências em termos de formação e experiência.

Nesse aspecto, podem-se levantar algumas reflexões, como:

Como visto, o mercado é dinâmico e ao ser comparado com à evolução da estrutura acadêmica, consegue-se perceber este distanciamento. O próprio Projeto político pedagógico do curso de graduação de turismo, teve a sua última alteração e análise em 2008, ou seja, foi feito a sete anos. E somente, agora em 2015 é que está sendo feito uma nova análise, com previsão de aprovação e início da nova estrutura curricular para 2016, tempo considerado relativamente elevado, considerando o dinamismo do ambiente competitivo do turismo.

Só para exemplificar o contexto de mudança no turismo, no período citado, o Brasil foi escolhido como o país a receber a copa do mundo de futebol e as olimpíadas, o que provocou a possibilidade de estudos referentes aos megaeventos, políticas públicas, desenvolvimento econômico, como também a gastronomia que conseguiu destaque.

Eu acho que o curso é muito formatado, amarrado demais. Acho que poderia criar uma metodologia mais flexível e que desse mais liberdade para o próprio curso ir criando (...). Mas eu acho que o curso está muito engessado e dependente lá de cima, que muitas vezes não entende demandas que surgem. P16f3

Essa “demora”, e a burocratização da instituição, pode levar, conforme mencionado pelos professores, a mudanças de ementas de disciplinas sem que haja um conhecimento ou acompanhamento por parte da coordenação do curso, gerando assim situações que vão desde o não cumprimento das ementas, superposição de conteúdo, e diferenciação de conteúdo dependendo do docente que atue na disciplina. Como pode ser visto na fala de um docente que comenta:

A ementa desse curso de (...) é uma ementa errada, a meu ver para o curso de turismo (...). Desde de 2009 que eu adoto outro ementa. P23f1

E quais são os reflexos, que uma mudança numa ementa pode provocar? Sabe-se que os docentes mudam de período para período, e principalmente no curso de turismo, que tem sua base docente, proveniente de outros cursos e departamentos que enviam a medida da necessidade do curso e da disponibilidade dos docentes. E assim, uma mudança “por conta própria” poderá provocar descontinuidade e sobreposições de conteúdos, caso aquele docente que modificou a ementa, não seja o mesmo a dar continuidade nas futuras atividades acadêmicas.

E isso, pode ocorrer, já que o docente está vinculado a um centro ou departamento acadêmico, mas que pode ser utilizado em cursos das mais diversas áreas, fazendo com que a sua carga horária seja dividida para vários locais e ele não tenha como acompanhar as necessidades de cada curso. O que provoca outra dificuldade abordada pelos docentes, que diz respeito ao relacionamento entre os diferentes departamentos que compõem o Curso de Turismo.

Essa comprovação pode ser identificada no discurso dos sujeitos, quando comentam que:

Penso que troca de experiência entre cursos, entre departamentos, ou projetos de pesquisa ou de extensão, que envolvesse alunos de outros departamentos...penso que poderia ser melhor trabalhado, mas isso, é um pouco complicado, porque as vezes no próprio centro a gente não dialoga muito com os outros cursos... Penso que isso seria interessante para agregar valor a formação do aluno de turismo. P19f2

Percebo a necessidade de uma interdisciplinaridade maior, onde os professores do curso poderiam ter um seminário de atualização onde poderia ser debatido não apenas as metodologias, mas os conteúdos e a produção na área. P3f4

Essa carência na articulação do curso, refere-se tanto a aproximação entre as disciplinas, quanto a relação com as demais áreas de conhecimento, que encaminham professores para o curso e que pertencem a outros departamentos da universidade.

No último projeto político pedagógico do curso de graduação de turismo, foi discutido no diagnóstico essa problemática, conforme trecho apresentado,

Os principais problemas apresentados relacionam-se a falta de articulação entre as disciplinas o que, por vezes, gerou sobreposição de conteúdos, ausência de disciplinas e conteúdos fundamentais para o novo contexto do turismo, falta de sintonia entre as disciplinas pedagógicas e o ensino de Turismo e a impossibilidade de atividades práticas (PPPC do curso de Turismo, 2008)

Percebe-se que apesar dessas dificuldades serem identificadas e discutidas ao longo dos anos, ainda se enquadram com obstáculos a serem vencidos.

O curso de turismo é, como já foi dito, multidisciplinar e devido a essa característica, conta com a participação de docentes dos mais diversos centros de ensino, e sem que haja uma interação entre esses centros, provavelmente não ocorrerá também com o corpo docente.

E nesse sentido, sem uma interação que proporcione um melhor entendimento do que se esperar do curso, se perde oportunidades em projetos de pesquisa e extensão que poderiam ser desenvolvidos em conjunto, como também a possibilidade do desenvolvimento de novas competências para o discente que teria a

oportunidade de ter uma nova visão de curso, uma visão sistêmica relacionados aos demais cursos que fazem parte da estrutura curricular da graduação de turismo.

Quando se fala em desafios e dificuldades, vários são os aspectos que podem ser associados, aqui foram destacados os que para os docentes são os mais importantes e que podem dificultar o desenvolvimento seja da disciplina de forma individual como também o curso como um todo.

Motivar e fazer com que o aluno tenha consciência de que o que é visto em sala, pode e deve ser associado ao mercado de trabalho, ao mesmo tempo, os docentes também relatam que o ensino do turismo não está conseguindo acompanhar o desenvolvimento e os anseios do mercado de trabalho, seja pela burocracia da instituição ou da necessidade de adaptação e atualização de conteúdos e ementas.

E o docente consciente de seu papel e conhecedor de variadas metodologias também têm dificuldade em utilizá-las quando em sua sala de aula encontra um aluno que tem dificuldade no quesito leitura. Fator preponderante para o crescimento profissional o que provoca um certo ciclo vicioso.

O aluno com um perfil de pouca leitura e desmotivado, com algumas lacunas e carências de conhecimento, além disso, em alguns momentos não compreende a razão de ser de determinadas metodologias ou disciplinas, talvez pelo fato de ser muito jovem e talvez não ter escolhido o curso de turismo como uma primeira opção de escolha, o que acaba inibindo o docente na utilização de diversas práticas que possam levar o discente para uma realidade que possa associar a teoria vista em sala com o que acontece com o mercado de trabalho, sem essa consciência e a busca dessa visão, o curso acaba por ser afastar das necessidades do mercado, o que provoca a desmotivação e o ciclo recomeça.

4.4 Contribuições das Metodologias no Desenvolvimento de Competências nos Discentes

O quarto objetivo busca estudar a contribuição das metodologias de ensino no desenvolvimento das competências dos discentes.

O que se percebe ao iniciar a análise dos dados referentes ao quarto objetivo é que novamente surge uma valorização do docente, da contribuição isolada

da disciplina que ministra, em detrimento do entendimento e da compreensão da colaboração da sua unidade curricular para o desenvolvimento do perfil de egresso estabelecido no PPC.

A maioria dos docentes comentou que as metodologias que associam a teoria e prática contribuem mais para o desenvolvimento de competências dos profissionais de turismo. Alguns professores mencionaram ainda, que independentemente da metodologia, a estratégia de ensino a ser adotada não pode deixar de valorizar o conteúdo, uma vez que ele precisa ser compreendido e fixado pelo discente, como também deve desenvolver a capacidade crítica.

Segundo Perrenoud (2000) “O ofício não é imutável. Suas transformações passam principalmente pela emergência de novas competências ou pela acentuação de competências reconhecidas”.

E isso, pode ser percebido no primeiro ponto levantado pelos docentes, onde há a busca através da associação da teoria com a prática para o desenvolvimento das competências e a possibilidade de se desenvolver e transformá-las, como pode ser percebido nas falas:

Penso que essas metodologias vão fortalecer e estimular esse corpo discente para colocar em prática esse conhecimento gerado em sala de aula e fazendo essa conexão com o ambiente externo. P19f4

Uma teoria que é produzida na prática e uma prática que é baseada em uma teoria. P22f4

Eles sempre são bem participativos e a gente percebe que eles assimilam melhor o conteúdo quando a gente gera a proximidade com a prática. P4f10

Quando eu trago textos ou quando eu os levo para fora da sala de aula eu quero que eles vejam e vivenciem o mercado. P14f4

Se o professor não proporcionar essa sintonia do conhecimento teórico com o conhecimento prático em sala de aula, essa vivência vai ser apenas mais uma disciplina na vida deles. P21f4

As falas dos entrevistados demonstram uma preocupação com a formação e a atuação do turismólogo ao sair do curso de turismo, para ingressar no mercado de trabalho, ressaltando principalmente as contribuições que ele tenha conseguido obter e o desenvolvimento de suas habilidades.

Assim, evidencia-se por parte dos docentes, uma clara preocupação no desenvolvimento de habilidades que propiciem uma capacidade crítica do discente e que ele esteja apto para analisar e desenvolver projetos com a criticidade que os assuntos irão necessitar e esse aspecto precisa estar sendo desenvolvido dentro da sala de aula.

Eu me amparo na metodologia de ensino para que eu tenha condições de fazer com que o aluno tenha uma visão mais ampla a respeito da realidade que o cerca, independente se esse indivíduo está sendo formado para ser....
P2f4

A grande contribuição que essas metodologias dão, é a capacidade crítica que essas metodologias possam fazer... essas metodologias tem que estar alinhadas com esse pensamento que o turismólogo tem que ser um profissional extremamente crítico com relação ao espaço, crítico do mercado, saber se posicionar, saber se colocar, ter uma postura profissional.
P8f4

Outro aspecto relacionado ao conhecimento técnico e também abordado pelos docentes é a fixação de conteúdo por parte do docente, porque quando há essa “apropriação do conteúdo” percebe-se uma provável facilidade no desenvolvimento da carreira, independente do ramo do turismo que o discente deseje atuar.

Eu acho que as teorias, elas são fundamentais para qualquer área do conhecimento. P6f4

O turismólogo tem que ter um conhecimento teórico de organização e um conhecimento histórico do que ele vai intervir, ele tem que entender como isso vai estar efetivamente na sua prática e como essa atuação vai colocar em questão a teoria. P22f4

Foi possível identificar que dois aspectos relacionados as competências (conhecimentos técnicos e as habilidades) foram bastante citados pelos docentes, o que corrobora, em parte, com o projeto político pedagógico do curso que destaca ainda que o profissional de turismo tenha, além das competências já mencionadas, as competências atitudinais, fundamentais para o exercício de suas funções.

O PPPC (2008) quanto ao perfil do profissional “deseja possibilitar uma formação consistente ao egresso, fundamentada em conceitos sólidos das áreas de conhecimento [...] Assim, pretende-se formar pensadores do turismo,[...] cujo perfil

caracteriza-se por uma ampla capacidade para compreender e intervir no contexto das atividades turísticas”

Se espera do turismólogo conhecimentos técnicos relacionados a compreensão sistêmica e visão global e seja capaz de interpretar os diversos contextos onde está inserido, sejam aspectos culturais, econômicos ou políticos; que esteja apto a atuar no mercado em transformação permanente e com a competência de pensar de forma lógica e criativa. Habilidades para elaborar, gerir e contribuir na formulação de ideias inovadoras; esteja metodologicamente preparado para planejar e executar programas estratégicos. (PPPC, 2008).

Apesar de vários aspectos relacionados ao desenvolvimento de competências técnicas e habilidades terem sido mencionados pelos docentes, como já foi destacado, poucos abordaram o desenvolvimento de atitudes, previstos no Art. 4º das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Turismo e no projeto político pedagógico do curso de turismo.

Poucos docentes, ressaltaram a importância do desenvolvimento da fala, do saber falar, de ter postura e saber lidar com pessoas.

Saber se posicionar, saber se colocar, ter postura profissional, acho que as metodologias tem de levar em consideração isso, não adianta ser muito conhecedor e ser meio “barangado”, não ser uma pessoas que sabe se portar. P8f4

As necessidades de desenvolvimento de competências atitudinais também estão previstas no PPPC, que busca desenvolver atitudes relacionados em construir relacionamentos de longo prazo, de articular, de trabalhar em equipe, manter atitudes integradoras, além de atuar como agente de mudança nas localidades onde atuar.

O que nos leva a refletir, que, ou não há o conhecimento por parte dos docentes das competências que devem ser desenvolvidas ao longo do curso no discente, ou acham que essas são as mais importantes, ou talvez percebam que as demais competências estejam atreladas as que foram mencionadas, ou que talvez as demais não sejam relevantes. De toda forma, para que haja o desenvolvimento de competências no discente, se faz necessário que as partes envolvidas nesse processo (instituição, docente e discente), tenham conhecimento dessas competências, para

assim, desenvolver estratégias e utilizar metodologias de ensino que fortalecem a formação profissional integral do aluno.

Um modelo mais recente que vem sendo desenvolvido desde 2007 em virtude de um movimento internacional denominado TEFI - *TourismEducation Future Initiatives*. Nele a ética, sustentabilidade e internacionalização/globalização constituem as forças de pressão para a “mudança dos paradigmas educacionais vigentes na formação superior em turismo”. Essas forças de pressão impõem cinco “novos” valores da educação superior em Turismo: ética, profissionalismo, zelo, conhecimento e mutualidade. Uma nova força de pressão ou um novo valor a ser incorporado nesse modelo é a hospitalidade, de um lado pela “inclusão social, cidadania e humanização, e de outro pela cadeia produtiva mais humanizada e inclusiva do setor turístico” (SOGAYAR; REJOWSKI, 2011, p. 295).

E dentro desse novo modelo, o desenvolvimento das competências em sua plenitude se torna essencial, porque sem os conhecimentos técnicos relacionados a uma teoria e conteúdos consistentes, provavelmente não será possível por parte do turismólogo se ter uma capacidade de compreensão sistêmica e pensar de uma forma lógica e criativa as atividades turísticas.

A busca do desenvolvimento de habilidades provenientes da associação da teoria e a prática, proporcionando assim o futuro profissional do turismo a capacidade de planejar, elaborar e gerir ações dentro de um contexto de inclusão social, cidadania e humanização.

Saber que suas atitudes relacionados a ética, profissionalismo e zelo se complementam com as construções de relações humanas tão apregoadas no desenvolvimento do profissional do turismo, profissional este que tem essa característica de lidar com o outro, de transformar sonhos em realidade, de gerenciar projetos que influenciam todo um contexto.

Nesse contexto, deve surgir, por parte do docente, a importância e a consciência em desenvolver metodologias que proporcionem ao longo do curso, o desenvolvimento de competências em sua plenitude, apoiando a formação integral do turismólogo, com uma formação profissional sólida, obedecendo a uma postura ética e social e com condições de assumir responsabilidades e desenvolver projetos que atendem os interesses das organizações e do bem estar da sociedade.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O estudo teve como objetivo geral compreender a percepção dos docentes em relação à adoção das metodologias de ensino para o desenvolvimento de competências do turismólogo no curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E como objetivos específicos, identificar as metodologias de ensino utilizadas pelos docentes nas disciplinas; levantar as metodologias mais apropriadas para o desenvolvimento das competências nos alunos do curso de turismo; analisar as dificuldades e desafios na aplicação das metodologias de ensino e estudar a contribuição das metodologias de ensino no desenvolvimento de competências.

Os resultados da pesquisa, respondendo ao objetivo específico de levantar as metodologias de ensino utilizadas pelos docentes nas disciplinas, evidenciou que:

- A maior parte dos docentes adota o pluralismo metodológico, e as razões que levam em consideração para a escolha dessa metodologia estão vinculadas a perfil do aluno, aspectos sócio-econômicos, a estrutura da instituição, a quantidade de alunos por sala e o conteúdo da disciplina. Apesar dos docentes comentaram em relação à adoção do pluralismo metodológico, há uma tendência em relação a optarem por estratégias de ensino com uma ênfase mais tradicional, apesar de destacarem que tentam inovar. O motivo justificado por uma escolha de abordagens metodológicas menos ativas, foi o fato deles se depararem com alguns obstáculos em sala de aula, refletindo assim na adoção de uma postura pedagógica mais tradicional.

- Nesse mesmo objetivo, outros docentes ainda indicaram a utilização da metodologia ativa, comentando que essa proposta pedagógica atenderia mais a necessidade da associação da teoria e prática, além de fazer com que o aluno começasse a visualizar o contexto do turismo com uma postura mais crítica e reflexiva, proporcionando assim uma qualificação mais adequada para as exigências do mercado. Por último, um menor número de docentes também citou as aplicações das metodologias não inovadoras, ressaltando que eles não conseguiam se desvincular de uma sistemática pedagógica que valoriza o ensino tradicional e não vislumbra adoção de outras metodologias de ensino em sala de aula.

Outro objetivo do estudo procurava levantar as metodologias mais apropriadas para o curso de turismo, conforme dados apresentados:

- A grande maioria dos docentes disseram que a metodologia mais apropriada para o curso de turismo era a metodologia ativa, especialmente por que essa estratégia de ensino era dinâmica e conseguia associar a teoria a prática, além de levar o aluno a pensar de forma crítica, os diversos aspectos do curso. Além disso, foi comentado por um menor número de docentes que a decisão da escolha da metodologia deveria estar atrelada ao conteúdo a ser ministrado na disciplina, independente da escolha metodológica. Por último, também foi destacado a seleção da metodologia tradicional, embora que esses mesmos docentes comentaram que a mais adequada seria a ativa, mas como nem sempre consegue utilizá-la, acabam adotando a metodologia mais tradicional, talvez pelo fato de dominarem, conhecerem e se sentirem mais à vontade.

O objetivo específico seguinte procurava analisar as dificuldades e desafios na aplicação das metodologias de ensino, os dados levantados identificaram que:

- As dificuldades e desafios que mais se destacaram na percepção docente nesse estudo, dizem respeito ao: motivar e o fazer com que o aluno perceba a contribuição proporcionada pela teoria apresentada em sala de aula na sua formação profissional. Ao mesmo tempo em que motivar foi evidenciado como uma dificuldade, também foi destacado como um desafio, essa ocorrência também se repetiu com o dilema e desafio da compreensão do discente. Ainda foi mencionado pelos docentes, como um fator que compromete na aplicação das metodologias de ensino: a dificuldade da leitura por parte de alguns discentes. Também foi destacado como uma dificuldade, agora relacionada à falta de atualização da proposta curricular do curso, gerando um distanciamento da formação da universidade com as exigências do mercado de trabalho, proveniente, possivelmente, da burocratização da instituição de ensino demorando na atualização do projeto pedagógico, provocando assim, em alguns momentos os ajustes das ementas por parte dos professores à revelia da coordenação do curso. Os docentes provenientes de outros departamentos, também destacaram como dificuldade a falta de diálogo entre os centros, os cursos e os docentes que atuam em vários cursos da instituição, para contemplar os interesses e exigências de desenvolvimento de competências e formação de cada curso em que atua.

O quarto objetivo buscava estudar a contribuição das metodologias de ensino no desenvolvimento das competências, e nesse sentido, os resultados mostraram que:

- A maioria dos docentes considerou como uma contribuição proveniente das metodologias de ensino a possibilidade de desenvolver a habilidade do discente de associar a teoria vista em sala, com as atividades práticas que irão encontrar no mercado de trabalho. Entendendo a possibilidade das metodologias trazerem a luz junto ao discente, que a compreensão do conteúdo atrelado a uma visão crítica fará com que ele possa desenvolver suas competências que poderão ser utilizadas muito além da sala de aula. Ressalta-se que apesar dos docentes valorizarem a adoção de metodologias de ensino que contribuam no desenvolvimento das competências, com ênfase no conhecimento técnico e nas habilidades dos discentes, nos discursos dos sujeitos pesquisados não foi tão enfatizado a importância de ao escolher uma proposta pedagógica, contemplar estratégias de ensino que contribuam, ainda, com o desenvolvimento das competências atitudinais, tão relevantes para o profissional que atuará no turismo.

Conclui-se que os objetivos foram alcançados. Como contribuição esse estudo oferece para os docentes e o curso de graduação de turismo, alguns pontos que poderão ser discutidos, seja nas reuniões de colegiado da coordenação do curso, como também no grupo que participa do Núcleo Docente Estruturante – NDE ou do PPPC. Podendo auxiliar ainda, nos direcionados da equipe que estuda a necessidade de atualização e aprimoramento do projeto político pedagógico que está sendo atualmente discutido. Além disso, nas reuniões pedagógicas, de início e término de semestre com os docentes cabe uma apresentação e discussão da coordenação do curso em relação ao PPPC, valorizando: perfil profissional do egresso, competências requeridas para formação e mercado de trabalho, metodologias de ensino e condições e infra-estrutura pedagógica do curso.

Uma limitação do estudo compreende o fato de ser um estudo de caso que apesar de ter as contribuições de comparação, não permite a generalização dos resultados.

Diante das conclusões observadas, sugerem-se: uma maior aproximação entre os docentes dos mais diversos departamentos, possibilitando assim, um

desenvolvimento de um trabalho transdisciplinar; A possibilidade de cursos de metodologias ativas para os docentes, que possam proporcionar a troca de experiência e um desenvolvimento contínuo de suas habilidades na arte de lecionar; Desenvolver junto aos discentes, um trabalho de motivação e entendimento do curso de turismo (quais as possibilidades que são oferecidas no mercado do turismo); Como também atividades de nivelamento para fortalecer a formação profissional do discente.

O trabalho ora realizado apresenta considerações relevantes que podem ser incorporadas à pauta de estudos futuros e pesquisas mais amplas, como: desenvolver uma pesquisa comparando a percepção dos docentes e discentes de turismo em relação à adoção de metodologias de ensino. E quem sabe um estudo de caso, comparando essas vertentes metodológicas apontadas nos estudos pelos docentes e verificar como essas estratégias realmente afetam no desenvolvimento de competências do discente ao longo do curso.

REFERÊNCIAS

AFONSO, N. *Investigação Naturalista em Educação*. Porto: Edições ASA.(2005)

ANASTASIOU, L.G.C; ALVES, L.P. (orgs). **Processos de ensinagem na universidade**:pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 10ed. Joinville, SC: Univille, 2012.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação**: noções práticas. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ANSARAH, M. G. R. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**. Reflexões e cadastro das instituições educacionais do Brasil. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2002.

BARBA, Patrícia Carla de Souza Della *et al* . Formação inovadora em Terapia Ocupacional. **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 16, n. 42, set. 2012 .

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal, Edições 70, LDA, 2009.

BASTOS, C. C. **Metodologias ativas**. 2006. Disponível em:
<<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>.
Acesso em: 14 fev. 2014.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis, RJ: Vozes,2005.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface (Botucatu)**, Botucatu , v. 2, n. 2, Fev. 1998 .

BOAVENTURA, E. **Um discurso sobre as ciências**. 10ed. Porto: Afrontamento, 1998.

BORDENAVE J, Pereira A. **A estratégia de ensino aprendizagem**. 26ª Ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

BORDENAVE JED. **Alguns fatores Pedagógicos**. In: Santana JP, Castro JL, organizadores. Capacitação em desenvolvimento em Recursos Humanos – CA – DRHU. Natal: Ministério da Saúde/Organização Pan-Americana de Saúde. Editora da UFN: 1999. P. 261-268.

BRASIL. **Lei no 9.394 de 20 de dezembro de 1996**.Brasília: Diário Oficial da União 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB 7/2010**. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília: D.O.U, 2010

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP/ 8/2012**. Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília: D.O.U. 2012.

CÂMARA, Margarida Maria Drummond. **Educação ambiental no curso superior de Turismo**: estudo em um curso pioneiro de Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado em Educação), Belo Horizonte: PUC/MG, 2004.

CAMPOS, José Gomes. **Método de Análise de Conteúdo**: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista brasileira de enfermagem, Brasília (DF) 2004 set/out; 57 (5): 611-4

CAPRA F. **O ponto da mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Cultrix: São Paulo, 2006

CARDOSO, I.C.C; FRANCISCO, E.M.V. Velhas moedas com novo valor: remuneração e benefícios na moderna empresa capitalista. In: Mota, A.E. (Org.). **A nova fábrica de consensos**. São Paulo: Cortez, 1998. P. 73-95

CARVALHO, C. *O Ensino e a Aprendizagem das Ciências Naturais através da Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas*: Um estudo com alunos do 9º ano, centrado no tema Sistema Digestivo. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho. 2009

CARVALHO, Mariana Aldrigui. Os números do ensino superior em turismo e hospitalidade no Brasil – 2001 a 2006. In: SEMINÁRIO DA ANPTUR, V. Belo Horizonte, 2008. **Anais**. Belo Horizonte: Anptur, 2008.

CBO do turismólogo. Disponível na <www.mtecbo.gov.br> e <www.turismologos.org.br>. Acesso em 22 de julho de 2014.

CYRINO EG, Toralles-Pereira ML. **Trabalhando com estratégias de ensino-aprendizado por descoberta na área da saúde**: a problematização e a aprendizagem baseada em problemas. Cad.SaúdePública 2004; 20 (3): 780-788.

COLE F.L. (1988) Content analysis: process and application. **Clinical Nurse Specialist**, v.2, n.1, 1988, p.53-57.

COLOM, A.J. Complejidad y teoría del caos en educación. In: REGO, M.; TOSTADO A. (Orgs). **Avances en complejidad y educación**: teoría y práctica. Barcelona: Octaedro, 2006.

COSTA, CRBSF, Siqueira-Batista R. As teorias do desenvolvimento moral e o ensino médico: uma reflexão pedagógica centrada na autonomia do educando. **Ver. Bras. Edu. Méd.**, v.28, n.3, 2004, p.242 – 250.

COSTA, Gilvan Bernardo. **CCSA 40 anos**: uma síntese histórica 1973-2013 / Organização de Gilvan Bernardo da Costa e revisão de Maria Arlete Duarte de Araújo. – Natal, RN: 2013. 197p.

CUNHA, Maria Isabel. **O bom professor e sua prática**. 24^a ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **A pesquisa e a interdisciplinaridade no ensino superior** - uma experiência no curso de turismo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), São Paulo: USP, 2000.

DENCKER, A. de F. M. Estado de Educação no Brasil: O caso do ensino em turismo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXIX. Brasília: Intercom, 2006. **Anais**. Brasília: Intercom, 2006.

DECKER, Isonir R.; BOUHUIJS, Peter. Aprendizagem Baseada em Problemas e Metodologia da problematização. *In*: ARAUJO, Ulisses; SASTRE, Genoveva (Orgs). **Aprendizagem Baseada em Problemas no Ensino Superior**. São Paulo: Summuseditorial, 2009.

DELISLE, Robert. *Como realizar a aprendizagem Baseada em Problemas*. Porto: Editora ASA, 2000.

DENZIN, N., & LINCOLN, Y. (2000) Handbook of qualitative research. (2a ed). Thousand Oaks: Sage.

DURAND, Thomas. L'Alchimie de La compétence. **Revue française de gestion**, n.160, p. 261-292, 1. Sem., 2006.

EISENHARDT, K.M. Building theories form case study research. *Academy of Management Review*.New York, New York, v. 14 n. 4(1989).

ELO S.; KYNGA ELO S.; KYNGAS H. S H. The qualitative content analysis process.**Journal of Advanced Nursing** v. 62, n. 1, 2008, p. 107–115

ESCRIVAO FILHO, Edmundo; RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo. Inovando no ensino de administração: uma experiência com a aprendizagem baseada em problemas (PBL). **Cad. EBAP.BR**[online]. vol.6, n.spe, 2008, pp. 01-09.

FIORENTINI, D.& SOUZA e MELO, G.F. Saberes docentes: Um desafio para acadêmicos e práticos *IN*: GERALDI, C. (org). *Cartografias do trabalho docente: Professor (a)- pesquisador (a)*. Campinas: Mercado das Letras, ALB, 1998.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FLEURY, Afonso. Desenvolver competências e gerir conhecimentos em diferentes arranjos empresariais. *In*: ____; OLIVEIRA JR, Moacir de Miranda. (Org.). **Gestão estratégica do conhecimento**: integrando aprendizagem, conhecimento e competências. São Paulo: Atlas, 2001.

FLICK, Uwe. (1992). Triangulation revisited: strategy of validation or alternative? *Journal for the Theory of Social Behavior*. 22 (2), pp. 175-197.

FONTANA, Andrea; FREY, James H. Interviewing: the art of science. *In*: DENZİN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

FORNARI, Ivanna Schenkel. **Educação superior em turismo: o profissional de turismo frente às competências exigidas pelo mercado de trabalho do setor hoteleiro em Natal**. Dissertação (Mestrado em Administração), Natal: UFRN, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de Liberdade**. 14 ed. Ed. rev. Atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Romeu *et al* . Aprendizagem Baseada em Problemas na formação médica e o currículo tradicional de Medicina: uma revisão bibliográfica. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 33, n. 3, Set. 2009.

GUERRA, Isabel. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso**. São João do Estoril, Principia, 2006.

GUIMARÃES, S. E. R. **Avaliação do estilo motivacional do professor: adaptação e validação de um instrumento**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GROSSI, E.P.; BORDIN, J. (orgs). *Construtivismo pós-piagetiano*. Petrópolis, Vozes, 1993.

HAZOFF JUNIOR, Waldemar; SAUAIA, Antonio Carlos Aida. Aprendizagem centrada no participante ou no professor? Um estudo comparativo em Administração de Materiais. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 12, n. 3, Set. 2008.

HONÓRIOS, Erotides. Unifor Notícias, 2013. Disponível em: <http://unifornoticias.unifor.br/index.php?option=com_content&view=article&id=624&Itemid=31> Acesso em 24 fev 2014.

JAPIASSU, H. “Introdução ao pensamento Epistemológico”. 6 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1991.

KLEIN, A.M. O uso da aprendizagem baseada em problemas e a atuação docente. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 4, n 1, jul./dez. 2013.

KOURILSKY, François. *“Le chemin de l’interdisciplinarité”*. In *Ingénierie de l’interdisciplinarité: un nouvelles pritscientifique*. Paris: L’Harmattan, 2002.

KUENZER, A.Z. **As mudanças no mundo do trabalho e a nova pedagogia**. Salvador: Senac 2001. Teleconferência realizada em maio 2001.

LIBÂNEO, J.C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítica-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1986.

LE BOTERF, Guy. **Desenvolvendo a competência dos profissionais**. 3. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed; Bookman, 2003.

LEVY-LEBOYER, C. **Gestión de lacompetencias**. Barcelona: Gestión, 1997.

LOUREIRO, I.M. *A Aprendizagem Baseada na Resolução de Problemas e a formulação questões a partir de contextos problemáticos*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho, 2008

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária LTDA.

MACEDO, L. **Ensaio pedagógicos: como construir uma escola para todos?** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MAGALHÃES, Margarida Molina. **Turismo, Educação e Ambiente: uma Viagem Interdisciplinar**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde e do Ambiente), Niterói, UNIPLI, 2009.

MAMEDE, S; PENAFORTE, J. **Aprendizagem Baseada em Problemas - anatomia de uma nove abordagem educacional**. Fortaleza: Hucitec, 2001.

MARGONI, Catherine Cavalcanti. **Reflexões sobre a aplicação da interdisciplinaridade em cursos de turismo**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), São Paulo: UAM, 2006.

MARSHALL, Catherine; ROSSMAN, Gretchen B. **Designing Qualitative Research**. Thousands Oaks: SagePublication. 4 ed. 2006, 262 p

MITRE, Sandra Minardi. **Ativando processos de mudança em uma aldeia de Belo Horizonte: uma experiência com metodologia ativa de ensino-aprendizagem[trabalho de conclusão de curso]**. Curso de Especialização em Ativação de Processos de Mudança na Formação Superior de Profissionais de Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; 2006

MITRE, Sandra Minardi *et al* . **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 13, supl. 2, dez. 2008.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MEIRIEU Ph. (1989), *Apprendre... oui mais comment?*, Paris, ESF éditeur, 4. Ed.

MOESBY, Egon. Perspectiva geral da introdução de um novo modelo educacional focado na aprendizagem baseada em projetos e problemas. In ARAUJO, Ulisses;

SASTRE, Genoveva (Org). **Aprendizagem Baseada em Problemas no Ensino Superior**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

<http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Jan. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000900018>.

NINA, Renée Rosanne Vaz. **Profissional da informação: o bibliotecário e suas representações das competências profissionais e pessoais para atuar em bibliotecas**. 2006. 257f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Disponível em: <http://cin.ufsc.br/pgcin/ReneeNina.pdf>. Acesso em 22 de julho de 2014.

NOT, Louis. **Ensinando a aprender**. Elementos de psicodidática geral. São Paulo: Summus, 1993.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes Docentes e Formação de Professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Educação & Sociedade, ano XXII. Nº 74, abril 2001

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 35, n. 1, Abr. 2009.

OLIVEIRA, Luísa. **Desafios à universidade: comercialização da ciência e recomposição dos saberes acadêmicos**. *Sociologia, Problemas e Práticas* [online]. 2000, n.34, pp. 93-116. ISSN 0873-6529.

OLIVEIRA, P.C. *A formulação de questões a partir de contextos problemáticos: um estudo com alunos dos Ensinos Básico e Secundários*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho. 2008.

PAIVA, Kely César Martins de; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. Competências, gestão de competências e profissões: perspectivas de pesquisas. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba , v. 12, n. 2, jun. 2008 .

PAIVA, V. et AL. **Qualificação e inserção alternativa no mundo do trabalho: a sociologia do trabalho para além da indústria**. Novos Estudos, São Paulo: Ceprab, n. 48, p. 121-142, 1997.

PALHARINI, Luciana. Entre semelhanças e diferenças. Revista Consciência. 2010. Disponível em:

<<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=53&id=668>> Acesso em 23 fev 2014.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1993

PERRENOUD, P. **Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artes MédicasSul, 2000.

PONTE, João Pedro (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. Bolema, 25, 105-132. Este artigo é uma versão revista e actualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3(1), pp3-18. (re-publicado com autorização)

QUEIROZ, M. I.P. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. IN: VON SIMSON, O.M (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. P.68-80.

RATHS, Louis E. *etal*. **Ensinar a pensar**. São Paulo: EPU, 1977.

REBOUL, Olivier. **O que é aprender**. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

REJOWSKI, M. **Pesquisa científica em turismo no Brasil: comunicação, produtividade e posicionamento (1990 a 2005)**. São Paulo: UAM, 2010. (Relatório de pesquisa – CNPq).

RIBEIRO, L. R. C. **Aprendizagem baseada em problemas (PBL): uma experiência no ensino superior**. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

ROSA, J. (2001). A Postura Construtivista e a Formação Continuada de Educadores: reflexões a partir do Conceito de Internalização de L.S. Vygotski. In Linhas. Revista do Mestrado em educação e Cultura da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: UDESC.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis. Ed. Vozes, 2006.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo no Brasil: análises e tendências**. São Paulo: Manole, 2002.

SAKAI, M.H; LIMA, G.Z. **PBL: uma visão geral do método**. Olho Mágico, Londrina, v.2, n.5/6, n. esp., 1996.

SANTOS A.C. **Gestion Del conocimiento: analisis y proyeccion de los recursos humanos**. Cuba: Ed. CUJAE, 2001. (Comunicação Pessoal).

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1982.

SAVIN-BADEN, M. *A Practical Guide to problem-based learning online*. Londres: Routledge. 2007.

SCHLINDWEIN, Cristine Maria. **O projeto pedagógico no ensino superior em turismo**. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Balneário Camboriú, SC: UNIVALI, 2003.

SCHLÜTER, Regina. **Investigaciónen turismo y hotelería**. Buenos Aires: CIET, 2000.

SCHMIDT, H.G. As bases cognitivas da aprendizagem baseada em problemas. In: MAMEDE, S; PENAFORTE, J. (Orgs). **Aprendizagem baseada em problemas: anatomia de uma nova abordagem educacional**. São Paulo: Hucitec/ESP-CE, 2001, p.80-108.

SOMMERMAN, Americo. inter ou transdisciplinariedade?: da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006 (coleção questões fundamentais da educação; 7 coordenação EcleideCunicoFurlanetto)

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. **LDB e educação superior: estrutura e funcionamento**. São Paulo: Piomeira Thomson, 2001.

STRAUSS, Anselm Leonard *et al.* **Basics of qualitative research**. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEOFILO, Tiago José Silveira; DIAS, Maria Socorro de Araújo. Concepções de docentes e discentes acerca de metodologias de ensino-aprendizagem: análise do caso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú em Sobral - Ceará. Interface (Botucatu), Botucatu, v. 13, n. 30, set. 2009.

Teoria da Amostragem. Disponível

na<www.cpc.unc.edu/measure/training/materials/data.../Amostragem.pdf> Acesso em 20 abr 2014

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1994 (Cadernos Pedagógicos do Libertad, 2).

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: Artmed, 2010. 197 p.

ZANOTTO M, Rose T. **Problematizar a própria realidade: análise de uma experiência de formação contínua**. Ver Educação e Pesquisa 2003, 29 (1) 45-54.

ZARIFIAN, Philippe. **O modelo da competência: trajetória histórica, desafios atuais e propostas.** São Paulo: SENAC/SP, 2003.

YIN, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications

WEBER, R.P. **Basic Content Analysis.** Newbury Park: Sage Publications, 1990.

<http://www.sistemas.ufrn.br/portal/PT/institucional/historia/#.VK3hwMIGS9c> Acesso em 15 nov 2014.

<<http://www.50anos.ufrn.br/historia/index>> Acesso em 15 nov 2014.

<www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq.../2013_EnEPQ5.pd...> acesso 27 jan2015

<<http://www.lite.fe.unicamp.br/sapiens/ensinar.htm>> acesso em 08 abr 2015

A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo - Autoria: Carlos Eduardo Franco Azevedo, Leonel Gois Lima Oliveira

<<http://www.lite.fe.unicamp.br/sapiens/ensinar.htm>> Acesso em 20 nov 2014.

<<http://grupo4te.com.sapo.pt/mie2.html>> Acesso em 19 jul 2015

<http://pedagogia.tripod.com/quadro_tendencias.htm> Acesso em 15 dez 2014.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista

1. Quais as Metodologias que são adotadas na sua disciplina. Por que você adota essas metodologias?
2. Na sua visão, que metodologias seriam mais apropriadas para o curso de Turismo.
3. Dessas metodologias que você considera como mais apropriadas. Quais são as principais dificuldades e desafios que você percebe na sua aplicação.
4. Ainda em relação às metodologias de ensino mais apropriadas para o Curso de Turismo, como você percebe a contribuição delas no desenvolvimento das competências dos turismólogos?

Apêndice 2 - Transcrições e Codificações

ENTREVISTA COM OS DOCENTES DO CURSO DE TURISMO DA UFRN

1 - METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE				
P1 – f1	P2 – f1	P3 – f1	P4 – f1	P5 – f1
<p>“Utilizo variadas técnicas de ensino, aulas expositivas, dinâmicas em grupo, leitura em sala de aula, apresentação de seminários, visitas técnicas. A adoção de cada uma dessas técnicas é feita considerando o conteúdo que será transmitido ao aluno”.</p>	<p>“Sou professora de história e, partindo da premissa de que não existe uma verdade histórica e sim versões parciais da história, porque toda produção historiográfica é filha de seu tempo, procuro, na medida do possível, adotar uma metodologia crítico-reflexiva do ensino de história nas minhas aulas”. (escrito) “Eu sou professora da área da história e na história a gente sempre parte da concepção de que não existe uma verdade absoluta e a história é um conhecimento construído socialmente pelo homem. E em função disso eu acho que a melhor metodologia é uma metodologia que possibilite ao aluno também ser sujeito desse conhecimento, dentro dessa perspectiva do aluno como construtor do conhecimento histórico. O objetivo final é que a gente sempre adote uma abordagem crítica, construtivista e reflexiva deste conhecimento</p>	<p>“Metodologia dialógica, que tem em Paulo Freire seu maior representante. Aulas abertas, aulas de campo e seminários em grupos. Utilizo metodologias que procuram fazer o estudante ter uma visão mais crítica do conteúdo, indo a campo perceber a realidade e trazendo dados para discussão em sala de aula”.</p>	<p>“Aulas expositivas; Dinâmicas de Grupo; Debates Temáticos”.</p>	<p>Em função do perfil da turma e do aluno é estabelecida a metodologia mais adequada para ser utilizada. Utilizo o pluralismo metodológico, onde cada método revela diferentes aspectos da realidade social, caracterizada por grande complexidade. As estratégias utilizadas são a complementação, combinação e a triangulação.</p>

1 - METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE				
P6 – f6	P7 – f7	P8-f8	P9- f1	P10 – f1
<p>“Aulas expositivas; Discussões de textos; Seminários; Trabalhos em grupo; Aula de campo – viagens para algumas localidades”</p> <p>“Com relação às metodologias eu uso, principalmente, aula expositiva e também tem discussão de textos, trabalhos em sala de aula, seminários. E geralmente eu também faço aula de campo, uma viagem, que eu acho bastante interessante para os alunos de turismo e para os alunos de geografia. Viagem ajuda bastante na discussão dos conteúdos.</p> <p><i>Por que você adota essas metodologias?</i></p> <p>Porque eu acho mais adequada. Inclusive, eu tenho muitos alunos, são turmas muito grandes de 40/50 pessoas. Não dá para a gente ficar inventando muito. É muita aula expositiva, porque não dá para criar muito em uma sala com 40/50. Mas eu também vejo que os alunos</p>	<p>“Estudos de caso; Exposição Oral dialogada dos conteúdos programáticos; Orientação na elaboração de fichamentos; Orientação nas atividades em grupos; Orientação na formulação de simpósio; Dinâmicas de Leitura; Exposição oral e dialogada de estudos de caso”.</p> <p>“As metodologias adotadas na disciplina de Análise estrutural são a exposição oral/dialogada, que é praticamente do ensino tradicional; eu busco trabalhar estudos de caso acompanhados de um estudo dirigido, os alunos lêem o estudo de caso e eu elaboro algumas questões ou deixo para eles elaborarem dentro do texto; também faço orientação na elaboração de algumas atividades como fichamento e algumas atividades em grupo; também trabalhei o simpósio, em que só um integrante do grupo apresentava e o restante ficava em uma banca, ao final os espectadores faziam perguntas para essa banca e</p>	<p>“Dentre as disciplinas utilizo: aula expositiva, dinâmicas, aulas de campo, seminários, dramatizações e jogos”.</p> <p>“Logicamente para cada disciplina a gente acaba utilizando algumas metodologias mais especificamente, em outras não, mas normalmente eu utilizo o formato mais aulas expositivas tradicionais, mais também utilizo bastante atividades como seminários e até utilizei em alguns momentos júri simulado, estudo dirigido, porque eu acho que auxilia numa desestruturação da sala de aula naquele formato tradicional de aula expositiva. Adoto essas metodologias porque eu acredito que isso tira o aluno daquela condição meio passiva, apática de apenas ouvir e em alguns momentos interferir e é nesse momento que ele vai construir conhecimento, colocar suas experiências, ele vai fazer uma relação entre teoria e prática, enfim, então utilizo seminários, dramatização de</p>	<p>“Ensino de Línguas. Trajetória da aula: <input checked="" type="checkbox"/> Quebra gelo: geralmente falar do fim de semana, ou dinâmica. <input checked="" type="checkbox"/> Aprendizagem de conceitos através do texto (textos curtos: T-3 páginas, gêneros variados). <input checked="" type="checkbox"/> Reforço gramatical com atividades extras.</p> <p>“Minha aula se trata de uma aula de ensino de línguas e eu tenho uma trajetória mais ou menos programada. Geralmente a gente começa com um quebra gelo, falar do fim de semana, alguma dinâmica de interação entre os alunos e a gente passa para a segunda etapa que é a aprendizagem de conceitos através de textos curtos de uma até 3 páginas e com gêneros variados e a terceira parte seria de reforço gramatical com atividades extras e podemos concentrar no aspecto gramatical”.</p>	<p>“Aula expositiva dialogada, seminários, estudos de caso tradicional, debates”.</p> <p>“A metodologia que eu costumo adotar na disciplina, além de aula expositiva dialogada, eu gosto de trazer textos para fazer estudo dirigido, alguns estudos de caso, algumas vezes eu convido alguém do mercado da área da disciplina para fazer alguma palestra e eventualmente uma visita técnica e aula de campo. Além de trabalho em grupo, seminário, essas metodologias mais tradicionais que a gente costuma usar em sala de aula. Em relação as metodologias mais tradicionais eu as adoto pela dificuldade que eu sinto em inovar para passar aquele conteúdo que é necessário, a gente vai apresentar conceitos, definições e não consigo vislumbrar metodologias diferentes para trabalhar essa base teórica da disciplina. Então a gente fica mais na aula expositiva, leitura de texto para a partir do texto irmos identificando</p>

<p>lêem muito pouco, então a aula expositiva acaba que resolve mais. A gente prepara a aula, chega apresenta e discute alguma coisa com os alunos, porque o nível de leitura é baixo. Isso é um problema pra trabalhar”.</p>	<p>eles respondiam; também trabalho com dinâmica de leitura, a partir de textos desses autores de turismo. Outra questão é para os alunos procurarem sempre algo atual do turismo. Então eu adotei como metodologia que toda semana eles trazem alguma notícia relacionada ao turismo e ao contexto que estamos trabalhando”.</p>	<p>vez em quando, como a minha formação também é em radio e TV e fiz curso de teatro por muito tempo é uma coisa que me vem sempre em mente essas questões das dramatizações, o uso do antes e o depois, essas questões são bem vindas”.</p>		<p>os conceitos e as práticas daquele segmento. Eu sinto a necessidade de adotar as metodologias mais tradicionais para desenvolver as bases conceituais da disciplina, de cada área temática que a gente vai abordar. E essas outras metodologias de focar no estudo de caso, de trazer um palestrante, de fazer um visitar técnica seria para aliar a prática e a teoria. Pegar o que a gente vê na teoria e ver como se aplica na prática, no caso de sucesso, através da vivência de um profissional da área, de uma realidade que tenha algo a mostrar do que tem sido executado na prática. Então seria uma mescla das tradicionais, para trabalhar a teoria, e das mais diferenciadas para trabalhar a prática. Tentar buscar esse alinhamento.</p>
--	---	--	--	--

1 - METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE

P11 – f1	P12 – f1	P13 – f1	P14 – f1	P15 – f1
<p>“Aulas expositivas, seminários, estudos de casos e dramatização”. “As metodologias usadas em minhas disciplinas elas vão desde aula expositiva e dialogada, até passando pela</p>	<p>“Metodologias participativas que promovam a leitura e o debate. Formação de grupos para questionamentos. Slides e filmes que possam acrescentar alguma exemplificação sempre ao</p>	<p>“Eu ministro disciplinas diferentes, então elas precisam de metodologias diferentes e adequadas. Eu ministro uma disciplina do primeiro período do curso, que é Turismo, organização e</p>	<p>“Basicamente, eu adoto aulas expositivas na disciplina que ministro, administração hoteleira, e junto com as aulas expositivas eu levo sempre alguns estudos de caso, estudos dirigidos, atividades</p>	<p>“As disciplinas de Inglês para Fins Acadêmicos I e II têm uma abordagem específica que é a instrumental. Nessa abordagem trabalhamos com estratégias de leitura, uma vez que este é o foco da</p>

<p>dramatização, pela resolução de problemas, pelo debate, pela leitura e interpretação de textos, por estudos dirigidos, mais principalmente pelo diálogo com o aluno, na medida em que os conteúdos vão sendo trabalhados, as componentes curriculares vão sendo apresentadas a eles se espera e se, digamos assim, que nós fazemos com que, a palavra certa seria Motivarmos, que eles se expressem, que eles dialoguem, que eles, enfim, contribuam na construção e no desenvolvimento daquelas competências e conhecimentos. E adoto essas metodologias porque a idéia é que o processo de ensino aprendizagem tem que ser na medida do possível diversificada para que você não fique numa metodologia única durante todo o período da disciplina, que no nosso caso é semestral, então, para exatamente dar ao aluno uma motivação, fazer com que ele tenha mais vontade de participar e sinta-se desafiado, a gente procura diversificar as formas de trabalhar as componentes curriculares”.</p>	<p>final. Convidados da área e diálogos com os alunos para vivenciar a experiência profissional e o horizonte de trabalho”.</p> <p>“Geralmente eu adoto a metodologia que tem mais o perfil da turma. Em turmas menores dá para você usar metodologias mais direcionadas, com trabalho individual e em dupla, já em turmas maiores você acaba trabalhando com metodologias mais em grupo. Geralmente eu faço uma primeira unidade como trabalho individual e as demais eu acabo fazendo com trabalhos em grupo e seminários, até por conta do tempo. Mas geralmente eu utilizo sempre uma dinâmica para tirar eles da questão da consulta do computer, fazer pensar. Trago uma leitura, alguma coisa para a gente discutir”.</p>	<p>dinâmica, que é com alunos que acabaram de entrar na universidade e ainda estão muito acostumados com a metodologia do ensino médio e com a passividade do aluno, em que o aluno fica em seu lugar e o professor passa o conteúdo como se ele fosse o único transmissor de conteúdo e o aluno tivesse pouca participação no processo. No início eu tento fazer um pouco de aulas expositivas dialogadas, mas aos poucos tentando fazer estudos mais reflexivos e que eles se envolvam no processo. Então além de aula expositiva, que com essa turma eu faço mais do que com as outras, eu faço muitos debates de textos em sala, mostro vídeos e levanto questões para reflexão desses alunos. Já com outra disciplina do quarto período mais ligada com a gestão, gestão de empreendimentos turísticos, dá para você aliar teoria e prática. Eu dou alguns conteúdos expositivos, mas faço estudos de caso em sala, coloco alguns desafios com relação à gestão de empresas para eles pensarem e resolverem no próprio</p>	<p>em sala para que eles possam praticar o conteúdo que está sendo ministrado, seminário baseado em textos já pré-estabelecidos e visitas técnicas a partir da segunda unidade que é quando a gente entra nos setores do hotel. Então eu tento fazer algumas atividades práticas. Tento variar as aulas para que o aluno se sinta mais motivado a assistir a aula, a participar. Todas as atividades são avaliativas, porque senão colocar como avaliativa eles não fazem e mesmo fazendo muitas vezes eles nem entregam no prazo”.</p>	<p>disciplina.</p> <p>As aulas são desenvolvidas passo a passo. Antes de iniciar a leitura de textos, faço uso da ativação do conhecimento prévio que os alunos têm acerca do que vai ser lido. Deixo que eles discutam, falem de experiências próprias e se posicionem diante do assunto. Desse modo, eles podem antever o assunto do que vai ser tratado, o que facilita a sua compreensão da leitura. Os alunos são requeridos a fazer uma primeira leitura para compreenderem a idéia geral do texto. Em seguida procuram por informações específicas. Tudo isso levando em consideração as palavras cognatas, as palavras em língua inglesa que já conhecem, ilustrações, marcas tipográficas, entre tantas outras estratégias.</p> <p>As aulas são, na maior parte do tempo dialogadas, com momentos de aulas expositivas para tratar de questões gramaticais. As atividades são realizadas individualmente ou em grupos.</p> <p>A avaliação é feita</p>
---	--	---	---	--

		<p>processo. Como trabalho final da disciplina eu peço um trabalho mais aplicado em que esses alunos tem que desenvolver um plano de negócio e eu meio que fiz uma metodologia de pré-plano para eles já pensarem o empreendimento como se fosse deles, já que tem a disciplina de empreendedorismo que é para você fazer um plano de negócio mesmo, peço para eles fazerem um estudo de caso em um empreendimento que eles considerem sucesso para eles estarem apresentando esses resultados em sala de aula. Fora isso, eu utilizo pesquisa de campo, realizando visitas técnicas em empreendimentos com os alunos. Inclusive, naquela hora eu estava indo fazer uma visita com os alunos do primeiro período. Como lá a gente está vendo perfil profissional e área de trabalho eu levei eles para fazer uma visita em um hotel com uma pessoa da área, para falar um pouco com eles, apresentando as áreas. Voltando, na disciplina de gestão de empreendimentos turísticos a</p>		<p>continuamente, de acordo com o desempenho global do aluno: cumprimento de prazos, participação nas atividades desenvolvidas em sala de aula e testes.</p>
--	--	--	--	--

		<p>gente consegue fazer estudos de caso, desafios, aulas temáticas. Nesse semestre a gente estava estudando gestão de pessoas e eu fiz uma aula temática sobre a Disney, trabalhando todos os aspectos da gestão de pessoas. Eu contei até com a ajuda da mestranda Fabíola que me ajudou a ornamentar toda a sala e chamamos alguém que já trabalhou lá para falar. Então nem sempre mostrar a teoria diretamente, mas mostrar como isso acontece na prática e depois mostrar esses aspectos mais teóricos. Já a disciplina de gestão pública do turismo, é uma disciplina que é mais teórica mesmo, que exige do aluno muita leitura para ele estudar a gestão e os elementos da gestão pública no Brasil, mas eu tento a todo momento trazer estudos de caso aplicados e promover muitos debates em sala, peço leitura prévia dos textos e em sala nós debatemos todos os elementos.</p>		
--	--	---	--	--

1 – METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE

P16 – f1	P17 – f1	P18 – f1	P19 – f1	P20 – f1
“Aula expositiva, utilizo muito aula expositiva. Mas	“Bem, com relação a primeira pergunta das metodologias	“As aulas são expositivas e também mescladas quando	“A metodologia inicialmente é aquela clássica, a aula	“Praticamente as básicas, o comum. Nós temos a

<p>uma conversa dialogada, onde eu estimo a discussão, a participação dos alunos, embora eles tenham resistência em falar. Além disso, utilizo muitos trabalhos em grupo e poucos individuais, porque no curso de turismo eles são muito integrados, muito engajados. Diferente de outros cursos, como administração, sempre estão criando alguma coisa, fazendo alguma festa, visita, viagem, eles são muito integrados nesse sentido. Utilizo estudo de casos reais para eles resolverem e analisarem, sempre relacionando com o conteúdo da teoria que está sendo dada. Também utilizo visita de campo, uma está até programada para fazer um relatório e depois relacionarem o que eles observaram com o que é dado na disciplina, os principais modelos, teorias e etc. Utilizo muito o SIGAA para passar trabalho, comunicar. Já utilizei muito o mecanismo de fórum, onde eles podem debater. Leitura de texto, interpretação, é uma prática mais teórica e é importante</p>	<p>que eu utilizo na minha disciplina, eu gosto de utilizar praticamente em todas as aulas slides, aulas expositivas através de slides em power point, procurando gerar discussões em sala de aula sobre os tópicos da minha disciplina, eu utilizo em todas as unidades estudos de casos para mostrar situações reais no uso da tecnologia que é a minha disciplina no turismo para que eles possam visualizar como é que a tecnologia é utilizada nas suas determinadas atividades turísticas, utilizo também na última unidade trabalhos em grupo, apresentação de seminários, para que os alunos possam vivenciar os impactos das tecnologias na atividade turística e faço uso de provas em cada uma das unidades para avaliar os alunos. Basicamente é isso". "Eu gosto de fazer uso do seminário em grupo, eu faço questão do aluno, para que o aluno possa identificar quais são os impactos que a tecnologia traz para o turismo, para a atividade turística, eu gosto que o aluno vá para as empresas e faça entrevistas</p>	<p>necessário com a utilização de equipamentos tais como data show e a gente também procura na medida do possível fazer com que os alunos interajam, às vezes a gente faz uma aula tipo mesa redonda onde os alunos tem, como a turma é pequena, os alunos poderão ter uma participação mais incisiva, entretanto, há um grau elevado de timidez por parte dos nossos alunos de turismo. É uma parte bem significativa da graduação, mas a gente vai levando como é possível". "A metodologia que eu utilizo é aula expositiva, porque a minha disciplina é Economia dos Serviços e o mundo dos serviços é imenso, então eu vou introduzindo nessa metodologia motivos relacionados aos setor turístico e dando exemplos relacionados ao turismo. Como a disciplina é teórica, eminentemente teórica, as metodologias de campo não são aplicadas. Então eu fico mais com aula expositiva e debate, oportunizando a participação do aluno. Mas tem turma que há mais participação e turmas que os</p>	<p>expositiva, utilizando o recurso áudio-visual, debate, o estímulo ao debate, sempre trago alguns questionamentos referentes a aula em si e sempre trago perguntas que o aluno realmente possa refletir, utilizo muito também a questão dos seminários, em alguns momentos da disciplina na segunda unidade gosto de trabalhar com a idéia, esse seminário pode, dependendo do nível do ano, do aluno, eu peço que ele construa um texto referente ao material que foi disponibilizado e discutido em sala de aula, então ele constrói um texto em formato de um artigo e ele apresenta, então essa é uma outra técnica, uma outra metodologia utilizada; Caso o aluno seja das séries iniciais, aí sim distribuo alguns textos, já prontos, para que ele possa realmente em grupo, apresentar; Também eu costumo fazer umas gincanas, eu chamo de gincana pedagógica, que dentro de uma temática específica eu divido dependendo do tamanho da turma, eu trabalho com grupos de 8 a 10 pessoas</p>	<p>distribuição de textos, artigos, livros, textos bases e depois a complementação com artigos de revistas especializadas. Na parte teórica são utilizados os textos, o data show, oficinas, trabalhos individuais, trabalhos em grupo. Isso na primeira unidade. No segundo momento nós adotamos os seminários, onde distribuimos os textos referentes à disciplina que no caso é ecoturismo, onde eles vão pesquisar além desse texto base e complementar com uma bibliografia mais paralela. Eles apresentam esse material em forma de seminário, com slide, a apresentação tem uma pontuação da qualidade do material e quem avalia as apresentações são os próprios alunos, sempre dois, e vão avaliar o grupo, avaliar individualmente, a qualidade do material e se está coerente, a inter-relação entre os grupos e o conhecimento. Então dentro dos seminários a gente aborda toda uma contextualização para eles já se prepararem para apresentar artigos fora. E o mais importante é que após cada</p>
---	--	--	---	---

<p>para eles lerem. Eu adoto em função da facilidade de trabalho e na perspectiva de envolvê-los. Acho que o professor tem muita preocupação em passar o conteúdo para o aluno, transportar o conhecimento da nossa cabeça para a dele, mas eu acho que a gente tem que ter prazer em fazer isso, tem que estar envolvido, senão vai ter muita dificuldade e o resultado não vai ser muito bom. Mais recentemente eu estou voltando muitos conteúdos dados, repetindo para que haja uma memorização. Sempre estar voltando para que com a repetição o conteúdo que a gente quer passar seja fixado. Eu também trabalho muito o mundo atual, trago muita leitura do mundo de hoje, politicamente, economicamente, socialmente, ambientalmente. Sempre faço uma abordagem do assunto dentro de um contexto mais amplo do que a própria academia, da própria universidade, e sim da sociedade como um todo. Tenho sempre trazido essa</p>	<p>com pessoas que utilizam o sistema e eles possam vivenciar, como é que essas tecnologias são utilizadas na empresa, pode ser redes sociais, pode ser um software para reservas, que ele possa realmente verificar como são usados no dia a dia e ele possa identificar como essa experiência, ele possa aprender de que forma a tecnologia é utilizada nas empresas de turismo”.</p>	<p>alunos não dizem nada, todo mundo calado e o resultado vem nas provas depois. Não sei se não falam por timidez, falta de segurança, não sei. Concluindo, uso a metodologia expositiva e abro para o debate, gosto de salientar que sempre abro o debate e sou muito aberto com relação a isso”.</p>	<p>e eles são estimulados a levantar uma série de questões referente aquela temática discutida e ele traz isso esquematizado num documento em e em sala de aula eles começam a fazer perguntas pros outros grupos, então eles podem consultar o próprio grupo dele e sempre eu trago algum brinde, alguma coisa que seja, que fica bem mais lúdico e mais interativo; Aula de campo, não deixa de ser uma metodologia empregada, para ele visualizar, ter essa experiência prática, dos elementos que são discutidos em sala de aula; Vamos ver o que mais eu faço, dependendo muito das disciplinas, por exemplo, a questão se é uma disciplina um pouco mais prática, eu sempre procuro trabalhar com algum projeto de intervenção real, sempre procuro trabalhar com alguns modelos específicos trabalhados por qualquer instituição privada, pública, ou não governamental, enfim, em linhas gerais, é isso que trabalho em sala de aula”.</p> <p>“Só recapitular a questão das metodologias utilizadas. Creio</p>	<p>seminário existe a participação e a avaliação por parte dos alunos. No terceiro momento nós trabalhamos três situações. Na terceira unidade nós trabalhamos em campo, fazemos uma viagem. Esse semestre nós escolhemos a unidade de conservação Cariri paraibano, porque trabalhamos muito com a metodologia que o turismo pode se utilizar das unidades de conservação. Esse semestre nós fomos pra cabaceira. Antes de ir nós temos a explicação do ambiente, do que é a unidade de conservação, elaboramos um projeto com objetivo e justificativa em sala de aula, cada grupo tem um tema relacionado com a vivência do ambiente. São dois dias de visitação e eles fazem a avaliação da acessibilidade, da estrutura, da gastronomia, da relação homem/natureza, dos impactos que essa atividade causa e a questão da cultura. Também avaliamos as trilhas, se estão de acordo com o que eles estão propondo, se tem acessibilidade, se tem segurança. Também</p>
--	---	--	--	---

<p>visão de mundo, mas me policiando para não ser tão teórico, principalmente nas aulas expositivos, porque acho, que a dinâmica moderna não permite que o aluno esteja parado o tempo todo só ouvindo”.</p>			<p>que eu aponte a questão das gincanas pedagógicas, o próprio seminário individual e em grupo durante o semestre, aulas de campo, construção de artigos, os vídeos tratados em sala de aula e o próprio conhecimento individual avaliado através de uma prova. Então essas foram as metodologias apontadas”.</p>	<p>avaliamos a atuação dos guias turísticos que nos atendem e eles vão contar a história do local. Nesse momento a gente não interfere no conhecimento, ele é passado todo através do conhecimento empírico dos guias. Posteriormente as visitas nós fazemos uma reunião, tiramos nossas dúvidas, a gente faz uma argumentação do que eles aprenderam. Quando voltamos para sala de aula eles vão discutir o trabalho em grupo, para posteriormente apresentar e entregar o relatório. Esse relatório pode ser um artigo para eles publicarem em qualquer lugar que eles queiram, porque são alunos de vários cursos, nós temos alunos de ecologia, turismo e ciência e tecnologia, por ser uma disciplina complementar. E por ultimo eles fazem a inter-relação do que foi discutido em sala com o que foi visto em campo, porque o objetivo da disciplina é dar um conhecimento teórico com uma aplicabilidade com um conhecimento prático de uma atividade de ecoturismo. Os tripés envolvidos, que é a</p>
--	--	--	---	--

				questão da natureza, do homem local e da cultura. Porque nós trabalhamos praticamente com os nativos e população tradicional. E hoje é muito discutido o que é a população tradicional”.
1 – METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE				
P21 – f1	P22 – f1	P23 – f1	P24 – f1	P25 – f1
“Em relação às metodologias, eu tento adotar o máximo possível, dentro das minhas capacidades e do andamento da turma. Minhas aulas são prioritariamente expositivas, mas eu tento agregar vídeos e estudos de caso. Gosto muito de trabalhar com filme, documentário, e procuro usar um material desses em cada unidade. O que eu adoto é isso.	“Me baseio mais em concepção de aulas abertas, concepções críticas. E dentro do processo da aula eu busco estar aberto ao debate dentro de sala. Tendo textos como referência, em que os alunos fazem a leitura desses textos, trazem para a sala e daí a gente vai fazer a produção do conhecimento com discussões. Também utilizo aula expositiva, mas de maneira menor. Faço aula de campo, onde eles vão tentar aplicar determinado conhecimento produzido durante as aulas aplicado em uma forma de intervenção e não necessariamente um espaço de intervenção, visto que minha disciplina está relacionada ao lazer e eu penso como eles vão aplicar o conhecimento do lazer dentro da área de atuação do turismólogo. Então eu baseio	“A ementa desse curso de espanhol é uma ementa errada, a meu ver, para o curso de turismo. Porque é uma ementa que diz que o objetivo é só interpretação de texto e interpretação de texto não é suficiente para o aluno de turismo, porque ele não vai interagir com o texto, ele vai interagir com uma pessoa. Desde 2009 que eu adoto outra ementa. A metodologia que eu uso não é a metodologia de espanhol para fins específicos, no que diz respeito a ser uma metodologia que só lê, interpreta e responde em português. Toda a interação da aula é feita em espanhol, quando a gramática está muito pesada eu explico em português, mas a aula é toda em espanhol. A gente tem mais ou menos 4 meses de curso e desses 4 meses eu dou	“Uso três tipos de metodologias e até acho que mesclo metodologias mais tradicionais com metodologias contemporâneas. O que predomina no meu trabalho em sala de aula é trabalhar a exposição dialogada, uma aula em que o aluno se expressa e não que fica calado. Digo logo: “Olhe, eu não estou aqui fazendo monólogo”. O conhecimento deve ser construído junto, professor e aluno, então eu trabalho como o professor sendo um mediador do conhecimento e não aquela pessoa revestida de autoridade na frente dos alunos. Como minha disciplina tem uma vertente teórica muito forte, eu tento estimular os alunos para que a gente possa trabalhar de forma mais interativa e com exemplos da	“Bem, eu trabalho com estudos de casos, a parte expositiva dialógica, trabalho com ferramentas on-line também, que são ferramentas de metodologia ativa, trabalho com seminários e a parte da problematização, que a gente estuda a teoria, depois vem um caso prático e depois eles criam algo em cima do caso prático para consolidação da aprendizagem”.

	<p>muito nessa ideia de discussão, debate, aula de campo e aula expositiva alternando entre esses processos de metodologia. Tendo como referencia as concepções criticas de ensino e as concepções de aulas abertas”</p>	<p>1 mês de aula, eles dão um mês de seminário, eu dou mais um mês de aula e eles acabam com o medo de seminário. Esses seminários são todos focados em temas de turismo, eles imaginam uma agência de turismo, eles imaginam um grupo de turistas passeando por pontos turísticos e eles também fazem roteiros com preço e tudo. É uma disciplina que vai pegar todas as qualificações, tudo que se dá nas outras disciplinas traduzido para o espanhol. O que parece ser bem mais útil do que ler textos em espanhol, até porque o espanhol escrito é uma língua muito fácil. Os nomes específicos das metodologias: o método de inserção e dentro disso tem os métodos cognitivistas e o que eu uso é o da aprendizagem significativa de Ausubel, que é sinteracionista mas também interage com os conteúdos, porque ele imagina que a pessoa tem um cérebro e que esse cérebro deve e será utilizado de maneiras diferentes e o professor deve dar respaldo para que essas pessoas usem de maneira</p>	<p>realidade deles. Por exemplo, agora estamos trabalhando as políticas públicas e dentro desse tópico eu vou trabalhar as políticas públicas do turismo e mostrar essas políticas essas políticas dentro do nosso estado e no nordeste. Esse é o momento que eu acho mais criativo das minhas aulas, porque eu tento estimular que tenha a participação de cada um em sala de aula. Se a gente for pensar No modelo teórico de metodologia, eu diria que a minha vertente está muito mais para o construtivismo, dentro daquela visão freireana. Se bem que hoje já se fala em outros tipos de metodologias integrativas, mas acho que eu tendo mais para esse lado. Ao mesmo tempo eu fico me perguntando se essa metodologia trabalhando com a realidade local não perde um pouco da perspectiva global, então eu sempre tento trazê-los para essa realidade globalizante e que o turismo não pode ser pensado apenas pelo ponto de vista local, nem regional, nem nacional, a gente tem que ter uma visão</p>	
--	--	--	---	--

		diferente o mesmo conteúdo”.	global. Com isso eu acho que já disse duas questões”.	
1 – METODOLOGIAS ADOTADAS NA SUA DISCIPLINA – DOCENTE				
P26 – f1	P27 – f1	P28 – f1	P29 – f1	
<p>“Bem, minha aula é praticamente expositiva. Tirando a terceira unidade que é aplicada que eles tem que pegar uma empresa aberta da bolsa e fazer um trabalho como se faria em um escritório de investimento. Sendo que eu aplico essa metodologia expositiva porque é o que eu aplico em todas e esse trabalho da terceira unidade é obrigado pela ementa da disciplina.</p>	<p>“Aula expositiva, análise de fotografias, documentários, seminários despojados (através de textos pequenos lidos e com interpretações rápidas em sala de aula), debates”.</p>	<p>“Depende muito das disciplinas, nesses últimos semestres, sempre trabalhei com metodologias sempre tentando ser o mais aplicado possível, então, não é exatamente a metodologia da problematização, mas eu tento fazer a partir dessa forma. Por exemplo, Planejamento é um destino escolhido pra que fosse inventariado pra depois uma proposição de um plano, ainda que acadêmico, mas é um exercício muito focado no destino real, um local real, então seja pelo menos inspirado numa problemática real. E agora com os projetos, ai sim, eu trabalho com problematização e a proposição de ações, de mudanças, partindo de problemas sócio-ambientais que a gente identifica quando convertemos tudo isso em soluções com uma vertente turística. Então a gente trabalha conforme a realidade, muitas vezes eu trabalho, sou eu que</p>	<p>“Eu acho que metodologia envolve uma discussão bem mais ampla, envolve método, envolve procedimentos e ai eu acho que nesse ponto que posso dar uma contribuição sobre a dimensão dos procedimentos metodológicos que eu adoto na disciplina. Primeiro que eu sou muito conteudista, eu primo muito pela formação em termos de conteúdo. Então meu aluno, seja no mestrado, doutorado ou graduação, ou qualquer tipo de bolsa, seja monitoria, extensão ou pesquisa, ele tem que ter uma base de conteúdo teórico densa. Então eu primo muito pela leitura, revisão bibliográfica, fundamentação teórica, fundamentação conceitual, pensando o método científico. Ainda destacaria o trabalho de campo, que eu considero fundamental. Porque é no trabalho de campo que a gente pode ter um contato mais direto com a realidade, que a gente pode identificar melhor os sujeitos, os</p>	

		<p>estimulo as temáticas dos projetos e dependendo do semestre, a avaliação que eu faço é essa. Que eu espero que eles que sugeriram, as suas problemática, a partir daquilo do que eles vêem, mas sempre muito concreto. Agora mesmo, a turma que acabei de sair tem trabalhado com isso, e tem várias vertentes que são propostas e a gente trabalha com um referencial para elaboração de projetos e eu trabalho sempre com alguma chamada real que está acontecendo no momento pra financiamento de alguma ação no turismo, seja num ministério, agora por exemplo, a gente trabalhou com uma do Banco do Nordeste (BNB), que estava com uma ação voltada para a cultura e ai todos nós trabalhamos com o edital como referencial do BNB, como se fosse fazer, como a gente faz e se elabora um projeto como se fosse submeter aquele edital para captação de recursos para desenvolver aquela ação. Então eu trabalho de forma muito concreta. Eu não aplico</p>	<p>processos, as formas espaciais, os conflitos territoriais. Então eu acho que o trabalho de campo é um aspecto extremamente importante. Outro procedimento que eu considero bastante relevante é o levantamento, sistematização e análise de dados estatísticos. Acho que a estatística nos dá um ferramental muito bom para que a gente possa ter um rendimento melhor em sala de aula, obviamente o dado estatístico deve ser lido de forma crítica, mas ele é superimportante para nós. O levantamento de dado estatístico é um processo bastante importante. No que se refere ao método de avaliação, eu ainda utilizo a prova discursiva com questões abertas e fechadas, uso a produção textual em todos os níveis e que o aluno vai evidenciar o conhecimento teórico, conceitual e também a relação teoria e realidade. Também utilizo a apresentação e discussão de vídeos e documentários que estejam relacionados com os temas</p>	
--	--	---	---	--

		<p>prova, e normalmente dividido o trabalho em três etapas, que são normalmente a primeira, segunda e terceira unidade para ter uma referência de prazo, mas faço muito uma avaliação muito qualitativa no final pra ver todo o comprometimento do grupo ao longo do tempo, porque eu tenho uma série de problemas com essa metodologia, muitas vezes não sou entendida pelo aluno, porque, justamente não é uma metodologia generalizada, ou seja, que seja estimulado no curso como um todo. Quando você faz um trabalho isolado há um estranhamento do aluno, então tem mesmo, eu percebo, mas pelas minhas avaliações também posso ver que tem mais de 80% de informação e eu acho mais legal do que a crítica, mais importante do que a crítica. Eu realmente tento trabalhar a partir de uma lógica da realidade e é interessante falar sobre a problematização porque um dos enunciados do trabalho, do material referencial que eu trabalho, fala exatamente</p>	<p>discutidos em sala de aula e exemplificações, exemplificar a partir de processos históricos, a partir de fatos, a partir de eventos espaciais que tivemos no passado, no presente e que pode se desdobrar em algo futuro da história”.</p>	
--	--	--	---	--

		isso na primeira frase e eu chamo muito a atenção do aluno que é isso, a idéia é partir de problemas reais e propor soluções para esses problemas. Então entendo que tem uma vertente para a problematização ai.		
2 – METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE				
P1 – f2	P2 – f2	P3 – f2	P4 – f2	P5 – f2
“Todas são bastante apropriadas para as Ciências Sociais Aplicadas, dentre elas o Turismo. Entretanto aplico e gosto bastante das técnicas de leitura em sala de aula”.	“Penso que a escolha das metodologias de ensino estão diretamente vinculadas ao perfil do professor, sua formação, sua visão de mundo. Mas defendo, sobretudo, a metodologia ancorada numa perspectiva mais crítica de leitura do mundo, embora eu tenha consciência das limitações dessa afirmativa” (escrita) “Eu acho que essa é uma questão mais melindrosa, porque quando você adota uma metodologia você parte do seu pressuposto, daquilo que você acredita, sua fé, sua concepção de educação, concepção do sujeito que você está formando. Então eu acho que isso está muito relacionado com o lugar social que o professor ocupa. Para mim, a metodologia mais apropriada seria a que eu faço	“Sou do curso de Educação Física, por isso fico sem condições de afirmar que metodologias seriam mais apropriadas. Mas vejo que a utilização de estudos de caso, as visitas a campo e os seminários tem contribuído para o melhor entendimento dos alunos”.	“Penso que não há metodologia mais adequada ao curso e sim metodologias diferentes para conteúdos diferentes. Assim, creio ser difícil definir “metodologias para o curso” devido que sua estrutura curricular dispõe de distintas disciplinas (é multidisciplinar) e pelo caráter interdisciplinar”	O importante é que o docente conheça as diversas metodologias e assim utilize de forma relevante. Pluralismo Metodológico.

	um esforço para utilizar. Essa metodologia crítica, reflexiva, construtivista. Mas lembrando que existem outras possibilidades, não é porque é a que eu utilizo e acredito que ela tem que ser a única”.			
2 – METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE				
P6 – f2	P7 – f2	P8 – f2	P9 – f2	P10 – f2
<p>“Metodologias dinâmicas, que possibilitem interação e participação dos alunos na realização de atividades diversas” (escrita)</p> <p>“Olha, eu vejo que o pessoal de turismo tem muita dificuldade para aceitar teoria, ler, discutir. Tem certa resistência para teoria. Eu vejo que, eu já dou aula em Turismo há vários anos, e eu agora tendo a ter mais atividade prática em sala de aula. Ora, junta aqui um grupo, lê aqui, discute aqui. Eu meio que os forço, em sala de aula, a lerem e discutirem, porque eu vejo que existe certa resistência principalmente quando é algo muito teórico, eles gostam mais de coisas mais técnicas. Então, a metodologia mais apropriada que eu to achando é essa, fazer os alunos discutirem os textos em sala</p>	<p>“Metodologias que relacionam a teoria a prática, bem como as citadas na pergunta 1”.</p> <p>“Eu acho que seriam metodologias mais dinâmicas, que priorizassem mais a questão prática do turismo. Deixar essa questão do ensino tradicional e trabalhar mais essas metodologias que fossem mais dinâmicas e que fizesse com que o aluno buscasse esse conhecimento. Por exemplo, eu trabalho essa questão do estudo dirigido e acho interessante trabalhar a leitura, porque o aluno está muito preguiçoso em relação a querer ler e ele tem lido muito pouco”.</p>	<p>“Sinceramente, as que uso. Mas acredito que o uso de novas tecnologias / associados a informatização”.</p> <p>“Vai variar de acordo com as disciplinas, então, cada disciplina exige algumas metodologias mais específicas, mais acredito nessas, o formato mais tradicional da aula expositiva é relevante, mais estruturante, mais ai o formato de seminários, a criação de artigos, a produção científica, a busca da produção científica tradicional é importante, os seminários são bem vindos apesar de que a gente percebe que em formato de seminários às vezes você corre o risco de ter grupos em que alguns alunos não trabalham e se concentram em algumas pessoas, mas eu acho que os seminários são interessantes e tem o seu propósito e acho</p>	<p>“Inglês mais voltado para comunicação a academia do turismo parece ser a maior necessidade expressada por alunos (as)</p> <p>“Para outras disciplinas o curso de leitura parece mais adequado. Basicamente, o meu curso se trata de uma preparação para uma eventual prova de proficiência, para um TOEFL. Geralmente é perder o medo da leitura, às vezes o aluno vê o texto e já se desespera. O semestre inteiro é uma batalha pra você ficar mais a vontade e tentar desbravar o texto”.</p>	<p>“Visita de campo, visitas técnicas, atividades diferentes, dinâmicas de grupo”.</p> <p>“Como eu falei, eu sinto essa dificuldade de conseguir metodologias mais dinâmicas e que consigam trabalhar o conceito de forma mais profunda e que traga essas reflexões. Até já fiz alguns cursos de reciclagem de didática de ensino e ainda não encontrei essas metodologias que pudessem ajudar a romper com esse paradoxo de que a sala de aula é o quadro, data show, essas coisas. Mas eu sinto que os alunos do curso de turismo tem esse perfil muito dinâmico, que se você passar uma aula inteira só lá no Powerpointeles se desligam e acho que isso é geral na maioria dos cursos, mas os de turismo tem essa</p>

<p>de aula. Eu os boto, dou o tempo da aula, a gente vai discutindo e abre discussão. Eu estou achando que essa metodologia está sendo interessante. Eu também acho que a aula de campo é interessante para o curso de turismo.</p>		<p>que isso contribui para a atividade turística, porque o aluno de graduação de turismo tem que ter essa postura, muitas vezes, ele é uma pessoa que tem que falar, tem que se posicionar e os seminários, eles acabam permitindo esse tipo de aptidão e habilidade. E metodologias que discutam, que levem em consideração o caráter crítico, o aluno que seja crítico nas construções do conhecimento”.</p>		<p>característica do dinamismo, de lidar muito com o público, de relacionamento interpessoal, de conversar. Então quando a gente traz alguma atividade diferente que gera essa interação, que gera um debate maior, eu sinto que eles são muito mais participativos do que quando fica naquilo mais tradicional do professor falando. Então eu acho que as mais adequadas para o curso de turismo seriam essas mais dinâmicas, que movimentem a turma, que façam eles irem a campo, pesquisar e entenderem as características daquele assunto na prática. Mas eu, enquanto professora, sinto essa dificuldade de implementar no dia a dia.</p>
---	--	--	--	--

2 – METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE

P11 – f2	P12 – f2	P13 – f2	P14 – f2	P15 – f2
<p>Estudo de caso, jogos de empresa, seminários, situações reais contextualizadas para a sala de aula buscando com que os alunos encontrem soluções e/ou alternativas a serem discutidas com o grande grupo. “Metodologias que desenvolvam competências</p>	<p>“Metodologias dinâmicas e de <u>empoderamento</u>identitário. Todas aquelas que promovam a reflexão do porque social do profissional do turismo, visando reconhecer e valorizar a categoria profissional e o trabalho em equipe. Metodologias que fomentem a atuação inter-</p>	<p>“Acho que, dizer quais são as mais apropriadas depende muito. Tem disciplinas que são mais teóricas que outras e nessas disciplinas estabelecer debate e reflexão é mais apropriado, porque os alunos lêem os textos. Já em uma disciplina que é gestão de empreendimentos turísticos, eu já acho mais apropriado</p>	<p>“Eu acredito que dessas que eu falei como aulas expositivas, seminários, visitas técnicas. Vai depender do conteúdo que eu vou ministrar, por exemplo, essa disciplina de administração hoteleira é mais voltada para a prática e a gente precisa sair da sala de aula, não tem como ficar preso em sala de</p>	<p>“Na minha visão, a questão principal não é metodológica, o grande problema é que, como grande parcela dos alunos entram na universidade sem nenhum conhecimento de uma língua estrangeira (no caso inglês) e está é fundamental para o exercício da profissão, o curso de turismo deveria contemplar</p>

<p>orais e escritas, ou seja, aquelas que dêem ao aluno uma capacidade grande de comunicação, vejo na comunicação e consequentemente nas relações interpessoais. Essas metodologias que trabalham comunicação e relações interpessoais as mais importantes nessa área.</p>	<p>multi-transdisciplinar com a integração de diferentes autores / teorias para pensar o turismo”.</p> <p>“Eu acho que seriam os estudos do mercado, os estudos envolvendo os tipos de turismo, estudos de caso, até mesmo utilizando artigos, analisando e utilizando projetos. Acho que é uma boa. Faria com que eles sentissem mais a realidade, não só científica e também do mercado de trabalho”.</p>	<p>you levar estudos de caso. As metodologias vão depender do curso, da disciplina do curso. Mas eu creio que debates, reflexões e estudo de casos são bastante significativos para várias das disciplinas”.</p>	<p>aula. Então não dá pra adotar só uma metodologia de ensino. Eu tento trabalhar todas as possíveis desde a aula expositiva, que depende de mim, trazer atividades, seminários. Talvez, apesar de a minha disciplina ser muito focada na prática do mercado de trabalho, eu pudesse fazer mais seminários para que eles estudassem mais. Como a disciplina é muito focada no mercado, eles não querem ler. Fazê-los ler é um grande problema.</p>	<p>em sua estrutura, pelo menos, a língua inglesa do início ao final do curso, para que houvesse tempo suficiente para que a comunicação oral e a auditiva fossem também desenvolvidas. Considerando que as turmas de turismo são mais heterogêneas em termos de nível de conhecimento da língua inglesa, metodologia apropriada vai depender desse nível. Muitas vezes, tenho que utilizar que usar metodologias diferentes com turmas do mesmo período, no sentido de atender às suas necessidades particulares. Para tal, aplico um teste e um questionário, no início do semestre, para colher informações acerca da familiaridade dos alunos com a língua em questão. Dependendo do resultado, uso mais ou menos a língua-alvo na interação com os alunos. Ao final do semestre gosto de aplicar o mesmo teste usado no início do semestre, para que eles percebam a sua evolução.</p>
--	---	--	--	---

2 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE

P16 – f2	P17 – f2	P18 – f2	P19 – f2	P20 – f2
<p>“Essa é uma boa questão, porque eu acho que o curso tem uma especificidade que a</p>	<p>“Em relação a minha disciplina, eu acredito que seria muito importante e que</p>	<p>“Bem no que tange a disciplina que é de minha responsabilidade, as</p>	<p>“Bom, eu acho que são essas que eu falei pra você, acho que poderia ser melhor</p>	<p>“A partir do conhecimento teórico, o curso de turismo deveria adotar como</p>

<p>gente não está enxergando tanto assim. Eu falo assim porque atuei muito tempo no curso de administração, desde a graduação até a pós, posso perceber uma visível diferença do aluno de turismo que é tido como um curso menor, menos competitivo, não tem o status da consagrada administração/contábeis. Então, exige certa superação na identidade do curso, mas os alunos que passam pela peneira dos testes de admissão, apesar de não ser tanto concorrido quanto outros cursos, mas os alunos quando exigidos correspondem e a gente tem que acreditar no aluno. Eu to percebendo que eles gostam muito de apresentar trabalho, não gostam muito de assistir aula, mas adoram apresentar trabalho. E utilizam PowerPoint, prezi e gostam muito de usar notebook, pendrive e isso é uma coisa justamente para o desenvolvimento deles. Assim, a metodologia tem que os envolver naquela aula, naquele assunto que está sendo dado, algo que tenha</p>	<p>estamos prestes a poder executar, a utilizar é o laboratório de informática que estamos em fase implantação do laboratório e com isso vou poder fazer uso do laboratório para mostrar como é que são os sistemas de informação na área do turismo, os vários sistemas e de que forma os alunos podem utilizar isso nas atividades como hotelaria, hospedagem, agências de viagens, então acredito que isso vai ajudar muito para que o aluno possa na minha disciplina entender como a tecnologia utilizar no turismo”.</p>	<p>metodologias são mais conservadoras, são mais tradicionais porque diferentemente de outras disciplinas que tem a possibilidade de visitas, de trabalhos em campo, então como a disciplina que eu dou é relativa a economia de serviços que como falei são mais afetas a metodologias usuais, tradicionais, de aulas expositivas, seminários em sala de aula, nunca requerendo assim, um deslocamento para outras experiências metodológicas. “Veja bem, acho que essa segunda questão precisaria ser um professor extremamente plural. Que desse várias disciplinas, que trabalhasse com a coordenação do curso ou com orientação de monografias porque ele iria tratar de “n” metodologias. Eu, quanto professor de Economia dos Serviços, não tenho a pretensão de dizer quais as metodologias que seriam melhores para o curso de turismo. No entanto, eu acho que além daquelas metodologias tradicionais utilizadas dentro do espaço da sala de aula (aula expositiva,</p>	<p>estimulado a idéia da aula em campo, dependendo da disciplina, acho que isso é pouco trabalhado, mas que dá muito trabalho organizar uma aula de campo; E aula de campo com problemas, alguma questão que realmente o aluno possa resolver na prática de fato e fazendo uma associação da parte teórica, penso que não apenas a aula pela aula, pra que não se torne um oba-oba, então a aula de campo, mas eu penso que esse ponto deveria ser melhor estimulado; E também, até talvez, penso que troca de experiência entre cursos, entre departamentos, ou projetos de pesquisa ou de extensão, que envolvesse alunos de outros departamentos, penso que o alunado acaba incorporando, agregando o valor, a formação dele, que ai interage não só com colegas de outros departamentos, mas também, com outras experiências, outras metodologias, outras leituras que os professores trabalham, penso que poderia ser melhor trabalhado, mas isso, é um pouco complicado, porque as vezes no próprio</p>	<p>metodologia básica as visitas técnicas para que esses alunos possam fazer essa relação entre o conhecimento que dá em sala de aula e a vivência prática para o trabalho futuro. Eu vejo que a metodologia tem que trabalhar isso. Não adianta a gente ficar só em sala de aula, porque a realidade do mercado de trabalho é outra. A realidade de sala de aula é uma e a realidade do mercado de trabalho é totalmente diferente. E que eles tenham a possibilidade de enxergar vários horizontes dentro daquilo que eles escolheram como profissão”.</p>
---	--	--	---	--

<p>participação. Visita de campo continua sendo a campeã, eles são muito motivados a participar, se envolvem, fazem relatório. Acho que é um aprendizado que marca, fica para eles. Apesar de ser uma área em franca expansão, o turismo no sentido geral, o momento econômico e social, porque o tempo livre é usado de forma dinâmica. É um tempo econômico e turístico, historicamente com a questão da mudança do conceito e tempo e trabalho e, curiosamente, a formação na graduação não é exatamente o que o mercado quer para qualificar empregados e trabalhadores. Mas é uma área de grande visibilidade, inclusive a Organização Mundial de Turismo (Sub organização da ONU) mostra que é uma área relevante para a economia e vida social moderna. Mas o mercado não deu uma boa resposta na absorção direta do graduado em turismo especificamente, talvez na área de gastronomia, hospitalidade com um nível mais técnico até consiga. Por isso eu acho que a visão empreendedora deve ser mais</p>		<p>seminário, debate) a metodologia de trabalhos em campo, em algumas matérias específicas, seria interessante. Não só dentro de unidades de hotelaria, pousadas, agências, aeroportos, mas como também visitas aos museus e sítios arqueológicos. Mas, relembro, não se adequam a disciplina que eu sou responsável”.</p>	<p>centro a gente não dialoga muito com os outros cursos, creio por conta da agenda sempre apertada dos professores e alunos, os próprios horários são incompatíveis e isso acaba dificultando um pouco, mas penso que isso seria interessante para agregar valor a formação do aluno de turismo”.</p>	
---	--	--	--	--

<p>antecipada no curso, porque como o mercado é tão amplo e praticamente ilimitado. Têm alunos que já tem agência, já tem cerimonial e geralmente dá certo, mesmo hoje nas startups. Acho que a disciplina poderia direcionar o aluno para o mercado desde o início. Agora com doutorado e mestrado aqui já tem a preocupação de dar uma formação mais teórica e conceitual já pensando na pós que também é bom. E quanto ao mercado, existe sempre aquele esforço de aproximar a academia do mercado e o turismo tem muitas organizações (Abrasel, Abraget, Fórum de Turismo, Abh, Polo Costa das Dunas, Conselho do Nordeste) e como tem muitas organizações, daria para aproximar mais e captar os talentos que tem aqui. E a gente já vê alunos empresários bem sucedidos, diretores, gerentes de hotéis, cargos de bom nível de liderança. O que mostra que os alunos tem capacidade. O que mostra que a metodologia dever ser a realidade direta,</p>				
---	--	--	--	--

<p>visitas de campo e viagens, ou criar situações de simulação da realidade. Até a administração estava criando um software de simulação, onde o aluno interagiu criando empresa, lidando com mercado, concorrência, produto, preço, admissão, demissão. Então, acho que criar situações de vida e aproveitar muito da experiência dele, acho que o aluno é muito sensível as causas sociais e são preocupados com questão de gênero, pobreza, miséria, acessibilidade, esse imaginário da sociedade como um todo. Logo no início a gente mostra isso, pelos temas das monografias, como a preocupação social deles salta os olhos e pensam no coletivo. E não é uma coisa que o curso cria, acho que é o imaginário que eles trazem e aqui é mais trabalhado porque o curso tem muita gente de geografia, sociologia, áreas mais críticas e o curso tem um viés muito de políticas públicas. Agora mesmo em um trabalho de seis grupos, dois fizeram trabalhos voltados para a terceira idade,</p>				
---	--	--	--	--

concorrendo na turma para fazer um novo negócio voltado para a terceira idade. Como eles são preocupados, isso é muito bonito. Prostituição, acesso para deficientes. Isso deveria ser mais trabalhado e incentivado, eu parto do principio que eles já trazem esse imaginário social, mas isso merece um estudo”.				
2 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE				
P21 – f2	P22 – f2	P23 – f2	P24	P25 – f2
“Não sei se mais apropriada, mas eu sinto que os alunos tem uma necessidade pela coisa mais pratica. Talvez metodologias que colocassem eles no campo da prática fossem bem sucedidas. Agora como eu sou de outra área é mais complicado dar essa opinião, essa é a minha percepção pelo que vejo dos alunos.	“Eu não vejo que existiria uma metodologia mais apropriada, até porque cada disciplina teria sua metodologia especifica diante da especificidade da disciplina e das próprias turmas. No processo do ensino o professor tem que ver como a turma está respondendo as metodologias, através da avaliação contínua, e ver se essa metodologia se enquadra ou não para essa turma. Posso pensar em abordagem geral, eu acho que é importante para o turismólogo ir a campo para não se restringir apenas ao aspecto teórico e visualizar como a teoria se aplica na prática, Acho que pensar em	“Eu acho que essa seria a metodologia correta, porque é uma metodologia interativa e os alunos de turismo precisam de interação, eles não precisam simplesmente aprender a ler um texto, pegar um dicionário e escrever em português. Isso não dignifica em nada a profissão, isso não ajuda em nada a ele ir para um hotel e pegar um turista e tentar interagir com ele. Essa metodologia e essa ementa são totalmente equivocadas, não servem para o curso de turismo”.	RESPONDEU NA PRIMEIRA PERGUNTA	“Bem, eu acredito, que primeiro, e por ser uma sala específica do curso, todos os casos devem ser abordados para o curso de turismo, no meu caso, eu utilizo casos de restaurantes, de hotéis e eu acho que visitas técnicas devem ser mais implementadas para que eles possam ver na prática aquilo que a gente passa na teoria. Então, mesmo disciplinas como gestão de pessoas que a fundamentação dela é igual tanto faz você ser de turismo ou de administração, mas toda a abordagem deve ser voltada para o curso de turismo, que isso faz com que o aluno consiga refletir aquela teoria na prática que

	<p>uma formação crítica se adéqua a qualquer formação, independente da área, o turismólogo também tem que ter uma formação crítica. Então eu acho que concepções críticas, em que os alunos participem da produção do conhecimento em sala de aula, são adequadas para todos os cursos. E tentar aprimorar, ampliar, essa ideia de ida a campo. E relacionar a teoria com a prática, para que eles não saiam da graduação apenas com uma bagagem teórica e não entender como organizar isso na atuação”.</p>			<p>ele vai, onde ele vai exercer a sua profissão.</p>
--	--	--	--	---

2 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS – VISÃO DO DOCENTE

P26 - f2	P27 – f2	P28 – f2	P29 – f2	
<p>“Na minha disciplina, que é Contabilidade Aplicada aos Empreendimentos Turísticos, não tem muito que fugir. Talvez pudesse fazer uma aula em laboratório, mas tem que ser mesmo expositiva.</p>	<p>Antropologia como uma disciplina fundamental para o curso. Por abordar assuntos relacionados à cultura, espaço, visitação, ... O uso de trabalho de campo, exercícios de observação e descrição.</p>	<p>“Eu acho que essa é apropriadíssima, tem que trabalhar e o laboratório do turismo é a realidade, é a cidade, é o local, esses tais recursos e atrativos, ou potenciais ou reais que precisam ser pensados. Então eu acho, que o que falta talvez pra gente é exatamente isso, adotar problematização, como linha, como diretriz transversal do curso e não SÓ. Agora a gente pode proporcionar espaços,</p>	<p>“Eu acredito que exatamente essas. Uma boa formação teórica com uma sintonia íntima da realidade, fazer uma leitura da realidade a partir dessas concepções conceituais. Acredito que o trabalho de campo é de fundamental importância para a gente verificar os processos <i>in loco</i>, ter contato com os sujeitos no campo. Acho que é um contínuo processo de aprimoramento de avaliação. E também a realização de</p>	

		<p>inclusive aqui físicos, que são, o que eu acho é que estamos nos tempos das cavernas, nós temos que adotar aplicativos, para eles desenvolverem roteiros através de aplicativos isso vai ser muito mais interessante, agora tem uma parceria do curso, pela primeira vez, se desenvolveu uma parceria com o pessoal de informática, isso a gente tem que fazer, é um curso essencialmente que precisa trabalhar com a geografia, para a gente desenvolver sistemas de gerenciamentos por satélites, fazer toda essa plotagem de roteiros que a gente não tem, então a gente precisa buscar e falta espaços mais dinâmicos na universidade, você entra na sala e é aquela coisa. A universidade está numa realidade completamente diferente de mundo, eu tento lembrar aos alunos que até a pouco tempo atrás não existia internet e ta lá gente falando ainda, usando quadro, passando transparência a essa hora da tarde. Eu já posso nos meus 50 anos me dar ao luxo de não me dar o trabalho de falar, ou eles entram na</p>	<p>levantamento de dados estatísticos que nos ajudam a explicar o turismo, já que o turismo é um fenômeno tão complexo. Fazer uma leitura crítica dos relatórios técnicos feitos pelas agências de fomento ao turismo, enfim os relatórios mais diversos. Acho que também é interessante a gente adotar esse tipo de estratégia para fazer uma leitura do turismo tão complexo como ele é”.</p>	
--	--	--	---	--

		<p>metodologia e correm atrás, eu dou as instruções nos primeiros momentos, eles tem um manual a disposição com o passo a passo de como elaborar um projeto e a partir da problemática escolhida, eles me tragam perguntas, questões, estou aqui de consultora de projeto. Ai vou discutir, o que eles já estão apresentando, nos estamos revendo e já faço a avaliação da viabilidade em sala. Porque a disciplina é Elaboração e viabilidade de projeto, a viabilidade é indiscutível, é bacana, toda crítica já fiz dos grupos que já apresentaram, onde os grupos tem no máximo seis alunos, essa turma é enorme, tem quarenta e nove alunos matriculados, porque acima disso, eu acho que fica improdutivo para os grupos. Daí eu acho que o que falta é isso, o curso tem que vencer esse paradigma de sala, por exemplo, nós não temos visitas técnicas, viagens, aulas fora da sala de aula como obrigatória, organizada como metodologia obrigatória pelo curso, consta do projeto pedagógico obrigatório, o</p>		
--	--	---	--	--

		<p>IFRN tem pra você ter uma noção e outros tem também, todo semestre é obrigatório. Aqui pra eu fazer uma viagem o esforço é imenso meu e só meu, e ainda não falo dos Não que a gente ainda pode levar, eu é que tenho que ir atrás de reservar o ônibus, de ir atrás, fazer o debate direto com o aluno , tem uma lei aí que eu sou responsável pela vida do aluno, então qualquer coisa que acontecer eu sou responsabilizada, fora todo esse esforço mesmo, de tempo e tudo. Então, eu acho que deveria ter um esforço de projeto pedagógico nesse sentido. Porque a minha ida acaba sendo isolada, porque eu vou e eu trabalho o que eu quero e as outras disciplinas de todo o semestre poderiam ter aproveitado a mesma viagem, isso é inconcebível, onde é que a gente está falando de introdução. Eu to dizendo, não se pratica.</p>		
--	--	--	--	--

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P1 – f3	P2 – f3	P3 – f3	P4 – f3	P5 – f3
“A utilização das leituras em sala de aula exigem que a aula seja iniciada com o mínimo	“Acho que a maior dificuldade é nos desvencilharmos de uma	“As principais dificuldades são relacionados ao horário, pois como os alunos estagiam	“Como mencionado na questão 2, não há “metodologias” mais	A principal dificuldade é a adaptação para o entendimento do aluno. O

<p>de atraso possível. O grande desafio é o aluno perceber a importância do conteúdo que está sendo transmitido no texto e atingir um elevado nível de concentração. É importante também que o texto seja bem analisado individualmente ou em grupo. Essa técnica aplicada em sala de aula visa suprir as deficiências de leitura encontrada na maioria dos estudantes, que dedicam pouco tempo de seus dias a esta atividade tão importante”.</p>	<p>postura mais tradicional em relação ao processo ensino-aprendizagem, que se caracteriza pela transmissão de conhecimentos prontos e acabados, apresentados como única verdade existente, sem deixar margem para o aluno refletir, buscar e produzir o seu próprio conhecimento” (escrito) “Acho que a principal dificuldade é a gente se desvencilhar do método mais tradicional de ensino, que acredita que o professor é o grande depósito de conhecimento, que faz do aluno uma tabula rasa, que faz da sala de aula um espaço de reprodução do conhecimento. Eu digo isso porque por mais que do ponto de vista teórico a gente conheça as outras abordagens metodológicas, quando chega na prática muitas vezes a gente reproduz esse modelo tradicional e até achando que a gente está trabalhando numa perspectiva mais crítica. Eu acho que o fato de a gente ter sido moldado dentro dessa metodologia tradicional, eu tenho 40 anos de idade e os meus professores tinham essa</p>	<p>pela manhã, dificilmente conseguimos juntar a turma completa para aulas de campo ou estudo de caso”.</p>	<p>apropriadas para o curso. Porém, dentre as que utilizo (questão 1) as principais dificuldades e desafios são os seguintes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Problemas na estrutura física das salas de aula. ✓ Problemas quanto ao funcionamento do audiovisual, ar condicionado, iluminação, internet, wi-fi. ✓ Problemas e desafios relacionados ao interesse do alunado pelo curso e/ou pela disciplina. ✓ Desafios em aproveitar com mais amplitude os recursos do SIGAA. ✓ Problemas relacionados a falta de laboratório para o turismo que poderia ser utilizado em minhas aulas. ✓ Falta de leitura e conhecimento sobre os conteúdos relativos ao turismo e que são básicos para a disciplinas de períodos mais avançados. <p>Desafios em despertar no alunado a atenção, dedicação e empenho no estudo proposto em grupo, assim como debates”.</p>	<p>“despertar”, motivar, olhar no aluno, empreender, conseguir a empatia, transmitir (gerar/disponibilizar) a informação de qualidade para transformar em conhecimento.</p>
--	--	---	--	---

	<p>postura tradicional, gera uma grande dificuldade para que possamos nos libertar. Na maior parte das vezes a gente tende a reproduzir aquilo que já aprendeu e está acostumada durante toda a vida. Eu acho que é o grande desafio para grande parte dos professores. E é um desafio que eu enfrento cotidianamente na minha prática pedagógica, eu acho que estou levando os alunos a um pensamento crítico, mas quando paro para analisar percebo que minha postura está bem próxima da postura tradicional de ensinar”.</p>			
--	--	--	--	--

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P6 – f3	P7 – f3	P8 – f3	P9 – f3	P10 – f3
<p>“A principal dificuldade é fazer os alunos lerem. Não só no curso de Turismo, mas também em outros cursos. Cada vez mais os alunos tem preguiça de ler, porque eu acho que hoje é a sociedade do imediato, eles querem tudo rápido. E ler um livro, ler um texto, às vezes demora, você não entende e tem que voltar. E eu acho que o jovem hoje tem pressa, não tem paciência. Então, a principal dificuldade é fazer com que os alunos</p>	<p>“Bem, quando a gente não trabalha essa exposição dialogada em sala de aula o aluno acha que a gente não está dando aula e aí leva na brincadeira, sai de sala, não quer continuar na aula porque acha aquilo desinteressante. Muitas vezes os alunos não tem essa dinâmica de leitura, a gente determina um tempo para que eles façam a leitura em sala de aula e esse tempo acaba sendo ultrapassado e</p>	<p>“Acho que a motivação dentro do turismo. Existem muitos alunos desmotivados, por uma série de fatores e por não ser um curso que ele se identifica, por perceber que talvez o mercado não o absorva com facilidade, enfim uma serie de fatores externos, isso acaba dificultando a aplicação de algumas técnicas. E ai, por exemplo, o aluno se sente mais a vontade quando ele não é questionado, ou seja, o</p>	<p>“Na minha realidade, como professor de línguas, a dificuldade é a questão do nivelamento e tamanho da sala. Às vezes eu tenho uma sala com 40/50 que são desnivelados e fica difícil fazer uma dinâmica que seja interessante para todo mundo. Ou vai ser muito fácil para os que sabem muito e vão perder o interesse, ou vai ser muito desafiador para os que sabem pouco. Então o</p>	<p>Principais dificuldades é a contradição dos alunos, ao mesmo tempo que é solicitado aulas dinâmicas como visitas técnicas ou de campo, no momento que se consegue, não há uma valorização por parte dos alunos, o que acaba provocando uma desmotivação por parte do docente em buscar alternativas dinâmicas. “Eu sinto essa dificuldade de não conseguir trabalhar</p>

<p>tenham esse tempo para a leitura, eu acho que você não consegue avançar se não sentar e ler. Conhecimento passa por ai.</p>	<p>às vezes acabam não lendo. Eles realmente têm essa dificuldade desse hábito de leitura para essas atividades de estudos de caso”.</p>	<p>método expositivo ele vai se sentir mais a vontade, tudo o que exigir dele uma maior participação, uma maior atividade, mais ativo em sala de aula acaba sendo uma dificuldade. Outra dificuldade também que eu percebo e que algumas, não da pra generalizar, mais em algumas oportunidades a gente percebe uma dificuldade na área de construção mesmo de base, às vezes tem alunos que tem dificuldade de leitura, dificuldade de escrita, e que algumas metodologias acabam aflorando e a gente percebendo essas limitações, e muitos alunos que não tem o hábito de leitura mesmo, não tem o hábito de pesquisa, e isso quando às vezes a gente propõe tem que começar do zero e ai ensinando, lógico que o nosso papel é também fazer isso, mas a gente percebe a recorrência em até em muitas vezes em períodos mais elevados (5° e 6° período), mas não da pra generalizar, existem muitos bons, alunos que tem uma facilidade de fazer esse tipo</p>	<p>desafio é fazer uma aula que seja adequada para níveis diferentes, eu posso criar um grupo com pessoas de níveis diferentes e que cada um possa contribuir. Acho que essas são as maiores dificuldades”.</p>	<p>teorias, conceitos, categorias e definições de uma forma mais lúdica. Tenho sempre o momento de trazer o mais tradicional, mas eu sinto que às vezes os alunos não absorvem muito bem e se perdem na aula. Hoje em dia todo mundo ta com Whatsapp, Facebook e acabam se desligando do conteúdo da aula quando a gente fica nesse formato mais tradicional”.</p>
--	--	--	---	--

		de trabalho, então, hoje as dificuldades seriam essas e os desafios o principal é motivar, a gente vem discutindo entre os professores maneiras de motivar esses alunos, inclusive hoje pela manhã tivemos uma reunião, discutindo como a gente faz para motivar, inclusive as metodologias, que metodologias aplicar para gerar nesses alunos mais desmotivados uma motivação maior para a valorização do profissional turismólogo.		
--	--	--	--	--

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P11 – f3	P12 – f3	P13 – f3	P14 – f3	P15 – f3
Uma das principais dificuldades na utilização dessas metodologias é o aluno não estar acostumado com essas metodologias (por ter que ir buscar a informação <i>in loco</i> ou informações primárias ou secundárias), os alunos gostam quando não há a investigação (busca da teoria) e nesse sentido gostam mais do método tradicional. “Nível baixo de leitura ao aluno, nível baixo de cultura geral do aluno, nível baixo de conhecimentos técnicos desse	“Sempre proponho o uso de recursos (produtos/serviços regionais como forma de instigar a instituição/reconhecimento de uma identidade alimentar/gastronômica regional como atrativo turístico. A experiência de início é sempre chocante. Por exemplo, a proposição da temática Jerimum, de início houve rejeição e com argumentação da importância cultural para a produtividade potiguar,	“Uma dificuldade que eu vejo na aplicação dessas metodologias é a passividade dos alunos. Às vezes os alunos ficam muito passivos para participar do processo, sobretudo no início do semestre que eles ainda não sabem como vai ser a disciplina. Mas depois que eles percebem como vai ser a dinâmica da disciplina, as metodologias que vão sendo utilizadas, eles vão percebendo que precisam ler mais um pouco, vão se	“As mais apropriadas para a minha disciplina são as atividades que eu faço com eles fora de sala, mas eu não posso fazer toda disciplina fora da sala de aula, é por isso que eu tento levar os estudos de caso porque é uma forma de a gente trazer o mercado para dentro da sala. A dificuldade seria fazê-los enxergar que aquela tarefa que eu trago para dentro de sala vai ser algo que eles vão utilizar, é algo real e que eles vão vivenciar quando	“É difícil definir quais metodologias são as mais apropriadas para as disciplinas para Fins Acadêmicos tendo em vista a heterogeneidade das turmas em termos de níveis de conhecimento. À medida que a disciplina vai sendo desenvolvida procuro adaptar a metodologia que melhor convém à situação, dentro do leque de opções das metodologias do ensino de línguas estrangeiras”.

<p>mesmo aluno e em alguns casos a não vocação do aluno para a área, isso torna difícil a execução de qualquer metodologia, mas principalmente metodologias do diálogo, porque, para se dialogar você tem que ter conteúdo, então o aluno que não lê, o aluno que não, tem dificuldade de participar ativamente”.</p>	<p>foram surgindo vários usos e histórias da culinária tradicional envolvesse jerimum. E, após 1 semana o grupo já estava reconhecendo a importância da temática como um aspecto cultural regional, em conjunto a 3 ou 4 áreas (turismo, engenharia, nutrição, etc.)”.</p> <p>“Acredito que seja a questão da leitura. Eles têm muita dificuldade e não acho que seja só uma questão de geração, eles tem cada vez mais dificuldade em se concentrar e direcionar a atenção para a leitura. Quando você pede algum texto, geralmente, a gente acaba tendo que repetir a atividade para fazer com que leiam em sala de aula. Então essa é uma dificuldade, uma das minhas maiores dificuldades. Outra dificuldade é a motivação. Eu sinto a necessidade de motivá-los, eu sinto que as vezes eu até acabo exagerando ao tentar puxar e buscar o “vamos dar o máximo, para conseguir um bom rendimento”. Acho que falta muita motivação, eles ainda não se sentem atores sociais,</p>	<p>enturmado no processo e se torna natural o debate, as aulas expositivas, os seminários. Eu não falei, mas sempre que possível eu peço um artigo científico. Na disciplina gestão pública eu já peço um artigo, porque como é uma disciplina que exige reflexão os alunos já vão fazendo um artigo sobre algum tema que eles tem proximidade e querem se especializar um pouco mais na graduação e depois todo mundo debate esses artigos produzidos. De forma geral você tem essas dificuldades iniciais, mas depois os alunos se enturmam no processo. Mas essa passividade não é em relação apenas com o turismo, digo isso porque eu tenho experiência nas ciências sociais e todos os alunos tem esse caráter mais passivo que já vem do ensino básico, mas já há uma mudança nessa tentativa de fazer o aluno participar mais do processo e ser mais ativo. No início é difícil, mas depois os alunos vão se enturmado. E a gente percebe que quanto</p>	<p>estiverem fora do curso e estiverem realmente atuando no mercado. A dificuldade é exatamente essa, porque o nível de desmotivação é tão grande em sala de aula que parece que a gente está exagerando quando trás uma informação mais para o mercado.</p>	
---	---	--	--	--

	falta ter noção do grande horizonte de trabalho em turismo que se tem. Eu acho que o profissional de turismo ainda não tem essa noção, aqui na Universidade. Essa valorização da categoria é uma dificuldade”.	mais desafios colocamos, mais criativos eles são e mais participam”.		
--	--	--	--	--

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P16 – f3	P17 – f3	P18 * - f3	P19* - f3	P20 – f3
<p>“Eu acho que o curso é muito formatado, muito formatado, amarrado demais. Acho que poderia criar uma metodologia mais flexível e que desse mais liberdade para o próprio curso ir criando. Acho que as faculdades particulares são bem mais ágeis nisso, elas vão e criam uma disciplina e tal. Acho que a própria reitoria poderia dar mais liberdade para os cursos criarem, só comunicarem e passarem por um conselho para aprovar. Mas eu acho que o curso está muito engessado e dependente lá de cima, que muitas vezes não entende demandas que surgem. Por exemplo, era pra ser criada na hora uma disciplina sobre a copa. Embora, eles tenham se envolvido muito e boa parte dos trabalhos, monografias</p>	<p>“Eu acredito que como dificuldades e desafios é a utilização e colocar em prática esse laboratório de informática no curso de turismo. Primeiro porque existe um custo de investimento, equipamentos, conseguir a sala e isso não tem sido fácil para mim e para minha disciplina. Mas agora o laboratório de informática está ficando pronto. E vão surgir novos desafios, como a compra de softwares para que eu possa mostrar para os alunos o sistema de reserva, software de agência e isso vai haver custo ou vou ter que fazer algum tipo de parceria com essas empresas para que elas liberem o uso dos softwares e isso não vai ser fácil. Outra dificuldade quanto as metodologias que eu acho mais adequadas paraa</p>	<p>“Eu já tive a oportunidade de jogar problemas pra gente não resolver, não tentar resolvê-los, ou apresentar sugestões em sala de aula, mas discuti-los, eu já tive de fazer. Sobre assuntos assim de economia brasileira, a quantas andas a economia brasileira, o que é que vocês acham, estamos realmente no caminho ideal, coisa e tal, esse tipo de perguntas genéricas, mas que pode na verdade e que pode muitas vezes ser esclarecedoras e interessantes para os alunos, eu sempre e acho e sempre; Ainda hoje eu falei para essa turma que acabei de dar aula, sobre a necessidade do aluno de turismo buscar ser possuidor de um bom nível intelectual dado o próprio meio em que ele vai atuar no futuro, então, eu tenho essa</p>	<p>“Eu sempre faço isso em toda aula, então eu acho que a idéia de quando você viaja independente a trabalho ou não e você acaba observando algumas ações ou algumas experiências que são ou bem sucedidas ou não em qualquer local e isso de certa forma acaba servindo como um material a ser tratado em sala de aula e isso pode ser uma experiência que eu tive, ou um vídeo, que ser ou algum filme que eu gosto de tratar bastante, e ai de certa forma problematizar isso com uma questão real que possa ser aplicado a atividade turística, eu penso que sempre estimulo isso em sala de aula. Eu sempre tento inclusive fazer a cada aula isso, para que não seja uma coisa, hoje vamos trabalhar com problema, não, acho que isso tem que ser</p>	<p>“O desafio é fazer com que eles compreendam essa relação homem/natureza. Eles percebem que estão buscando aqui um conhecimento para o mercado de trabalho e muitas vezes eles não entendem que estão buscando isso. Eles têm que entender que essa é uma disciplina para o mercado de trabalho. Minha maior dificuldade é fazer essa correlação e que os alunos entendam que é importante ter o conhecimento teórico e principalmente o conhecimento prático, para interagir. E que na sala de aula é um ponto, mas quando chega ao mercado de trabalho é um desafio enorme. Eu acho que a metodologia tem que ser prática e objetiva, para eles compreenderem essa relação direta sala de aula/disciplina com o</p>

<p>tenham sido sobre esse tema, até no mestrado. Até mesmo agora, meses depois, ainda tem gente preocupada em estudar esse tema. Eu acho que a dificuldade é essa falta de flexibilidade, o que se pode fazer é mudar o direcionamento de uma disciplina com nomenclatura determinada. Além disso, existem conteúdos que estão sendo superpostos: Gestão de negócio com Empreendedorismo, Plano de negócio e eles são muito francos: “a gente já viu isso, professor. Não aguento mais”. Então a gente tem que ter cuidado para a disciplina não ficar muito parecida. E essa área de tecnologia da informação, comunicação, nuvens, startups, acho que precisava ampliar isso de forma que fosse possível uma flexibilidade maior no curso. A gente está com o projeto pedagógico, longas reuniões, discussões e demora muito. Acho que é preciso mais autonomia. Nem é culpa do curso, mas da estrutura pesada e burocrática da instituição. Da parte do aluno, eu acho que ele é muito colaborador e</p>	<p>minha disciplina no curso de turismo é que para os seminários os alunos utilizam coleta de dados, entrevistas nas empresas, e nem sempre os alunos são bem recebidos. Os gerentes não tem tempo, marca e não vai, não pode atender os alunos, os alunos mudam de empresa. Então não é fácil esse processo de coleta de dados nas empresas, para que os alunos possam vivenciar os sistemas de informação dentro das empresas. É uma dificuldade para eles e para mim, porque eles precisam desses dados para cumprir a nota e vez ou outra aparece um grupo que não consegue e isso acaba afetando na hora de avaliar os alunos”.</p>	<p>preocupação de levar também informações que não necessariamente esteja vinculadas dentro da grade curricular, mas que tem alguma coisa a ver, por exemplo, hoje mesmo eu falei pra eles, após de dar a matéria principal, que era sobre moeda, o que é moeda, sobre o papel da moeda, quais as atribuições da moeda, eu falei um pouco sobre um assunto que é de economia, mas não do programa deles, que é sobre comissão econômica para a America latina, mostrando a importância que a CEPAL tem, teve e continua a ter nas propostas de desenvolvimento dos países latino americano, porque eu achei interessante para dar para eles, essas informações. “Bem, no caso da minha disciplina eu considero mais apropriada são as aulas expositivas com abertura para debates. E a dificuldade que a gente enfrenta no cotidiano se reporta, principalmente, a falta de participação do aluno, do querer participar por parte do aluno. Em tese não participam, dificilmente um</p>	<p>alguma coisa que tem de ser mais martelada de fato no momento do encontro que seja mais oportuno e essa questão do problema de trazer, por exemplo, um tal destino acontece isso, isso e isso, semelhante que é tratado nesse texto da autora tal, então em natal, como isso poderia ser melhor trabalhado, ou mitigado alguns elementos negativos e otimizados alguns pontos positivos, enfim, eu penso que isso de forma corriqueira eu faço, pelo menos na minha opinião, não sei se os alunos percebem isso, essa é uma coisa que pra mim é natural; E quanto a questão da metodologia da problematização, bom eu não sei exatamente o que é esse termo e de onde você tirou o termo, mas pra mim qualquer pesquisa deve partir de um problema, então a pesquisa se não tiver um problema ela não tem um porque de ser realizado, uma pesquisa e então em sala de aula por exemplo, e nas aulas corriqueiras, dos componentes curriculares, salvo por exemplo a monografia, penso</p>	<p>mercado de trabalho. Tá paralelo, não pode ficar desassociado”.</p>
---	--	---	--	--

<p>se engaja desde que seja dado espaço para ele falar, pensar, se expressar. Eu ouço que aluno é uma tabula rasa que não tem nada, mas eles são todos espertos, modernos, sabem da vida e eu acho que tem que acreditar mais no aluno e o incentivar para fazer um trabalho maior. Menos o professor exposto e mais o aluno, nessa fase dinâmica, enérgica, que eles possa correr atrás e eles fazem mesmo. Eles precisam ser valorizados e ter espaço. Da parte deles não vejo dificuldade. Em termos de recursos técnicos sempre tem dificuldade, mas sempre tem um projetor, tem um notebook, tem alguma coisa que a gente possa utilizar e as salas também já são um nível razoável. Embora tenha um laboratório previsto, o que vai ser uma grande conquista para o curso”.</p>		<p>aluno faz uma pergunta ou faz uma intervenção. Especificamente, eu estou falando do curso de turismo. Mas eu devo dizer que eu dou aula para os alunos do primeiro período, esses alunos vêm do segundo grau e o primeiro professor que eles encontram na universidade sou eu, até porque a primeira aula é comigo, então eu não sei se estaria sendo exigente em querer que esses meninos e meninas participem ativamente. O senhor acha que existe outro sentido que seja relevante ou o porque da não participação? Veja bem, dizem que os alunos que entram no segundo semestre são alunos que não conseguiram ficar na primeira opção. Então a segunda opção é turismo e eles entram no segundo semestre. Se isso é verdade, nunca busquei essas informações, fica claro que há uma desmotivação, porque eles não estão cursando o que realmente gostariam. Acho que isso é tão verdade que nesse semestre foram abertas 56 vagas, se inscreveram 35, 10 trancaram a disciplina e</p>	<p>que a monografia ou a metodologia da pesquisa seria o momento oportuno para se trabalhar com especificamente a problematização, então não vejo, a necessidade de discutir numa disciplina qualquer, que não esteja com essa finalidade de construir um projeto de pesquisa ou desenvolver uma monografia, de fazer, mas evidente que as discussões de uma forma geral, essa contextualização, o levantamento de material, de situações, o levantamento do cenário existente em determinado local, quer seja na área cultural, na área ambiental, na área mais social, ela requer um levantamento de dados que de certa forma ajudarão na composição dessa contextualização e consequentemente na construção dessa questão problema, que será o cerne do início de uma pesquisa, mas como te falei, seria num momento oportuno de algumas disciplinas ou em orientações com orientandos quer seja de graduação ou de pós-graduação, quer em</p>	
---	--	---	---	--

		<p>apenas 21 permanecem, sendo que a frequência máxima é de 17 alunos. Então tem um fundo de verdade.</p>	<p>trabalho, mas com esse termo mais especificamente eu não ouvi falar.</p> <p>“E dentro delas todas são fundamentais, adequadas. Mas a questão dificuldade é visível no trabalho em equipe nas gincanas e seminários. Eu percebo que alguns alunos não conseguem trabalhar em equipe e quando você define uma equipe que o aluno não se considera mais confortável já gera uma dificuldade no desenvolvimento do trabalho, devido à antipatia gerada entre alguns grupos criados dentro da própria sala de aula. Também percebo que quanto maior o grupo maior a dificuldade. Traduzindo para uma empresa pública ou privada, quanto maior a instituição maior é a dificuldade de se inserir, discutir e trabalhar em equipe. A questão dos artigos, que penso ser uma estratégia interessante, torna aparente a dificuldade da escrita, do raciocínio, da velocidade de realizar essa tarefa. Então, referente a essas metodologias que eu apontei é isso.</p>	
--	--	---	--	--

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P21 – f3	P22 – f3	P23 – f3	P24 – f3	P25 – f3
<p>“Acho que o desafio de planejar aula que tenha esse caráter prático, que não coloque os alunos numa situação além do que eles podem dar naquele momento e o desafio de pensar uma coisa que seja prática e instigadora. Porque a prática nem sempre é inspiradora, pois exige que eles saiam da instituição, ir para outros espaços, conversar com outras pessoas e para alguns alunos isso é inibidor, não gostam muito. São desafios nesse sentido, conseguir planejar uma metodologia que agregue a prática e também mobilize o estudante. Também tem uma questão anterior, os alunos já chegaram no curso com um idéia que não necessariamente é a realidade e escolherem um curso que não necessariamente era o curso que eles desejavam, é uma estratégia para motivados para o curso mas tem como limitação o próprio aluno”.</p>	<p>“Uma grande dificuldade é o estigma que esses alunos trazem das formações anteriores. Então tem uma dificuldade de desenvolver aulas, ter um pensamento crítico de leitura de textos e isso implica uma dificuldade na organização da aula visto que necessita desse desenvolvimento crítico do aluno. Traz uma dificuldade para o professor desenvolver esse pensamento crítico. E na prática temos a dificuldade do curto tempo da disciplina e o deslocamento e encontrar um horário, já que existem alunos de vários semestres diferentes e isso impede que cruzem os horários e dificulta levar os alunos para realizar determinadas práticas”.</p>	<p>“A principal dificuldade é fazer com que o aluno de turismo entenda que isso é necessário para eles. Não sei como funciona nas outras disciplinas, mas eles estão acostumados a sempre passarem e comigo eles nem sempre passam. Eles tem que mostrar um respaldo de conhecimento conteudístico, mas principalmente de um conhecimento interativo que eles não estão acostumados a fazer. Até hoje no espanhol 2 tem gente que apresenta um seminário sobre um ponto turístico que ele decidiu, que ele gosta e ainda apresenta com um papel na mão e com uma metodologia de apresentação arcaica em que você pega o texto inteiro que outra pessoa escreveu, apenas coloca no tradutor e apresenta em uma língua estrangeira. Isso não interage em nada com o cérebro desse menino, isso não apresenta nenhum grau de dificuldade porque ele pode colocar em qualquer tradutor e qualquer professor vê as marcas do tradutor na apresentação. Por isso, a principal dificuldade</p>	<p>“Eu não diria falta de interesse, mas eu diria que acontece de a gente sentir que o aluno ainda está entre turismo e outro curso e as vezes eu me deparo com alunos: “Professora, vou tentar o Enem”. E eu sinto que uma maior articulação entre os professores para fazer essa visão interdisciplinar, eu tento trabalhar fora dessa visão compartimentada principalmente para as atividades turísticas. E se você for ver o mapa das habilidades e competências do turismólogo no mapa do Mec, ainda é a visão a generalista. E dentro dessa visão generalista não é possível trabalhar. A minha disciplina se articula com a disciplina ligada a economia, com a disciplina ligada a história, a geografia, ao espaço e com as disciplinas técnicas. O curso de turismo é muito desafiador para o professor, porque existe o eixo mais teórico e o eixo mais prático e esses dois eixos precisam dialogar. Dialogar, porque não basta a</p>	<p>“Eu encontrei um pouco de dificuldade, eu sinto que uma parte dos alunos tem dificuldade na interpretação de artigos científicos, então a primeira experiência que eu trouxe artigos diretos científico encontrei um pouco de dificuldade, aí passei a trazer estudos de casos mais simples e vi que a receptividade foi maior, e após a aplicação de um estudo de caso eu passei a utilizar uma metodologia chamada de <u>sobrtative</u> que é um programa eletrônico onde a gente coloca questões no inicial o objetivo de aprendizagem, aplicam um estudo de caso e após isso, a gente faz um debate, onde grupos de quatro alunos liam determinado artigo e a partir daí construíam um resumo e os principais pontos apresentados para turma e a turma poderia criar ali um fórum de debates, agora também tenho que ressaltar que a turma que dou aula, apenas uma, os alunos estão entre o 3º e o 4º período, então não posso dizer que nos períodos mais adiantados</p>

		dessa disciplina é ser espanhol, uma disciplina considerada fácil, e ser uma disciplina que para interagir é difícil, a menos que você use os seus apetrechos cerebrais e eles não estão acostumados a fazer isso”.	prática. E a gestão? Como vai se trabalhar a gestão? Você tem que dialogar com as outras disciplinas, mas têm as disciplinas mais acadêmicas”.	eles já não tenham desenvolvido essa competência.
--	--	---	--	---

3 - METODOLOGIAS MAIS APROPRIADAS PARA O CURSO E AS DIFICULDADES E DESAFIOS NA APLICAÇÃO

P26* - f3	P27	P28 - f3	P29* - f3
“Dedicação dos alunos. Minha disciplina vem de outro curso, não é do ambiente deles. Então, geralmente, eles acham que nunca vão usar aquilo. O trabalho são eles mesmos.”	NÃO RESPONDEU A ESSA PERGUNTA	Sim, sempre, sempre, essa experiência às vezes tem muita apatia, eles tem muita preguiça de pensar, serio. Eles falam muito em sala que queriam muito ter dez, mas sem ter que fazer o trabalho. Porque elaborar o projeto da disciplina, ele não é difícil, mas dá trabalho, tem que pensar, tem que ter idéias, aí você tem que colocar o aluno pra pensar e pensar é um problema, e quando o alunos não quer pensar se tem uma serie de problemas. Então por exemplo, eles entendem o trabalho de vai a luta, busca e me trás, como uma debandação geral tem aulas as vezes que aparece pouca gente, deixa eles lidarem com a realidade, eu falo isso pra eles, porque uma hora você vai ter que se confrontar com essa realidade, aqui ainda é a	“Fazer com que os alunos leiam. Fazer com que o alunado, seja graduação, mestrado ou doutorado, infelizmente na totalidade desse conjunto de alunos é difícil fazer com que eles realmente adentrem nos livros. Sentem, concentrem, leiam e vivam nas bibliotecas ou onde quer que seja. Hoje a maior dificuldade que eu tenho dentro da universidade é fazer com que os alunos enxerguem a importância da leitura, a importância de ter conteúdo, de beber das fontes, beber no sentido de se apropriar dos conceitos e ter uma formação mais densa. A grande dificuldade é esse encantamento pela leitura que perpassa todos os níveis da nossa educação e quando chega à universidade é ainda mais grave, porque nós já

		Universidade.	estamos no nível superior e se espera que esse encantamento pela leitura seja muito mais denso e efetivo”.	
--	--	---------------	--	--

4 - METODOLOGIAS E A SUA CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES

P1 – f4	P2 – f4	P3 – f4	P4 – f4	P5 –f4
<p>“As técnicas de ensino quando bem sucedidas em sua aplicação, desenvolvem competências importantes aos turismólogos. Em relação à leitura, aumentam o conhecimento, a capacidade de concentração e a capacidade analítica dos turismólogos”.</p>	<p>“Eu acredito, sobretudo, na formação holística do indivíduo. Penso que em qualquer área de conhecimento não se pode perder a dimensão humana da formação do indivíduo. Conhecer e compreender o ser humano em sua individualidade e especificidade, compreender a realidade social que nos cerca é fundamental para o desenvolvimento das competências, não só do turismólogo, mas de qualquer outro campo profissional”. (escrito)</p> <p>“Eu parto do pressuposto que o ambiente da universidade é um ambiente que vai propiciar ao aluno diversas leituras do mundo. Eu me amparo na metodologia de ensino para que eu tenha condições de fazer com que o aluno tenha uma visão mais ampla a respeito da realidade que o</p>	<p>“Percebo a necessidade de uma interdisciplinaridade maior, onde os professores do curso poderiam ter um seminário de atualização onde poderia ser debatido não apenas as metodologias, mas os conteúdos e a produção na área”.</p>	<p>“Como mencionado nas questões anteriores, não há metodologia mais apropriada (a meu ver). Entretanto, das que costumo utilizar, julgo importante para o aluno que pretende dar continuidade aos estudos o mesmo adentrar ao mercado de trabalho a interação e trocas proporcionadas pelos debates temáticos, e dinâmicas de grupo, isto porque elas propiciam fixação do conteúdo, complexificação e generalização dos temas, relações interpessoais, etc. Já as aulas expositivas estão acrescidas de vídeos/artigos/cases que, a meu ver, ajudam o aluno a visualizar na práxis o conteúdo teórico.</p>	<p>A metodologia como o caminho, mas o que leva a competência do futuro profissional do turismo é a motivação do aluno, por isso, o pluralismo metodológico.</p>

	<p>cerca, independente se esse individuo está sendo formado para ser um administrador, um gestor, um professor, um médico. Porque eu acho que az vezes há uma tendência na formação para o mercado de trabalho, nas competências para o mercado, e a gente se descuida dessa formação humano dele. Minha preocupação é nessa perspectiva, a formação muito mais do homem do que do profissional voltado para o turismo. Porque se ele tem uma formação humanística mais ampla ele dá conta de desenvolver essas demais competências”.</p>			
--	---	--	--	--

4 - METODOLOGIAS E A CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES

P6 – f4	P7 – f4	P8 – f4	P9 – f4	P10 – f4
<p>“Você ler, procurar desenvolver seu raciocínio, procurar expressar aquilo que aprendeu, falar, conseguir expressar uma ideia, organizar as ideias e depois verbalizar. Eu não vejo os alunos de turismo tendo dificuldade para escrever, nas avaliações eu acho até que eles conseguem. Não todos, claro, mas muitos conseguem. Agora muitas vezes eu sinto dificuldade em sala de aula</p>	<p>“Como eu falei, acho que as metodologias adequadas são aquelas que estejam associadas ao contexto que eles estão vivendo, porque o turismo é muito transdisciplinar ele acaba envolvendo outras disciplinas e acaba fugindo do contexto do turismo. Então essas metodologias que eu considero mais adequadas são aquelas que trazem a prática para o aluno. Por exemplo,</p>	<p>“Então, o turismólogo, ele é um profissional multidisciplinar, de multi-função, então quando você forma um turismólogo, você pode ser tanta coisa e ao mesmo tempo, de tanta coisa que você pode ser, as pessoas acabam não sabendo que caminho percorrer e isso é um problema, mas acho que a grande contribuição que essas metodologias dão, eu acho que já até falei sobre elas, é</p>	<p>“Inglês é essencial para turismo, ainda mais falando em turismo internacional, e as outras línguas também. O inglês acadêmico ajuda o turismólogo na função da pesquisa com os materiais que ainda não estão disponíveis em português e na leitura em geral. Embora eles falem da necessidade da comunicação, eu tenho certeza que a leitura acadêmica vai contribuir”.</p>	<p>“Justamente por facilitarem esse contato com a prática, eles se envolvem muito mais. Por exemplo, eu estou ministrando a disciplina de planejamento turístico onde o trabalho final da disciplina é a elaboração de um inventário em um município e eles se empolgam, apesar de ser super trabalhoso e cansativo porque eles vão a campo com formulário, leva tempo, debaixo do sol, e precisam</p>

<p>com relação à apresentação dos trabalhos, mas ai eu acho que não é dificuldade da fala em si, mas é a forma como fazem o trabalho. Eles dividem o trabalho, um não sabe o que o outro vai falar e na hora fica desconexo. Então, tem que fazer esses alunos lerem, isso é primordial, tem que saber falar, tem que saber elaborar as idéias, se expressar. E eu acho que seminário ajuda, se feito corretamente, eu acho que seminário é boa metodologia e discussões em sala, colocar textos e propiciar discussões. Eu tento fazer isso, mas nem todos leem. Um ou outro lê e discute. Mas, de maneira geral, acho que falta leitura e que isso dificulta essas discussões. Então, eu acho que o conhecimento, as teorias, elas são fundamentais para qualquer área de conhecimento. Os alunos de turismo já tem uma dificuldade da área em si que tem carências teóricas, porque é uma área que ainda está se firmando, então há muitas lacunas. Tem que buscar em outras áreas, isso é natural.</p>	<p>dos estudos de caso, dos estudos dirigidos. E não deixando, claro, a questão da aula dialogada, até porque eles acham que não é aula quando você faz algo diferente. Também tem outra metodologia que eu acabei não aplicando que é a questão do júri simulado que não deixa de ser uma metodologia diferenciada. Então eu acho que caberia nesse contexto do turismo trabalhar essas metodologias diferenciadas. Quando trabalhamos algo mais voltado para a prática, a gente percebe que eles acabam citando algum exemplo ou alguma vivência dentro daquele material que a gente trouxe. Então, sempre trazer material que já tenha falado da prática acho que contribui bastante”.</p>	<p>dessa capacidade crítica que essas metodologias possam fazer isso, sejam os seminários, as aulas expositivas, então eu acho que essas metodologias tem de estar alinhadas com esse pensamento que o turismólogo tem que ser um profissional extremamente crítico com relação ao espaço, crítico do mercado, saber se posicionar, saber se colocar, ter postura profissional, acho que as metodologias tem de levar em consideração isso, não adianta ser muito conhecedor e ser meio “barangado”, não ser uma pessoas que sabe se portar, então eu acho que o operacional, os alunos se detém muito a pensar o turismo como operacional e a gente tem que buscar, através também das metodologias, mostrar que existe outras formas de se trabalhar e ai exercitar isso em sala, criação de planos de trabalho, planos de ação, intervenção, que são metodologias talvez mais específicas que também deveriam, devem ser utilizadas para que lá na frente o profissional de</p>		<p>conversar com um e com outro. Mas eles se envolvem e se sentem recompensados com o trabalho, porque estão em contato com a realidade da comunidade, tem a troca com a prefeitura, com os empresários, com a comunidade local e se sentem muito mais motivados. Da mesma forma quando a gente faz uma visita técnica, uma aula de campo em um município diferente, eles sempre são bem participativos e a gente percebe que eles assimilam melhor o conteúdo quando a gente gera a proximidade com a prática. Quando eu dava a disciplina de gestão de empreendimentos, eu apresentava um roteiro e tudo que a gente via na teoria íamos investigar como era em uma empresa e ai “poxa, professora, aquela empresa que é tão bem vista no mercado não faz nada aquilo que a gente viu na teoria ou faz muito pouco”. Então eles conseguem fazer essas assimilações melhor”.</p>
--	---	--	--	---

<p>Agora tem que ter consistência teórica, isso é importante para todas as áreas de conhecimento e eu vejo que o pessoal de turismo tem muitas carências quanto a isso. Esse é um aspecto importante na formação do turismólogo, buscar mais consistência teórica para que o profissional saiba mais do teu metiê, da tua área de conhecimento, ele precisa de embasamento teórico para entender o ramo em que trabalha. Falar, se expressar, é um aspecto importante para o turismólogo porque ele lida com pessoas, é um serviço, então isso é importante. Como eu não sou turismóloga eu não sei muito bem do ponto de vista das competências deles, dele quanto profissional, mas eu acho que é importante a teoria e que é importante ele ter essa habilidade da fala. Outro aspecto importante é ele planejar, ele ter essa habilidade de fazer síntese, de buscar em várias áreas do conhecimento e condensar em um plano também é um exercício complexo e que ele pode desenvolver durante o curso porque ele tem que</p>		<p>turismo possa atuar . Eu tenho uma experiência com a disciplina de consultoria, e uma coisa que a gente vem fazendo é um plano de ação, não sei se necessariamente seria estabelecido como uma metodologia, mas esse plano de ação leva aos alunos até os meios de hospedagem, restaurantes e entidades públicas na área de turismo, para que eles façam uma avaliação, um plano de negócio e uma futura implementação dessas ações, então elas passam por todo esse processo, a gente aprende em sala e eles aplicam, essa aplicabilidade também são metodologias que facilitam o olhar geral desse turismólogo e as competências dele.</p>		
---	--	---	--	--

fazer o planejamento das destinações turísticas e redefinir as destinações e isso envolve conhecimento amplo e essa capacidade de síntese e buscar em varias áreas do conhecimento que ajudem a compreender aquela realidade. Então, planejamento é uma prática que tem que ser trabalhada com o turismólogo. A fala, o planejamento e a teoria que é um elemento importante para todos os profissionais, inclusive para os turismólogos.				
---	--	--	--	--

4 - METODOLOGIAS E A CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES

P11 – f4	P12 – f4	P13 – f4	P14 – f4	P15 – f4
“Quando essas metodologias funcionam, em alguns casos, porque a gente que é professor sabe que muitas vezes a gente trabalha com aquela coisa dos 5%, não é, 5% dos alunos absorvem e tal, então quando essas metodologias funcionam e o aluno ele responde, ele aceita o desafio, ele participa, ele se integra, então a gente percebe, mas essa percepção ela é a médio e a longo prazo, que aquele aluno obteve êxito no mercado de trabalho, no mundo do trabalho e aí você	“É a questão de eles terem um pensamento crítico em relação a produção de um conhecimento científico , ter uma leitura, questionar se aquele é realmente um texto confiável, tentar pensar a realidade de uma maneira criativa, tentar criar um novo modo de ver. Eu acho que é isso que eu tento levar e estar sempre provocando. Por exemplo, a questão do consumo do jerimum, a gente reinventou o consumo. Às vezes a gente pega uma coisa já consolidada e a gente tenta	“Acho que o bacharel em turismo tem o campo muito aberto. Ao mesmo tempo em que ele pode ser gestor de empreendimento turístico, ele pode ser um gestor público e nesse sentido ele vai precisar elaborar projetos, tem que saber elaborar planos estratégicos. Acredito que cada disciplina dá uma contribuição diferente para o turismólogo. A disciplina de gestão pública vai ter um foco de formar o turismólogo para trabalhar nessa área e os debates e reflexões só tem a	“Quando eu trago textos ou quando eu os levo para fora do ambiente de sala de aula eu quero que eles vejam e vivenciem o mercado, como é o dia a dia daqueles profissionais e como eles desempenham suas atividades. Quando eu faço seminários a intenção é que eles entendam mais sobre o assunto que a gente está trabalhando em sala, tenham uma visão mais crítica. A aula expositiva é necessária e o aluno até gosta e prefere assim, quando a gente faz muita aula	“Considerando que é essencial o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira (LE), para formar um turismólogo competente, percebo que as metodologias, no caso específico do inglês, contribuiriam de forma mais efetiva se fosse possível separar os alunos por nível de conhecimento . Gostaria de salientar que não se desenvolve competências em LE em apenas 2 semestres, tempo destinado à IFA I e II. Diante dessa situação, estas disciplinas têm enfoque na

<p>percebe que essas metodologias funcionaram porque você vê o aluno não só a prática, como as repete, principalmente quando ele volta ao cenário na figura de professor, então a gente percebe que ele realmente aceitou o desafio e cresceu. E quando foi para a posição de professor, quando ele inverteu, ele as aplica com seus alunos, eu penso que é isso, quando elas funcionam, isso da certo, e as que mais funcionam são exatamente essas metodologias que procuram estimular a participação do aluno, dialogo com o aluno, ou seja, aqueles que tendem a tirar o aluno da posição de passivo, de ser passivo e coloca na posição também de co-autor da construção do conhecimento junto com o professor.</p>	<p>motivar um olhar mais inovador. Então, eu acho que é essa minha tentativa de contribuição em gastronomia e nas metodologias também”.</p>	<p>ajudar para que esse futuro gestor perceba o impacto territorial do turismo, perceba de que forma as políticas mudam o território, até uma avaliação de políticas públicas. Já nas disciplinas de planejamento, a gente sabe que os professores pedem elaboração de inventários turísticos, de um plano estratégico. Já em outras, você pede artigo científico, você pede outras coisas que eu acredito que no fim contribuem para a formação desse profissional que é polivalente. As disciplinas tem caráter bem diferente, mas que se complementam pra formar o turismo como um todo. Eu acho que o bacharel com essas metodologias diversificadas, que dependem das disciplinas, elas acabam contribuindo para a formação desse profissional polivalente. Então por isso que as metodologias são diferentes. Sem falar que a metodologia também depende muito do perfil da turma. Tem turma que aceita bem uma metodologia e tem turma que vai ter uma resistência e não vai aceitar a metodologia,</p>	<p>expositiva eles ficam muito satisfeitos porque eles não têm que dar nenhum tipo de retorno. Vão lá, assistem, muitos nem escrevem e a gente é que tem que demandar mais esforço. Em compensação, para o aprendizado eu venho percebendo que eles aprendem menos do que quando a gente faz uma atividade prática, quando exige um relatório de visita, quando passa um trabalho para eles elaborarem. De todas essas metodologias que eu utilizo, eu acredito que a menos eficaz é a aula expositiva. Mas a gente tem que fazer a aula expositiva, porque não tem condições de só o aluno trazer o conteúdo. A gente tem que orientá-los dentro daquela temática, mostrando nossa posição e os convidando para participar.</p>	<p>leitura. Seria necessário um programa diferenciado para a área de turismo, para que trabalhássemos outras habilidades, usando o método comunicativo ou pós-comunicativo de forma mais adequada”.</p>
--	---	--	--	---

		<p> você enquanto professor tem que repensar sua prática constantemente. É um processo de sempre repensar a metodologia, por isso que o início do semestre é sempre esse momento que você conhece a turma, você vai propor algo e que você vai sentir como a turma reage. Sempre é difícil, pode ser que a turma não reaja bem a determinada metodologia e você tenha que mudar efetivamente. Então, é um processo sempre em construção. Acho que cada vez mais tende a se diminuir a quantidade de aulas expositivas dialogadas, mas eu também vejo que em outros momentos essas aulas são extremamente importantes para que esses alunos participem e tenham algumas noções que eles não tinham. Eu acho que todas as metodologias são importantes em momentos adequados e cabe ao professor saber as utilizar no momento certo”. </p>		
--	--	--	--	--

4 - METODOLOGIAS E A CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES

P16 – f4	P17 – f4	P18 – f4	P19 – f4	P20 – f4
<p>“Preciso compreender quem é esse aluno com perfil próprio, preocupação social, dinâmico,</p>	<p>“Superimportante. Primeiro, laboratório, para que eles possam vivenciar as praticas</p>	<p>“Eu acho que é muito cedo para eu perceber isso. Se eu desse aula para uma turma de</p>	<p>“Elas são fundamentais, já que o bacharel em turismo lida com pessoas e trabalha</p>	<p>“Se a metodologia for bem aplicada dentro do objetivo proposto, ela vai ser atendida</p>

<p>aguerrido, engajado, acho que a gente trás um pouco daquela estrutura de administração mais clássica, curso de onde veio o turismo, e evidentemente com a visão empreendedora porque não existe um concurso com vaga para eles. Embora a luta para o reconhecimento da profissão ainda aconteça, ainda não está reconhecida. Guia de turismo é reconhecido, que é um curso mais técnico, mas turismólogo não é. Mas isso não é culpa dos legisladores, é porque é uma coisa de evolução e perceber que existe um espaço no mercado e a partir daí possa ter concurso, treinamento. Alguns já contratam, mas eu acho que ele pode ser um consultor, projetista, relações públicas, muitas atividades. Mas é preciso compreender mais quem é esse aluno. O curso não é novo, mas a gente ainda está pensando em outras realidades e não na nossa, do curso de turismo aqui. Acho que a gente pode fortalecer a ideia do turismólogo. Houve aquela demanda exagerada por curso de turismo na</p>	<p>das tecnologias. Um turismólogo hoje em dia precisa entender como funciona essas novas tecnologias. Questão das redes sociais, desses softwares de reserva e de agência de viagens. Isso é muito importante e para poder visualizar eles precisam utilizar esse software, essas tecnologias, e para isso é importante o laboratório. E também eles irem até as empresas e verem como funcionam, eles podem imaginar como seria eles utilizando as tecnologias na própria empresa, então isso é importante para a vivência dele como turismólogo”.</p>	<p>quinto/sexto/sétimo período, eu acho que teria condições de responder de uma forma mais abalizada essa questão. Mas dando aula para o primeiro período eu não me arriscaria a comentar a apropriação dessas metodologias”.</p>	<p>com um leque grande de setores distintos e que se conectam. Quer seja em uma instituição pública, privada ou não governamental, vai acarretar. Penso que essas metodologias vão fortalecer e estimular esse corpo discente para colocar em prática esse conhecimento gerado em sala de aula e fazendo essa conexão com o ambiente externo, que são essas dificuldades do mercado e a própria dificuldade do reconhecimento do profissional em turismo. Apesar de ser reconhecido pelo Ministério de Educação e a existência própria profissão, mas o que se questiona é a garantia de reserva de mercado para esse profissional. E quando ele leva essas fragilidades (que são trabalhadas pelas metodologias) para o mercado de trabalho, ele perde naturalmente o espaço para outros profissionais. Então trabalhar em equipe, ter o controle e a velocidade de escrever um texto conexo, autocrítico, reflexivo, individualmente ou coletivamente. Esses são</p>	<p>perfeitamente. Porque o conhecimento tem que estar casado com a metodologia, não adianta a gente tentar fazer uma metodologia fora de uma realidade. O grande desafio é você propor uma metodologia que esteja associada com o conhecimento mais o mercado de trabalho para o curso de turismo. Seja qualquer segmento do turismo, porque no turismo existem diversos segmentos. No momento eu chamo de caixinhas pretas, mas são essas caixinhas pretas que vão dar a vivência e o conhecimento para o aluno. E a metodologia tem que ser bem aplicada, por isso que em todo final da disciplina a gente faz um reavaliação: o que foi que o professor deu em sala de aula, se teve uma compreensão lógica, se algum ponto ficou obscuro, se eles compreenderam o que foi proposto para a disciplina. Não é uma avaliação institucional, mas é uma avaliação dentro do trabalho final. Realmente era aquilo que eles esperavam? Eu acho que a metodologia tem que casar do início ao final. E a</p>
--	--	---	--	---

<p>última década, que chegou a ter entre 10 e 15 cursos de graduação aqui e aos poucos foram fechando porque não havia mais interesse do aluno concorrer para um curso desses. Mas há interesse em um curso mais técnico, que é mais específico e que o mercado já entende mais. Então essa coisa do turismólogo está mais filosófico, sociológico e teórico hoje. Como hoje só UFRN e UERN mantêm, porque para as privadas não há demanda e mercado. Mas nas públicas tem porque está mais na formação do conhecimento, do enriquecimento do conhecimento científico na área do turismo. Nessa área teórica e da epistemologia do turismo, existem teorias maravilhosas, grandes, maravilhosas e que não deixam a desejar a qualquer outra área. Ligada com hospitalidade, ócio, economia, psicologia, geografia, lazer, gastronomia. EM termos de corpo de conhecimento a área tem muito no mundo, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Europa, México.</p>			<p>pontos que eu percebo serem fundamentais para contribuir com a formação desse bacharel. A dificuldade das aulas de campo é a dificuldade deles identificarem o aspecto teórico e não trabalhar em equipe dificulta atividades mais práticas que a profissão necessita. Penso que está aí a necessidade de ir para o campo e demonstrar esses aspectos teóricos. Em linhas gerais, eu penso que são essas questões que podem contribuir para desenvolver essas habilidades e competências do bacharel em turismo. O MEC define em: planejar destinos turísticos, ter habilidade em equipe, relações interpessoais, timidez que ele precisa ver para tratar o público em geral e a necessidade do laboratório com programas específicos (que eu não mencionei na metodologia) para que ele conheça alguns softwares para aplicar nas empresas e isso seria fundamental para atender as competências do turismólogo. E apesar das línguas estrangeiras serem apontadas pelo MEC, eu já</p>	<p>metodologia sempre precisa ser testada, não é uma verdade. Você dá uma disciplina de turismo há vários anos, mas todo semestre você tem que testar e buscar uma metodologia nova. Eu acho que tem que inovar, mesmo que os segmentos sejam aula teórica, aula prática e fazer uma dinâmica com os alunos para que eles entrem em sintonia com a disciplina. Se o professor não proporcionar essa sintonia do conhecimento teórico com o conhecimento prático em sala de aula, essa vivência vai ser apenas mais uma disciplina na vida deles”.</p>
--	--	--	--	---

<p>No Brasil já tem muita gente pensando isso. O corpo teórico da área é muito significativo. Agora em termos de mercado, especificamente o turismólogo. Talvez nos estejamos criando pensadores em turismo, mas de qualquer forma que pensem, mas que também possam ser empreendedores, consultores, projetistas. Acho que é uma área promissora, ao invés de pensar que é algo que pode se acabar. Aqui mesmo na UFRN a concorrência tem sido cada vez menor, mas isso não desmerece. Acho que é muito promissor e tem muito espaço, porque a sociedade é mais aberta para lazer, tempo livre, ócio criativo, problemas da vida moderna. Acho que a integração dos povos, os velhos conceitos da origem do turismo continuam em plena evidência. Acho que o curso merece ser valorizado, reconhecido, se manter com toda condição e certeza que é necessário ter nesse estudo”.</p>			<p>penso que isso deve ser complementado com cursos para além da universidade”.</p>	
---	--	--	---	--

4 - METODOLOGIAS E A CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES

P21 – f4	P22 – f4	P23 – f4	P24 – f4	P25 – f4
<p>“Eu tive pouco contato com as outras disciplinas, o</p>	<p>“O turismólogo tem que ter um conhecimento teórico de</p>	<p>“Eu não sei exatamente quais são as competências do</p>	<p>“Acredito que pra gente dar uma contribuição melhor para</p>	<p>“Eu sempre leio Bordenave que ele trabalha com a</p>

<p>contato que eu tive foi buscando o projeto pedagógico do curso. Eu acho que as metodologias que eu tenho conhecimento buscam trazer essa aproximação e instigar os alunos a se manterem no curso. Eu acho que elas são positivas nesse sentido. Mas eu não sei até que ponto o curso tem a possibilidade de ampliar essas ações, não somente as ações de sala de aula, mas também as atividades de laboratório e Universitur que é uma experiência bastante interessante. Acho que investir nas que já existem seria uma contribuição e só melhoraria o que já tem. Acho que é positivo o que tem pelo menos o que eu conheço”.</p>	<p>organização e um conhecimento histórico do que ele vai intervir, ele tem que entender como isso vai estar efetivamente na sua prática e como essa atuação vai colocar em questão a teoria. Eu sou do Departamento de educação física e eu percebo isso dentro do meu departamento, os alunos vão à prática e não conseguem relacionar o que é estudado na teoria dentro da sua prática, não consegue trazer a questão teórica. Não conheço bem a realidade quando os alunos saem do curso de turismo, mas eu acredito que permitir que os alunos consigam fazer essa relação é o principal papel dessa metodologia. E usar essa metodologia significa que na atuação eles vão conseguir criar novas teorias. Uma teoria que é produzida na prática e uma prática que é baseada em uma teoria. Então acredito que fazer com que eles saiam com um pensamento crítico e com esse entendimento da aplicação da teoria na prática é os fazer entender que dentro da dinâmica da sua atuação</p>	<p>turismólogo, mas com relação a língua estrangeira eu acho que ele precisa interagir e essa metodologia que eu uso, e que eu acho que os professores de língua usam, é uma metodologia interativa que vai fazer com que ele não tenha uma resposta certa para uma pergunta certa e que ele saiba negociar um significado, que ele saiba negociar uma informação qualquer com um turista. É uma metodologia para perder o medo de falar, para ter mais de uma maneira de dizer as coisas e que vai fazer com que ele se desenvolva muito melhor mesmo que eu passe menos conteúdos que eles deveriam decorar para passar mais conteúdos interativos. Pra você ter idéia, na ementa de turismo a gente só tem passados e verbo no passado na última lição do espanhol 2, eu dou isso na primeira lição do espanhol 1. Na primeira do espanhol 1 eles já interagem no passado, presente e futuro e eu passo o semestre inteiro fazendo isso de várias maneiras diferentes. Eles terminam o espanhol 1 como a ementa prevê que eles</p>	<p>as competências dos alunos, há necessidade de uma maior interlocução entre os professores. Existem as reuniões e reuniões de colegiado, mas eu sinto falta de mais reuniões de planejamento integrado. Exatamente para que o aluno tenha essa noção de todos os desafios que ele vai integrar. Das disciplinas mais acadêmicas, você sabe que a área de gestão e planejamento são áreas de manuseio de pesquisas e de todo um arcabouço metodológico, mas para que isso funcione e replique na área técnica há necessidade de mais interação entre os professores do corpo docente”.</p>	<p>problematização, eu faço muito isso na parte de recrutamento e seleção, então os grandes erros cometidos, vamos dizer na parte prática é você começar escrevendo uma vaga de forma errada, então eu apresento a ele toda a teoria, e todos os problemas que isso venha a criar para uma empresa, quando você não atende a legislação e o que a sociedade pede, eles identificam em artigos publicados, em anúncios de jornais e revistas, erros e a partir desses erros, eles constroem um anúncio de recrutamento e seleção que diminua aquela margem de erro, para que quando eles tiverem trabalhando, puder não só elaborar, mais identificar no local de trabalho erros que podem vir a prejudicar a empresa, então esse foi o que utilizei, no caso, no curso de turismo”.</p>
--	--	---	---	---

	elevai poder construir novos conhecimentos e que esses conhecimentos podem retornar para a própria academia, dentro de uma atuação coerente desse turismólogo”.	terminariam o espanhol 2. Então quando ele vai pro ele já vai para um sistema mais sofisticado da língua e sabem fazer escolhas quanto as apresentações”.		
4 - METODOLOGIAS E A CONTRIBUIÇÃO DELAS NO DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS DOS DICENTES				
P26 * - f4	P27	P28	P29 - f4	
“Não sei responder. Eu quero dizer aula de campo, mas aula de campo de contabilidade e ainda mais pra turismo fica difícil, não tenho como encaixar aqui. A aula expositiva desenvolve pelo menos um tino para gestão que algum dia, se algum deles for abrir ou gerenciar um negócio eles têm que ter. Então eu acho que principalmente o trabalho da terceira unidade de avaliar uma empresa real listada na bolsa ajuda. Não todo mundo, mas se ajudar um na sala já é muita coisa.	NÃO RESPONDEU A ESSA PERGUNTA Só havia respondido o primeiro questionário.	NÃO RESPONDEU A ESSA PERGUNTA Só havia respondido o primeiro questionário.	“Eu acrescentaria que uma coisa bastante importante na nossa área é a valorização dessa experiência prática. Então é você se apropriar desse conhecimento, conhecer essas teorias, conhecer esses conceitos e ao mesmo tempo ter uma dedicação para a prática. Saber como funciona o setor hoteleiro, saber como funciona o setor de operadores do setor de turismo, saber como funciona o setor do transporte. É você ter a capacidade prática de relacionar o que aprendeu do ponto de vista teórico com o que você vai desenvolver como profissional da área. Eu acho que essa relação entre teoria e prática é fundamental, é de fundamental importância no	

			<p>desenvolvimento das competências e habilidades do turismólogo. Mas essa prática também passa por uma dimensão técnica, porque não é só a formação do conteúdo, mas também a formação técnica. Eu acredito que o curso tem ferramentas e instrumentos que possibilitem a geração de determinadas competências e de determinadas habilidades no que se refere a essa atuação efetiva no processo turístico”.</p>	
--	--	--	---	--

ANEXO

(Projeto Político Pedagógico e a Resolução N° 13, de 24 de Novembro de 2006 – Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS**

**PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO
BACHARELADO EM TURISMO**

NATAL/RN
2008

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	02
2. HISTÓRICO	04
3. DIAGNÓSTICO	05
3.1 Extensão	05
3.1.1 Empresa Junior	06
3.2 Pesquisa	06
3.3 Centro Acadêmico	07
3.4 Infraestrutura Física e Tecnológica	05
3.4.1 Espaço Físico e Recursos Materiais	08
3.3.2 Infra-estrutura Tecnológica	08
3.3.3 Biblioteca	09
3.5 Corpo Docente	11
4. JUSTIFICATIVA	12
5. OBJETIVO	14
6. PERFIL PROFISSIONAL	14
7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	14
8. PROPOSTA PEDAGÓGICA E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	16
9. ESTRUTURA CURRICULAR	19
10. METODOLOGIA	23
10.1 Disciplinas Optativas	23
10.2 Atividades Complementares	25
10.3 Estágio Curricular e Monografia	25
11. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO	27
11.1 Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem	27
11.2 Avaliação do Projeto Político-Pedagógico	27
12. BIBLIOGRAFIA	28
13. ANEXOS	29

1. INTRODUÇÃO

A construção de um novo projeto para o Curso de Turismo da UFRN passou por diferentes fases. No entanto, como a grande certeza do mundo na atualidade é a da necessidade de mudança, uma proposta pedagógica deve fomentar uma permanente crítica sobre seus conteúdos e métodos, tendo em vista manter-se em sintonia com as novas exigências. Neste sentido, seguindo o imperativo válido para os cursos de turismo no Brasil, adota-se nesta proposta os modelos institucionais orientados por competências.

Tais diretrizes regulamentam a oferta de cursos de graduação na área, indicando os pilares fundamentais e linhas da formação do bacharel em turismo no Brasil, e constituem os fundamentos de base na sistematização deste Projeto. Fruto de uma ampla discussão e articulação com a sociedade e instituições, esta nova proposta surge como resposta às exigências de mudança indicadas pelo contexto onde estão inseridos os cursos de turismo no País.

A análise destes indicadores forneceu as bases para a formulação do perfil do egresso. A partir desta formulação, definiu-se a organização do projeto do curso, consolidado em um novo desenho da estrutura e a redefinição de estratégias de implementação. A mudança mais significativa consiste na substituição da concepção das habilitações específicas, pela adoção de uma concepção de formação mais ampla e generalista.

De acordo com Tânia Fischer, o projeto político-pedagógico consiste numa proposta de formação profissional caracterizada como um conjunto de ações e estratégias que

expressam as diretrizes políticas, pedagógicas e técnicas de um curso. Sendo o referencial básico para o desenvolvimento do curso, seus elementos constitutivos devem conter claras definições, de forma a orientar a estruturação curricular e seus modos de organização.¹

A diferença maior entre o projeto anterior e este reside muito mais na sua disposição estrutural que em seu conteúdo. O estudo das equivalências das disciplinas entre turmas em andamento e novas turmas comprova isto.

O novo projeto, em sua essência, reordena conteúdos em conformidade com os objetivos do curso e com a proposta de perfil profissional generalista do egresso. Sua sistematização obedece a critérios básicos de consistência, coerência e eficácia.

A estrutura tem por base grandes temas que dão origem às disciplinas, e são articuladas por ações e práticas pedagógicas integradoras, que servem de amálgama e sustentação do curso. O desafio, a partir desse momento, compreende a execução curricular que integre a validação do modelo e a avaliação dos processos e resultados.

¹TÂNIA FISCHER (2002) *Desenhos curriculares e projetos de curso: desafios à organização de ensino e à gestão acadêmica*.

2. HISTÓRICO DO CURSO

O segmento de Turismo vem crescendo consideravelmente no Estado do Rio Grande do Norte e mais propriamente na grande Natal. As perspectivas futuras são as mais promissoras, haja visto o volume de recursos injetados no setor turístico nos últimos anos com a implantação de hotéis, restaurantes e em empreendimentos de lazer. Entretanto, a rapidez do crescimento não tem vindo acompanhada pelos patamares aceitáveis de eficiência operacional. A qualidade dos serviços ainda deixa muito a desejar, passando pela questão da mão de obra e da qualificação e educação dos recursos humanos. O mercado tem necessidade de profissional que conjugue capacidade técnica, criatividade e visão crítica a fim de proporcionar ao setor a eficiência que lhe compete ter.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, consciente de suas responsabilidades e de conformidade como o objetivo de “contribuir para o progresso nos diversos ramos do conhecimento através do ensino, da pesquisa e da extensão”, decidiu responder à necessidade de formação do profissional para área do turismo, criando Curso de Turismo em nível de graduação. Trata-se de um curso multidisciplinar e interdisciplinar. Multidisciplinar porque tem a participação das seguintes áreas de conhecimento: Administração, Geografia, Lazer, História, Comunicação, Artes, Nutrição, Economia, Contabilidade, Direito e outras como Psicologia, Informática e Estatística. E Interdisciplinar porque todas essas áreas estão interligadas com a atividade do Turismo. O Curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte foi criado em maio de 1996 através da Resolução nº 001/96-CONSUNI, em Assembléia realizada em 21.01.97, publicada no Boletim de Serviço - UFRN nº 006 de 30.01.97, fls. 123 a 129. O Curso funciona em regime de crédito semestral e no horário vespertino.

Desde sua criação, o Curso de Turismo vem enfrentando uma significativa demanda, o que justifica a importância e a necessidade da sua oferta, tanto para o Estado quanto para a região.

3. DIAGNÓSTICO

Conforme já mencionado anteriormente, o Projeto Político-Pedagógico surgiu da necessidade de se repensar a estrutura do Curso de Turismo em função da insatisfação presente, tanto no corpo docente quanto discente, aliada à nova legislação que prevê o redimensionamento dos bacharelados e suas habilitações. A construção do referido projeto partiu da elaboração de um diagnóstico envolvendo professores e alunos do curso visando uma avaliação em termos de estrutura curricular, infra-estrutura e recursos humanos disponíveis.

Os principais problemas apresentados relacionam-se a falta de articulação entre as disciplinas o que, por vezes, gerou sobreposição de conteúdos, ausência de disciplinas e conteúdos

fundamentais para o novo contexto do turismo, falta de sintonia entre as disciplinas pedagógicas e o ensino de Turismo e a impossibilidade de atividades práticas, principalmente na habilitação em Hotelaria, pela ausência de infra-estrutura compatível como requerido na formação.

No diagnóstico, a biblioteca foi outro ponto que apresentou fragilidade, considerando-se que o acervo bibliográfico disponível específico para o Turismo é mínimo e desatualizado, além de dispor de reduzido espaço físico e equipamentos de consulta.

No que diz respeito às disciplinas, compreende-se que as mudanças não ocorrerão tão somente a partir da criação de novas disciplinas ou novas denominações, mas também se mudando as suas estruturas, através da adequação e revisão de suas ementas. Neste caso, as disciplinas serão organizadas tendo como referência os conteúdos de natureza conceituais e metodológicos, simultaneamente, o que permitirá a construção dos saberes fundamentais, diminuindo a cisão existente entre esses dois domínios na formação do Bacharel em Turismo.

3.1 Extensão

O Curso de Turismo mantém contato e integração com a sociedade através de atividades de extensão nas formas de: Programas, Cursos de Extensão, Prestação de Serviços e Publicações. Estas atividades são executadas por membros do corpo docente, discente e funcional através de projetos de extensão da Pró-Reitoria de Extensão (PROEx), convênios via a Fundação Norteriograndense de Pesquisa e Cultura (FUNPEC), contratos via a Empresa Júnior de Turismo (UNIVERSITUR) e acordos individuais entre professores e segmentos da comunidade. Além disso, o Curso mantém um convênio de cooperação como Hotel Barreira Roxa, administrado pelo SENAC, onde são desenvolvidas atividades de extensão de grande interesse para a indústria turística. As atividades de extensão oferecem oportunidade de contribuir diretamente para o bem estar da sociedade ao mesmo tempo em que servem de matéria educativa de forma prática para os alunos do Curso.

3.1.1 Empresa Júnior

A UNIVERSITUR, Empresa Júnior de Turismo, foi fundada em 08 de março de 1999, às 14h30min, na sala da Coordenação e faz parte do Curso de Turismo. Na oportunidade de sua criação, foi aprovado o seu Estatuto e dado posse a Primeira Diretoria. A empresa júnior está registrada no CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, sob o nº 03.037.591/0001-60, como associação civil, sem fins lucrativos e com prazo de duração indeterminado, mantendo a sua sede no CCSA.

A Empresa tem por finalidades específicas: a) aprimorar a formação acadêmica, cultural e social dos alunos do Curso de Turismo da UFRN; b) promover atividades de caráter instrutivo, científico, social, cultural, de acordo com os preceitos do Estatuto que a rege; c) estimular e desenvolver pesquisa e extensão universitárias na Instituição de ensino em que ela se insere; d) proporcionar a seus membros as condições necessárias à aplicação prática do conhecimento teórico relativo a sua área de formação profissional; e) intensificar o intercâmbio sociedade-universidade, empresa-universidade e universidade-universidade; f) propiciar à sociedade uma contribuição efetiva em contrapartida ao que ela investe na universidade pública, priorizando atividades desenvolvidas por pessoas que tenham dificuldade de acesso a serviços especializados e de alto custo, os quais ela possa prestar; g) valorizar alunos e professores da UFRN, no mercado de trabalho e no âmbito acadêmico, dentre outras finalidades.

A atividade prioritária da UNIVERSITUR é a criação e/ou implementação de projetos de consultoria e/ou assessoria turística como organização de eventos, elaboração de projetos em animação turística e planejamento turístico para municípios.

3.2 Pesquisa

A pesquisa constitui fator integral do Curso de Turismo contribuindo em diversas formas para sua consolidação integrada, oferecendo oportunidades de aprendizado para os alunos e contribuição no conhecimento do turismo. O desenvolvimento de conhecimento original sobre temas associados à atividade turística tem espaço privilegiado no Curso. Com base em financiamentos

originados da própria universidade e de agências de fomento como o CNPq, FINEP, Banco do Nordeste e outras, várias pesquisas têm sido desenvolvidas, servindo de base para a publicação de livros, artigos científicos em periódicos brasileiros e internacionais, além de participação de professores e alunos em simpósios, congressos e outros eventos. O Curso de Turismo tem promovido regularmente encontros para a apresentação de trabalhos de professores e alunos, que têm atraído a atenção não só do público acadêmico, como também de pessoas da comunidade.

Os temas de pesquisa de interesse do Curso na atualidade são:

- Inovação e Estratégia em Turismo;
- Planejamento Turístico Sustentável;
- Cultura como Produto Turístico;
- Competitividade para Destinos Turísticos.

3.3 Centro Acadêmico

O Centro Acadêmico do Curso de Turismo foi criado em abril de 1997 e conta com uma representação no Colegiado do Curso e no Conselho de Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA, do qual faz parte o Curso de Turismo.

3.4 INFRA-ESTRUTURA FÍSICA E TECNOLÓGICA

3.4.1 Espaço Físico e Recursos Materiais

Espaço físico existente e recursos materiais

Dependências/Serventias	Quantidade	M2
Sala de Direção	01	40,68
Sala de Coordenação	01	27,29
Sala de Professores	12	181,20
Salas de Aulas	38	2.728,80
Sanitários	36	
Setor de Atendimento/Secretaria	01	26,78
Praça de Alimentação	-	-
Auditórios	01	53,45
Espaço Cultural	-	-
Laboratórios de Informática		
Sala de Leitura / Biblioteca	01	
Televisores	02	
Vídeos	02	
Retroprojetores	18	

3.4.2 Infra-Estrutura Tecnológica

LABORATÓRIOS	QUANT. EQUIP.	CONFIGURAÇÃO
Laboratório I Local: Prédio da Administração do CCSA	18	Micro-computador Padrão Pc-CLOCK de 333MHZ, 32 Mb. Placa de Rede, Monitor Colorido SUGA de 14", teclado ENHANCED de 107 e mouse padrão microsoft.
Laboratório II Local: Setor de Aula I sala F3	26	Sistema Operacional instalado
Laboratório III Local: Setor de		WINDOWS (última versão em

Aula I sala D6	16	português)
----------------	----	------------

Todos os computadores estão ligados em Rede Interna do Centro de Ciências Sociais Aplicadas -CCSA, que, por sua vez, faz parte da Rede da UFRN e com acesso à Internet. O Laboratório II tem um diferencial pela condição de oferecer tecnologia multimídia.

Ainda com relação a infraestrutura, cabe acrescentar que o Governo do Rio Grande do Norte, reconhecendo a importância da Indústria do Turismo para o Estado, criou no início de 2004 o IGETUR – Instituto de Formação e Gestão em Turismo que, entre outras finalidades irá administrar o Hotel Escola Barreira Roxa. A UFRN através do Curso de Turismo faz parte do Conselho Administrativo deste Instituto, cabendo-lhe definir a pauta de utilização do equipamento, o que torna possível incluir o uso do Hotel Escola Barreira Roxa como laboratório do Curso de Turismo.

3.4.3 Biblioteca

O Campus Universitário dispõe da Biblioteca Central Zila Mamede – BZC, uma Unidade Suplementar vinculada à Reitoria, dentro de uma área física de 4.937,32m², diretamente subordinada ao Reitor. É Órgão central executivo, responsável pela administração, planejamento, coordenação e fiscalização das atividades do Sistema de Bibliotecas – SISBI, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O Sistema de Bibliotecas – SISBI compreende além da Biblioteca Central, as Bibliotecas Setoriais, que funcionam em unidades acadêmicas, e as Bibliotecas Setoriais Especializadas, depositárias de acervos específicos dos cursos de Pós-graduação. O serviço ofertado pelo Sistema de Bibliotecas da UFRN tem como objetivo fornecer suporte informacional ao ensino, à pesquisa e à extensão universitária.

Serviços Básicos

As coleções didáticas, básicas e literárias, são circulantes, exceto as coleções de periódicos, de referência e de obras raras.

A consulta ao acervo é de livre acesso para a comunidade em geral. O empréstimo é oferecido apenas à comunidade universitária: alunos de graduação (03 livros por 15 dias), professores (05 livros por 30 dias) e funcionários (03 livros por 15 dias).

As bibliotecas têm funcionamento de Segunda a Sexta-feira das 7h30min às 22h.

Serviços Especiais

A Biblioteca põe em prática os seguintes Serviços Especiais: a) garantia de um exemplar da Coleção Circulante, na Coleção Reserva, para possibilitar a consulta local; b) rastreamento das publicações não localizadas nos acervos do Sistema de Bibliotecas e fornecimento de cópia dos artigos de periódicos, de teses, de capítulos de livros, através do COMUT/IBICT; participação de sistemas on-line de pesquisa e computação - LILACS e MEDLINE (Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Saúde e Biblioteca Setorial do Departamento de Odontologia, ambos da UFRN), Rede Antares; CCN-Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos/IBICT (Biblioteca “Zila Mamede”).

Dentre as várias ofertas de serviços, a Biblioteca capacita os usuários sobre o uso dos serviços oferecidos pelas Bibliotecas, através das Visitas Programadas, orienta e atende os pedidos de buscas bibliográficas em base de dados através de CD-ROM e INTERNET.

Facilidades

Dentre as facilidades podem ser destacadas a existência de salas para estudo em grupo e individual, com ar condicionado, sala para projeção de fitas de vídeo, com 20 lugares, auditório com capacidade para 140 pessoas, hall para exposições, lançamento de livros e outros eventos culturais.

Rede de Pesquisas

Atualmente encontra-se em planejamento a implantação da rede local de pesquisa com estações de trabalho para usuários e serviços à rede externa integrando todo o Sistema de Bibliotecas da UFRN, através da Rede INTERNET, que promoverá acesso dos usuários aos catálogos e a vários outros serviços.

Rede Antares

A Rede de Serviços de Informação em Ciência e Tecnologia, coordenada pelo IBICT, permite o acesso as bases de dados de 14 instituições brasileiras, dentre elas as multidisciplinares: USP/SIBI; UFRGS/BS; CNPq.

Rede Internet

A Rede Internet permite o acesso às informações eliminando distâncias. As informações coletadas através de referências bibliográficas, artigos, imagens, arquivos ou dados simples podem ser fornecidas ao usuário solicitante através de disquete ou folhas impressas.

3.5 Corpo Docente

O Curso de Bacharelado em Turismo da UFRN conta com um corpo docente capacitado, com a maioria dos professores efetivos com a titulação de doutor e mestre. Em que pese a juventude do curso e a limitada oferta de pós-graduação *stricto sensu* na área no País e, particularmente no Nordeste brasileiro, o colegiado do Curso é satisfatório, mas deve ser considerado ainda em composição, em reconhecimento à necessidade permanente da busca pela excelência acadêmica.

Dentre os professores dedicados ao Curso de Turismo, vários se encontram em processo de aperfeiçoamento, com pelo menos 01 (um) com previsão de conclusão de Doutorado na Área até o final do presente semestre.

4. JUSTIFICATIVA

O turismo se consolida como uma das mais importantes atividades com as quais está envolvido o homem na atualidade, seja de forma profissional, seja como o próprioturista. A dinâmica do mundo moderno determina padrões de comportamento complexos e a necessidade de viajar está implícita neles. Este elemento comportamental cria espaço para atividades econômicas que se dediquem à organização de produtos e serviços que proporcionem a este mesmo homem a oportunidade de atender esta sua necessidade de forma ainda mais prazerosa.

Suas perspectivas seduzem toda sorte de interesses e visões, transformando-o em elemento central na preocupação de governos e gestores, cientistas e estudiosos, indivíduo e comunidade. Para orientar de forma mais efetiva a combinação dessas forças, a Universidade tem por obrigação chamar para si a definição da pauta dessa articulação, considerando sua condição de referência como facilitadora de espaços axiologicamente isentos para a reflexão sobre o tema; fomentadora da discussão de seus mecanismos; patrocinadora da investigação de seus aspectos determinantes; e instituição capacitada para articular o conhecimento multidisciplinar fundamental quando se trata de turismo.

Como já foi destacado, o interesse pelo Turismo é progressivo, considerando o volume de recursos públicos e privados aplicados no setor nos últimos anos, com a implantação de infra-estrutura, hotéis, restaurantes e diferentes empreendimentos de lazer. Entretanto, a rapidez do crescimento não tem vindo acompanhada desta necessária reflexão acerca das bases de seu desenvolvimento e, ainda menos, orientada por uma clara missão.

Mesmo quando esta reflexão esteja identificada e uma missão definida, a dinâmica própria da sua evolução natural, determinada por mudanças tanto do comportamento humano quanto da estrutura e formato de organização social, exige o constante acompanhamento e estudo dos temas pertinentes ao assunto. Assim, a forma mais efetiva de participação da Universidade neste processo é, por um lado, através da educação e qualificação das pessoas, capacitando-as para pensar o turismo em sua complexidade e importância, e habilitando-as para a ação repercussiva. E, por outro lado, através da articulação e integração entre os distintos segmentos que o compõem.

O reconhecimento das viagens de turismo como uma necessidade humana, derivada de motivos que vão desde os notadamente involuntários até os absolutamente eletivos, e a expansão meteórica de suas atividades, impulsionam a demanda por conhecimento sobre seu alcance, importância, mecanismos de funcionamento, potencialidades, expectativas, bases de desenvolvimento, entre tantos outros assuntos envolvidos com esta alternativa de ócio e lazer humano.

O turismo, neste contexto, é tido como importante alternativa para o desenvolvimento de muitas localidades. No entanto, o turismo não pode ser visto como única e indiscriminada solução para os problemas de estruturação social. Ele deve ser pensado como alternativa ao desenvolvimento a partir de análises estruturais e comportamentais profundas, que resultem em indicadores multidimensionais de seus impactos.

O turismo já é uma atividade econômica importante no Nordeste, tendo gerado uma receita estimada de US\$ 3,5 bilhões anuais (1998), correspondentes a 3,3% do PIB regional. Entretanto, a atividade ainda apresenta enorme potencial de crescimento; basta verificar que, em termos mundiais, o turismo responde por 10% do PIB. Se esse percentual fosse alcançado pelo NE, a receita regional com turismo saltaria para algo como US\$ 10,5 bilhões.²

Uma expansão do turismo receptivo do Nordeste em direção aos níveis internacionais mencionados, dependerá, entretanto, de enorme esforço de melhoria da infraestrutura, o que envolve a capacitação de pessoas para gerir um setor não só mais importante, mas também mais sofisticado e competitivo.

Para fomentar esta perspectiva e atender a respectiva demanda por conhecimento, cabe às instituições de ensino e pesquisa propor mecanismos de articulação entre a informação e a ação, entre método e práxis, entre conhecimento e efetividade, o que representa responder às demandas, identificar problemas, buscar alternativas e propor soluções.

Diante da importância que assume o fenômeno também em nosso contexto mais próximo e pelos intrincados interesses que envolvem suas atividades, a Universidade, considerando sua capacidade e condições já comentadas, deve liderar este fórum, trazendo para si a responsabilidade de orientar, consultar e monitorar o desenvolvimento do turismo nesta região e, nada mais legítimo que fazê-lo através da oferta de um curso de graduação.

Assim, o Curso de Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte espera atender a necessidade de compreensão pelo desenvolvimento de estudos dos fenômenos que caracterizam suas atividades inerentes, considerando as reconhecidas potencialidades da região e da conseqüente demanda por conhecimento de sua dinâmica e amplitude, seja em nível local, regional, nacional ou internacional.

²ALBUQUERQUE, Roberto C. Fundamentos de uma estratégia de desenvolvimento do NE. Disponível em <http://www.forumnacional.org.br>

5. OBJETIVO

O Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte tem por objetivo formar o Bacharel em Turismo com ampla capacidade para planejar e organizar o turismo nos diversos segmentos do setor, quer público ou privado.

6. PERFIL DO PROFISSIONAL

Para atender aos objetivos propostos, o Curso de Graduação em Turismo está planejado e articulado para possibilitar uma formação consistente ao egresso, fundamentada em conceitos sólidos das áreas de conhecimento de suporte ao tema, no aprofundamento do estudo de fatores de sua composição e influência direta, e na flexibilização, ao permitir a incorporação de novos elementos contextuais derivados de mudanças e transformações ambientais, tecnológicas, culturais, políticas e econômicas de impacto sobre seus fenômenos.

Assim, pretende-se formar pensadores do turismo, o que corresponde a um profissional cujo perfil caracteriza-se por uma ampla capacidade para compreender e intervir no contexto das

atividades turísticas; preparado para perceber suas implicações e oportunidades; apto a elaborar e manipular ferramentas para o planejamento, a organização e a gestão eficaz das atividades relacionadas, tanto em seus limites setoriais, quanto em sua perspectiva integral.

7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES DO EGRESSO

O Currículo do Curso de Turismo busca proporcionar uma formação mais direcionada para a realidade atual, marcada por alguns tópicos emergentes como: aglobalização, o meio ambiente, as mudanças tecnológicas, os sistemas de informação, o controle de qualidade total e a busca incessante pelos novos paradigmas.

A incorporação de algumas características intelectuais é indispensável para um Curso moderno, tais como: comunicação interpessoal, ética profissional, capacidade de adaptação, vida acadêmica ativa, motivação para atualização contínua e competência.

A proposta está planejada e articulada para formar profissionais com as seguintes competências e habilidades:

- com compreensão sistêmica e visão global, capaz de interpretar o contexto social, político, econômico e cultural onde está inserido, avaliar seus impactos e mensurar suas consequências sobre as atividades turísticas;
- aptos a atuar em mercados em transformação permanente e sob critérios de alta competitividade, com características multidimensionais e interdependentes;
- com competência de pensar de forma lógica e criativa; de aproveitar esta capacidade para tomar decisões e promover mudanças; de comunicar e reelaborar seus conhecimentos;
- habilitados para elaborar e gerir ações turísticas através de projetos, planos ou programas de âmbitos locais, regionais ou de maior amplitude, oferecendo efetiva contribuição na formulação de idéias inovadoras;
- metodologicamente preparados para o planejamento e a execução de projetos e programas estratégicos direcionados para empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;
- hábil em construir relacionamentos de longo prazo, de articular redes de colaboradores, de trabalhar em equipe e de manter atitudes integradoras;
- atuar como agentes de mudanças, imbuídos de valores éticos e espírito crítico para fomentar e difundir em cada uma de suas ações profissionais, o respeito pelo ser humano e a promoção incondicional do bem estar e da qualidade de vida nas localidades onde atuar.

8. PROPOSTA PEDAGÓGICA E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Cientes da distância entre a proposição formal de uma estrutura curricular e a complexidade da realidade sobre a qual ela pretende intervir, buscou-se, para a composição da proposta que ora segue, a participação, o envolvimento e comprometimento daqueles que serão os responsáveis por sua execução: professores, alunos e todo um elenco de colaboradores que poderão fazer desta distância a menor possível.

Tratando-se de um projeto que pretende modificar numa certa direção a atual realidade, não se pode deixar de levar em conta as condições reais existentes, incluindo as limitações, os embaraços e as potencialidades, seja no aspecto material e humano, seja nas condições da Instituição e na sua capacidade de fornecer os mecanismos legais para permitir seu desenvolvimento.

A atualidade e dinâmica deste Projeto Pedagógico depende do interesse vivo e contínuo por parte de todos. Sua realização é desafio e requer permanente zelo pela qualidade e compromisso do corpo docente, e o provimento, por parte da organização e de quem compete gerir a educação superior, das condições para que o curso desempenhe, com excelência, o papel que lhe corresponde.

A proposta está organizada de forma que se compreenda seus objetivos e os elementos conjunturais que a condicionam, descritos através do histórico e diagnóstico do Curso. Os argumentos que sustentam a necessidade de sua proposição estão considerados na justificativa, e que serve de base para a formulação dos objetivos do Curso quanto à formação do Bacharel, bem como as habilidades e

competências profissionais que através da estrutura e metodologia de desenvolvimento se pretende oferecer ao egresso. A organização curricular, os mecanismos de articulação entre conteúdos e a estrutura necessária para sua implementação estão indicadas nos itens finais do documento.

A estrutura curricular do Curso de Turismo está organizada de forma a permitir a construção do conhecimento pelo aluno a partir do plano genérico para o específico, do macro para o micro, de contextualização para a ação, da causa para a consequência.

Para esta compreensão, os conteúdos estão reunidos em cada semestre em um grande tema do turismo e que corresponde à construção gradativa do conhecimento sobre o fenômeno. Desta forma, a medida em que avança no cumprimento dos estudos, o aluno vai agregando competências e habilidades próprias de suas capacidades cognitivas naquele momento, até alcançar os níveis finais, onde encontra espaço para confirmar esse aproveitamento e marcar seu posicionamento profissional motivado por seus interesses pessoais.

Os temas que orientam os objetivos de estudos em cada nível da estrutura podem ser definidos e justificados da seguinte forma:

Tema I – Fundamentos Básicos

Este nível aborda elementos conceituais do turismo, sua origem e natureza. Seus conteúdos disciplinares são de importância inquestionável para a compreensão multifacetada dos fenômenos complexos que fundamentam as atividades de lazer, ócio e turismo.

Tema II – Turismo e Ambiente

Os conteúdos deste bloco objetivam delimitar o contexto relevante para a percepção sistêmica de seus mecanismos e para identificar suas diferentes dimensões. As perspectivas macro de estudo do turismo sugeridas em suas ementas, enfatizam suas interrelações e permitem avaliar seus impactos pela observação de variáveis ambientais de base cultural, meio ambiental, políticas, econômicas, tecnológicas e comportamentais.

Tema III – Desenvolvimento Turístico

Este bloco de conteúdos possibilita ao aluno, a partir do diagnóstico viabilizado pelo Tema II, dirigir as informações para a tomada de decisão. A partir da análise estratégica, são incorporados elementos de visão e missão, enfatizados pela utilização de recursos conceituais e instrumentais, representados em ferramentas metodológicas úteis ao planejamento em todas as suas perspectivas e dimensões.

Temas IV e V – Gestão de Negócios Turísticos I e II

Os Temas de gestão abordam os temas específicos do raciocínio aplicado aos diferentes setores de negócios turísticos. Neste momento são apresentados métodos e técnicas de planejamento para composição da oferta de produtos e serviços, ao mesmo tempo em que analisa o comportamento da demanda para adequação dessa composição.

Tema VI – Lazer e Entretenimento

Este Tema aprofunda a temática fundamental do turismo que é o atendimento da necessidade do ser humano por ócio, lazer e entretenimento de forma organizada. Quando combinada com o gosto pelo novo e motivada pelo instinto explorador próprio da espécie, se transforma em força motriz do comportamento social. O lazer e o entretenimento são elementos estruturais na concepção do turismo, permeando, portanto, toda e qualquer abordagem do tema e condicionando seu planejamento. A ênfase neste Tema resulta em um fator de diferenciação do Curso.

Tema VII – Turismo Empreendedor

Neste momento do curso, o aluno já está preparado para pensar em perspectivas e perspectivas para o turismo. Para o exercício da percepção e da prospecção são facilitados espaços de discussão e análise das potencialidades turísticas, seja relacionada a destinos, seja aplicadas a segmentos específicos. Os objetivos são fomentar a criatividade e a inovação, permitir abordagens

alternativas na composição de novos modelos de estruturação turística, pensar em novos formatos e novos produtos turísticos em consideração às novas configurações da demanda e às novas conformações para o desenvolvimento.

Tema VIII – Integralização de Conhecimentos na Formação Profissional

Está planejado para ser integralizado com estudos dirigidos ao interesse individual do aluno. Através do acompanhamento acadêmico-pedagógico, o mesmo terá a oportunidade de integralizar sua formação profissional com conteúdo diferenciado e personalizado de acordo com suas ambições e motivações.

Respeitada esta sequência de estudos, acredita-se estar capacitando pessoas para fazer a diferença no pensamento e na composição do conhecimento sobre os fenômenos relacionados ao turismo, prontas a responder às exigências de seu planejamento e execução.

09. ESTRUTURA CURRICULAR

Identificação do Curso

UFRN	CENTRO: CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
	Curso: TURISMO
	Turno: ()M (X)T ()N ()MT ()MN ()TN ()MTN
	Cidade: NATAL
	Modalidade: (X)Bacharelado ()Licenciatura ()Formação ()Tecnólogo
	Currículo: Pleno
Semestre de ingresso pelo Vestibular: 1º (X) Vagas: _40_ 2º (X) Vagas: _40_	

Exigências para integralização curricular

OBRIGATORIAS						COMPLEMENT	CARGA HORÁRIA TOTAL
DISCIPLINAS				ATIVIDADES		DISCIP./ATIV.	
CRÉDITOS (CR)		C.HORÁRIA (CH)		(CH II)		(CH III)	(CH) (I+II+III)
Aula	Lab	Aula	Lab	Estágio	Monografia		
158	0	2370		270	120		
Total CR (A +L)	168	Total CH (I) (A+L) – 75%	2340	Total CH (II) (E + M) – 11,5%	360	870	3000

Critérios para integralização

DURAÇÃO DO CURSO (EM SEMESTRE)		
MÁXIMO	IDEAL	MÍNIMO
12	08	08

LIMITE DE CRÉDITOS POR SEMESTRE		
MÁXIMO	IDEAL	MÍNIMO
16	12	12

1º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0001	Administração Contemporânea		4	60		
TUR 0002	Turismo: organização e dinâmica		4	60		
TUR 0004	Metodologia da Pesquisa Aplicada ao Turismo		4	60		
ECO 0050	Economia de Serviços		4	60		
	Língua Inglesa I		4	60		
DEH 0064	Formação Histórica do Rio Grande do Norte		4	60		
	SOMA		24	360		

2º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
DEH 0063	Elementos do patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro		4	60		
DGE 0150	Geografia e Turismo		4	60		
TUR 0013	Análise Estrutural do Turismo		4	60	TUR 0002	
DPU 0040	Noções de Direito e Legislação Turística		4	60		
	Língua Inglesa II		4	60	LET 0029	
	Disciplina Complementar		4	60		
	SOMA		24	360		

3º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0003	Sociedade, Estado e Política do Turismo		4	60		
EST 0230	Estatística Aplicada ao Turismo		4	60		
DAN 0001	Antropologia		4	60		
LET 0295	Língua Espanhola I		4	60		
PSI 0089	Psicologia Aplicada ao Turismo		4	60		
	Disciplina Complementar		4	60		
	Soma Disciplinas		24	360		
	Atividade Complementar			60		

4º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0005	Gestão de Empreendimentos Turísticos		4	60	TUR 0001	
	Lazer, Animação e Desenvolvimento Humano		4	60		
CON 0003	Fundamentos de Contabilidade dos Empreendimentos Turísticos		4	60		
LET 0296	Língua Espanhola II		4	60	LET 0295	
DGE 0151	Geografia, Turismo e Desenvolvimento Regional		4	60	DGE 0150	
	Disciplina Complementar		4	60		
	Soma Disciplinas		24	360		
	Atividade Complementar			60		

5º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0006	Planejamento Turístico I		4	60		
TUR 0010	Marketing Turístico		4	60		

ADM 0106	Recursos Humanos em Turismo		4	60	TUR 0001	
TUR 0103	Sistemas de Informação em Turismo		4	60		
TUR 0009	Sistemas de transportes		4	60		
	Disciplina Complementar		4	60		
	Soma Disciplinas		24	360		
	Atividade Complementar			60		

6º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR	Planejamento Turístico II		4	60	TUR 0006	
	Dinâmicas Recreativas de Grupos e Espaços		4	60		
	Programa de Recreação, Lazer e Turismo		4	60		
	Disciplina Complementar		4	60		
	Soma Disciplinas		16	240		
TUR 0021	Estágio I			90		
	Atividade Complementares			60		

7º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0105	Elaboração e Avaliação de Projetos Turísticos		4	60	TUR 0015	
	Disciplina Complementar		4	60		
	Disciplina Complementar		4	60		
	Soma Disciplinas		12	180		
TUR 0022	Estágio II			180	TUR 0021	
TUR 0042	Atividade Obrigatória (Monografia I)			30		

8º SEMESTRE

Código	DISCIPLINA/ATIVIDADE	OBR	CR	CH	Requisito	Co/Pré
TUR 0024	Gestão da Qualidade dos Serviços Turísticos		4	60	TUR 0001	
	Disciplina Complementar		4	60		
	Disciplina Complementar		2	30		
	Soma Disciplinas		10	150		
TUR 0043	Atividade Obrigatória (Monografia II)			90	TUR 0042	

QUADRO DE EQUIVALÊNCIA I

Disciplinas do currículo vigente:			Disciplinas do currículo proposto:		
Cód	Denominação	CR	Cód	Denominação	CR
DIM 0103	Introdução a Informática	04	TUR 0103	Sistema de Informação em Turismo	04
DEF 0020	Teoria do Lazer	04	DEF	Lazer, Animação e Desenvolvimento Humano	04
LET 0029	Língua Inglesa IX	04	LET	Língua Inglesa I	04
DEH 0063	Elementos do Patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro	04	DEH	Elementos do Patrimônio histórico, artístico e cultural brasileiro	04
DPU 0040	Noções de Direito	04	DPU	Noções de Direito E Legislação Turística	04
LET 0030	Língua Inglesa X	04	LET	Língua Inglesa II	04
TUR 0007	Agências de Viagens e planejamento de roteiros turísticos	04	TUR	Agências de viagens e elaboração de roteiros	04

DIM 0104	Software aplicativos	04	TUR 0103	Sistemas de informação em turismo	04
TUR 0017	Administração da propriedade hoteleira	04	TUR 0102	Gestão do Patrimônio Físico	04
TUR 0019	Gestão de Hóteis	04	TUR 0016	Administração Hoteleira I	04
TUR 0020	Elaboração e implementação de pacotes de animação turística	04	DEF	Programa de recreação, lazer e turismo	04
DEF 0022	Dinâmica multicultural de grupos em turismo	04	DEF	Dinâmica recreativas de grupo e espaços	04
TUR 0032	Animação e desenvolvimento humano	04	DEF	Lazer, animação e desenvolvimento humano	04
TUR 0028	Organização e técnicas de animação em viagens	04	DEF	Programa de recreação, lazer e turismo	04
DEF 0021	Dinâmica multicultural dos espaços e equipamentos de lazer	04	DEF	Dinâmicas recreativas de grupos e espaços	04

10. METODOLOGIA

A proposta pedagógica do Curso não está restrita à sua estrutura curricular. A formação integral do Bacharel em Turismo exige o envolvimento do aluno em atividades de pesquisa e de extensão universitárias essenciais ao desenvolvimento de suas competências e habilidades. Para isto, a nova conformação da estrutura contempla esta perspectiva ao incluir em cada nível um espaço para as denominadas atividades complementares, capazes de abrigar uma larga gama de atividades empreendidas por alunos sob a tutela de professores, ou mesmo por iniciativa individual, desde que considerada como relevante para seu desenvolvimento acadêmico e conformada na regulamentação específica correspondente.

O atendimento aos interesses individuais de formação profissional enfatizado no Tema de Estudos VIII, deverá ser iniciado ainda na ocupação desses espaços, ou seja, o aluno pode dirigir, desde o início, suas atividades eletivas para a participação em projetos, eventos, disciplinas de outros departamentos, etc, que irão agregar às suas competências, elementos fundamentais e diferenciais para o exercício de sua profissão no futuro. É a articulação sistêmica entre as dimensões das competências e das habilidades que o egresso alcançará a plena formação e atingirá o nível de capacitação necessário para atuar com eficácia profissional.

Estas atividades permitem ao aluno personalizar sua capacitação profissional a partir do perfil genérico proposto pelo curso. Ou seja, a proposta pedagógica sistematiza o conteúdo relevante e compõe o alicerce do conhecimento sobre o turismo, indicando as oportunidades de atuação profissional; as atividades complementares irão representar o acabamento desta construção, os traços personalizados, a oportunidade de dirigir as áreas ou temas de interesse específico, como podem ser a de atuar na docência acadêmica, ou como executivo de negócios, ou planejador institucional, ou liderança legislativa, ser um empreendedor, entre outras alternativas.

10.1 Disciplinas Complementares

O aluno deverá cursar, no mínimo, 120 horas em disciplinas complementares, as quais podem ser escolhidas dentre as listadas abaixo. Caso deseje, o aluno poderá escolher disciplinas extracurriculares, conforme prevê a legislação da UFRN.

Código	Disciplina	Créditos	Carga Horária
DIM 0103	Introdução a Informática	04	60
TUR 0101	Gestão Ambiental	04	60
TUR 0016	Administração Hoteleira I	04	60
TUR 0007	Agência de Viagens e Elaboração de Roteiros	04	60
TUR 0018	Administração Hoteleira II	04	60
TUR 0011	Administração de Custos em Turismo	04	60

TUR 0102	Gestão do Patrimônio Físico	04	60
TUR 0015	Planejamento do Produto Turístico	04	60
TUR 0012	Gestão de Eventos	04	60
TUR 0104	Empreendedorismo	04	60
LET 0297	Língua espanhola III	04	60
ART 0073	Estratégia do Desenvolvimento Humano	04	60
TUR 0008	Introdução a Administração Hoteleira	04	60
TUR 0029	Comunicação e promoção turística	04	60
DGE 0152	Ecoturismo	04	60
TUR 0014	Legislação Turística	02	30
DSN 0075	Fundamentos da organização dos serviços de alimentação	04	60
TUR 0030	Planejamento Estratégico em Hotéis	04	60
TUR 0027	Planejamento de lucros e decisão da indústria hoteleira	04	60
DSN 0076	Introdução a Saúde e Nutrição	04	60
TUR 0033	Mercados e Entretenimentos	04	60
ART 0072	Estratégia de Desenvolvimento artístico e cultural	04	60
DEH 0027	Museologia	04	60
ART 0006	Folclore Brasileiro	04	60
DSN 0077	Cozinhas Regionais e serviços de mesa	04	60
LET 0019	Língua Francesa IX	04	60
LET 0020	Língua Francesa X	04	60
DEF 0023	Pesquisa aplicada ao lazer	04	60
DEF 0024	Atividade física em turismo	04	60
DEF 0023	Ecoturismo e Educação	04	60
DAN 0006	Natureza e Cultura	04	60
DAN 0012	Cultura e Meio Ambiente	04	60
DAN 0013	Antropologia Econômica	04	60
DAN 0015	Antropologia Política	04	60
DAN 0018	Cultura Brasileira	04	60
DAN 0032	Mudança sócio-cultural e antropologia aplicada	04	60
TUR 0112	Seminário I	02	30
TUR 0113	Seminário II	02	30
TUR 0108	Tópicos Especiais I	02	30
TUR 0109	Tópicos Especiais II	02	30
TUR 0110	Tópicos Especiais III	02	30
TUR 0111	Tópicos Especiais IV	02	30

10.2 Atividades Complementares

O aluno poderá realizar até 120 horas em atividades de extensão, pesquisa e outras constantes em regulamento próprio a ser aprovado pelo Colegiado do Curso. São elas:

- Monitoria reconhecida pela Pró-Reitoria Acadêmica;
- Monitoria voluntária reconhecida pelo Departamento de Ciências Administrativas, conforme projeto apresentado pelo professor da disciplina ou chefe do departamento;
- Atividade de iniciação científica;
- Comunicação feita em seminários ou congêneres científicos de âmbito local, regional ou nacional;
- Publicações em periódicos especializados, anais de congressos e similares;

- Participação em projetos de extensão;
- Participação em seminários, congressos, encontros estudantis; Projetos desenvolvidos na Empresa Júnior – UNIVERSITUR.

Vale salientar que, se assim o desejar, o aluno poderá integralizar as horas correspondentes às atividades complementares através de disciplinas optativas.

10.3 Estágio Curricular e Monografia

O Estágio Curricular do Curso de Turismo, conforme Art. 5º das Normas Internas do Curso, se constitui em disciplinas de caráter obrigatório, denominado ESTÁGIO I e ESTÁGIO II (TUR 021 e TUR 022), tendo como objetivo a complementação profissional do aluno.

O Estágio Curricular terá a sua aplicação e operacionalização regida pela Resolução nº178/92- CONSEPE, de 22 de setembro de 1992 e pelo Manual de Estágio do Curso de Turismo.

Nenhum aluno poderá obter o grau de Bacharel em Turismo sem ter cumprido as exigências relativas ao Estágio Curricular.

O Estágio terá duração de 270 horas, sendo 90 horas para Estágio I e 180 para o Estágio II. Os Estágios I e II serão realizados no 6º e 7º períodos letivos, respectivamente.

Os campos de Estágio para o exercício profissional dos alunos do Curso de Turismo, deverão ser as Entidades Públicas e Privadas ligadas ao Turismo, aprovadas pelo Colegiado do Curso, que permitam a aplicabilidade dos conhecimentos teóricos, aliando desta forma, a teoria à prática. Para tanto serão firmados convênios através da Coordenação de Estágio do Curso de Turismo.

O Estágio Curricular poderá também ser realizado no Laboratório do Curso de Turismo desde que seja desenvolvido através de projetos de Pesquisa ou criação e montagem de empresa, devendo ser acompanhado diretamente por um professor orientador.

Os programas das Disciplinas Estágio Supervisionado I e II são de responsabilidade do Departamento de Ciências Administrativas, devendo a sua estrutura e conteúdo atender as exigências e especificidades do Curso de Turismo. O Estágio I deverá preparar e orientar o aluno para a realização de estágio de campo, nas empresas, empreendimentos, negócios e instituições ligadas ao Turismo, como também possibilitar a elaboração de um Plano de Trabalho a ser executado no Estágio II.

Durante o Estágio II, o aluno deverá executar na entidade conveniada o projeto elaborado durante o Estágio I. Essas atividades deverão ter o acompanhamento e orientação de supervisor de ensino, além de servir de base para a elaboração do Relatório de Prática de Estágio, a ser entregue no final do semestre.

Cabe à Coordenação do Curso, junto à Chefia do Departamento de Ciências Administrativas, promover abertura de vagas, cadastrar e credenciar as Entidades para estabelecer convênios com a UFRN.

O encaminhamento do aluno às Instituições conveniadas deverá ser feito através da Coordenação do Curso de Turismo.

O acompanhamento e a supervisão das atividades desenvolvidas pelo estagiário têm caráter obrigatório e são realizadas tanto pelo supervisor de ensino da UFRN, como pelo supervisor de campo da Instituição. Na ausência de um profissional de nível superior na Instituição, o supervisor de ensino poderá assumir também essa responsabilidade.

No Estágio I o aluno deverá elaborar um projeto de trabalho a ser desenvolvido no Estágio II. Ao final do Estágio II o aluno deverá apresentar um trabalho escrito de suas atividades, para uma banca examinadora composta por três professores, sendo um deles obrigatoriamente o professor orientador.

O trabalho deve ser apresentado em três cópias impressas de acordo com as diretrizes da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

O Estágio Curricular é submetido a 03 (três) avaliações, de acordo com o Art. 5º da Resolução nº273/81 – Consepe, de 03 de dezembro de 1981, sendo que:

A nota da 1ª avaliação é dada pelo Supervisor de Campo e terá peso 4;

A nota da 2ª avaliação é dada pelo Supervisor de Ensino e terá peso 5;

A nota da 3ª avaliação é a média aritmética das notas conferidas ao trabalho pelos membros da Banca Examinadora do Estágio, com base no Trabalho Escrito e na apresentação oral do aluno e terá peso 6.

11. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO

11.1 Sistema de Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem

O Sistema de avaliação do processo de ensino-aprendizagem levará em consideração o estabelecido e disciplinado pela Resolução nº273/81-CONSEPE, de 03 de dezembro de 1981. Como orientação para a avaliação será utilizado o perfil profissional desejado no que se refere ao nível de elaboração, reflexão, articulação, coerência e criticidade dos conhecimentos necessários ao entendimento e interferência sobre os fenômenos turísticos, bem como os fatores indicados nas competências necessárias para o exercício profissional.

O processo avaliativo deverá envolver aspectos de natureza qualitativa e quantitativa que, fazendo uso de instrumentos variados como prova escrita, organização e apresentação de seminários, participação nas atividades de sala de aula e de laboratórios, relatórios diversos, possibilite a mensuração do domínio e problematização de conteúdos teórico-empíricos e das competências e habilidades inerentes à formação do bacharel.

11.2 AVALIAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

A avaliação se dará numa perspectiva contínua, evidenciando os acertos e dificuldades na implementação do projeto, objetivando o seu redimensionamento em termos de potencialidades e fragilidades configuradas no processo. Para tanto, o Projeto deverá ser avaliado semestralmente, envolvendo os alunos e professores na perspectiva de discutir e analisar as proposições do projeto quanto ao perfil, objetivos, competências e habilidades desejadas e as ações implementadas.

Além desses aspectos, também serão avaliadas as condições infra-estruturais disponibilizadas para o desempenho das atividades acadêmicas. Outros procedimentos de avaliação a serem utilizados serão definidos no decorrer do próprio processo, a partir das necessidades evidenciadas pelos agentes envolvidos no seu desenvolvimento.

12. BIBLIOGRAFIA

Almeida, Maria D. (org). **Projeto Político-Pedagógico**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Editora UFRN, 2000.

Diretrizes Curriculares



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

RESOLUÇÃO Nº 13, DE 24 DE NOVEMBRO DE 2006 (*)

Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências.

O Presidente da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no art. 9º, § 2º, alínea “c”, da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131, de 25 de novembro de 1995, tendo em vista as diretrizes e os princípios fixados pelos Pareceres CNE/CES nºs 776, de 3/12/97, e 583, de 4/4/2001, e as Diretrizes Curriculares Nacionais elaboradas pela Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo – CEETur/DEPES, propostas ao CNE pela SESu/MEC, considerando o que consta dos Pareceres CNE/CES nºs 67, de 11/3/2003, 288, de 6/11/2003, e 210, de 8/7/2004, homologados pelo Senhor Ministro de Estado da Educação, respectivamente, em 2/6/2003, em 12/4/2004, e em 23/9/2004.

RESOLVE:

Art. 1º A presente Resolução institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo, Bacharelado, a serem observadas pelas Instituições de Educação Superior em sua organização curricular.

Art. 2º A organização do curso de que trata esta Resolução se expressa através do seu Projeto Pedagógico, abrangendo o perfil do formando, as competências e habilidades, os componentes curriculares, o estágio curricular supervisionado, as atividades complementares, o sistema de avaliação, a monografia, o projeto de iniciação científica ou o projeto de atividade como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, componente opcional da IES, além do regime acadêmico de oferta e de outros aspectos que tornem consistente o referido projeto pedagógico.

§ 1º O projeto pedagógico do curso, além da clara concepção do curso de graduação em Turismo, com suas peculiaridades, seu currículo pleno e sua operacionalização, abrangerá, sem prejuízo de outros, os seguintes elementos estruturais:

- I - objetivos gerais do curso, contextualizados em relação às suas inserções institucional, política, geográfica e social;
- II - condições objetivas de oferta e a vocação do curso;
- III - cargas horárias das atividades didáticas e da integralização do curso;
- IV - formas de realização da interdisciplinaridade;
- V - modos de integração entre teoria e prática;
- VI - formas de avaliação do ensino e da aprendizagem;
- VII - modos da integração entre graduação e pós-graduação, quando houver;

(*) Resolução CNE/CES 13/2006. Diário Oficial da União, Brasília, 28 de novembro de 2006, Seção 1, p. 96

VIII - incentivo à pesquisa, como necessário prolongamento da atividade de ensino e como instrumento para a iniciação científica;

IX - concepção e composição das atividades de estágio curricular supervisionado, suas diferentes formas e condições de realização, observado o respectivo regulamento;

X- concepção e composição das atividades complementares.

§ 2º O Projeto Pedagógico do curso de graduação em Turismo poderá admitir Linhas de Formação Específicas, direcionadas para diferentes áreas ocupacionais relacionadas com o turismo, abrangendo os segmentos ecológicos e ambientais, econômicos, culturais, de lazer, de intercâmbio de negócios e promoção de eventos e serviços, para melhor atender as necessidades do perfil profissiográfico que o mercado ou a região exigirem.

§3º Com base no princípio de educação continuada, as IES poderão incluir no Projeto Pedagógico do curso o oferecimento de cursos de pós-graduação *lato sensu*, nas respectivas modalidades, de acordo com as efetivas demandas do desempenho profissional.

Art. 3º O curso de graduação em Turismo deve ensejar, como perfil desejado do graduando, capacitado e aptidão para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento, observados os níveis graduais do processo de tomada de decisão, apresentando flexibilidade intelectual e adaptabilidade contextualizada no trato de situações diversas, presentes ou emergentes, nos vários segmentos do campo de atuação profissional.

Art. 4º O curso de graduação em Turismo deve possibilitar a formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

I - compreensão das políticas nacionais e regionais sobre turismo;

II - utilização de metodologia adequada para o planejamento das ações turísticas, abrangendo projetos, planos e programas, com os eventos locais, regionais, nacionais e internacionais;

III - positiva contribuição na elaboração dos planos municipais e estaduais de turismo;

IV - domínio das técnicas indispensáveis ao planejamento e à operacionalização do Inventário Turístico, detectando áreas de novos negócios e de novos campos turísticos e de permutas culturais;

V - domínio e técnicas de planejamento e operacionalização de estudos de viabilidade econômico-financeira para os empreendimentos e projetos turísticos;

VI - adequada aplicação da legislação pertinente;

VII - planejamento e execução de projetos e programas estratégicos relacionados com empreendimentos turísticos e seu gerenciamento;

VIII - intervenção positiva no mercado turístico com sua inserção em espaços novos, emergentes ou inventariados;

IX - classificação, sobre critérios prévios e adequados, de estabelecimentos prestadores de serviços turísticos, incluindo meios de hospedagens, transportadoras, agências de turismo, empresas promotoras de eventos e outras áreas, postas com segurança à disposição do mercado turístico e de sua expansão;

X - domínios de técnicas relacionadas com a seleção e avaliação de informações geográficas, históricas, artísticas, esportivas, recreativas e de entretenimento, folclóricas, artesanais, gastronômicas, religiosas, políticas e outros traços culturais, como diversas formas de manifestação da comunidade humana;

XI - domínio de métodos e técnicas indispensáveis ao estudo dos diferentes mercados turísticos, identificando os prioritários, inclusive para efeito de oferta adequada a cada perfil do turista ;

XII - comunicação interpessoal, intercultural e expressão correta e precisa sobre aspectos técnicos específicos e da interpretação da realidade das organizações e dos traços culturais de cada comunidade ou segmento social;

XIII - utilização de recursos turísticos como forma de educar, orientar, assessorar, planejar e administrar a satisfação das necessidades dos turistas e das empresas, instituições públicas ou privadas, e dos demais segmentos populacionais;

XIV - domínio de diferentes idiomas que ensejem a satisfação do turista em sua intervenção nos traços culturais de uma comunidade ainda não conhecida;

XV - habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos;

XVI - integração nas ações de equipes interdisciplinares e multidisciplinares, interagindo criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;

XVII - compreensão da complexidade do mundo globalizado e das sociedades pós-industriais, onde os setores de turismo e entretenimento encontram ambientes propícios para se desenvolverem;

XVIII - profunda vivência e conhecimento das relações humanas, de relações públicas, das articulações interpessoais, com posturas estratégicas do êxito de qualquer evento turístico;

XIX - conhecimentos específicos e adequado desempenho técnico-profissional, com humanismo, simplicidade, segurança, empatia e ética.

Art. 5º Os cursos de graduação em Turismo deverão contemplar, em seu Projeto Pedagógico e em sua organização curricular, os seguintes campos interligados de formação:

I - Conteúdos Básicos: estudos relacionados com os aspectos sociológicos, antropológicos, históricos, filosóficos, geográficos, culturais e artísticos, que conformam as sociedades e suas diferentes culturas;

II - Conteúdos Específicos: estudos relacionados com a Teoria Geral do Turismo, Teoria da Informação e da Comunicação, estabelecendo ainda as relações do turismo com a administração, o direito, a economia, a estatística e a contabilidade, além do domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira;

III - Conteúdos Teórico-Práticos: estudos localizados nos respectivos espaços de fluxo turístico, compreendendo visitas técnicas, inventário turístico, laboratórios de aprendizagem e de estágios.

Art. 6º A organização curricular do curso de graduação em Turismo estabelecerá expressamente as condições para a sua efetiva conclusão e integralização curricular, de acordo com os seguintes regimes acadêmicos que as Instituições de Educação Superior adotarem: regime seriado anual; regime seriado semestral; sistema de créditos com matrícula por disciplina ou por módulos acadêmicos, com a adoção de pré-requisitos, atendido o disposto nesta Resolução.

Art. 7º O Estágio Curricular Supervisionado é um componente curricular obrigatório, indispensável à consolidação dos desempenhos profissionais desejados, inerentes ao perfil do formando, devendo cada Instituição, por seus colegiados superiores acadêmicos, aprovar o respectivo regulamento de estágio, com suas diferentes modalidades de operacionalização.

§ 1º O estágio de que trata este artigo poderá ser realizado na própria IES, mediante laboratórios especializados, sem prejuízo das atividades de campo, nos diversos espaços onde possam ser inventariados e coligidos traços significativos do acervo turístico, segundo as diferentes áreas ocupacionais de que trata o § 2º do art. 2º desta Resolução, abrangendo as diversas ações teórico-práticas, desde que sejam estruturadas e operacionalizadas, de acordo com a regulamentação própria prevista no *caput* deste artigo.

§ 2º As atividades de estágio poderão ser reprogramadas e reorientadas de acordo com os resultados teórico-práticos gradualmente revelados pelo aluno, até que os responsáveis pelo estágio curricular possam considerá-lo concluído, resguardando, como padrão de qualidade, os domínios indispensáveis ao exercício da profissão.

Art. 8º As Atividades Complementares são componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos e competências do aluno, inclusive

adquiridas fora do ambiente acadêmico, abrangendo a prática de estudos e atividades independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, especialmente nas relações com o mundo do trabalho, com as peculiaridades das diversas áreas ocupacionais que integram os segmentos do mercado do turismo, bem assim com as ações culturais de extensão junto à comunidade.

Parágrafo único. As Atividades Complementares se constituem componentes curriculares enriquecedores e implementadores do próprio perfil do formando, sem que se confundam com estágio curricular supervisionado.

Art. 9º O Trabalho de Conclusão de Curso – TCC é um componente curricular opcional da Instituição que, se o adotar, poderá ser desenvolvido nas modalidades de monografia, projeto de iniciação científica ou projetos de atividades centrados em áreas teórico-práticas e de formação profissional relacionadas com o curso, na forma disposta em regulamento próprio.

Parágrafo único. Optando a Instituição por incluir, no currículo do curso de graduação em Turismo, Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, nas modalidades referidas no *caput* deste artigo, deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismos de avaliação, além das diretrizes técnicas relacionadas com a sua elaboração.

Art. 10. As Instituições de Educação Superior deverão adotar formas específicas e alternativas de avaliação, internas e externas, sistemáticas, envolvendo todos quantos se contenham no processo do curso, observados os aspectos considerados fundamentais para a identificação do perfil do formando.

Parágrafo único. Os planos de ensino, a serem fornecidos aos alunos antes do início do período letivo, deverão conter, além dos conteúdos e das atividades, a metodologia do processo de ensino-aprendizagem, os critérios de avaliação a que serão submetidos e a bibliografia básica.

Art. 11. A carga horária dos cursos de graduação será estabelecida em Resolução específica da Câmara de Educação Superior.

Art. 12. As Diretrizes Curriculares Nacionais desta Resolução deverão ser implantadas pelas Instituições de Educação Superior, obrigatoriamente, no prazo máximo de dois anos, aos alunos ingressantes, a partir da publicação desta.

Parágrafo único. As IES poderão optar pela aplicação das DCN aos demais alunos do período ou ano subsequente à publicação desta.

Art. 12. Tratando-se de curso de graduação, licenciatura plena, destinada à formação de professores para atuação na educação básica, os projetos pedagógicos observarão as Diretrizes Curriculares Nacionais próprias.

Art. 13. Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se a Resolução s/nº, de 28 de janeiro de 1971.

ANTÔNIO CARLOS CARUSO RONCA
Presidente da Câmara de Educação Superior